

CAIO ANDRÊO SILVA

MASCULINIDADES E VIOLÊNCIAS EM NARRATIVAS DE VIDA DE
JOVENS EM CONFLITO COM A LEI

ASSIS

2014

CAIO ANDRÊO SILVA

MASCULINIDADES E VIOLÊNCIAS EM NARRATIVAS DE VIDA DE
JOVENS EM CONFLITO COM A LEI

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia (Área do
conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Dr. Leonardo Lemos de Souza

ASSIS

2014

CAIO ANDRÉO SILVA

MASCULINIDADES E VIOLÊNCIAS EM NARRATIVAS DE
VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI

Dissertação apresentada à Faculdade
de Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestre em
Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 18/12/2014

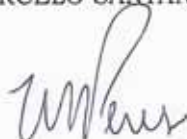
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. LEONARDO LEMOS DE SOUZA - UNESP/Assis



Membros: PROF. DR. MARCELO SANTANA FERREIRA - UFF/Rio de Janeiro



PROF. DR. WILIAM SIQUEIRA PERES - UNESP/Assis

*Dedico à memória de minha avó materna, Elisa,
uma mulher forte e batalhadora que me ensinou
muito sobre a vida e a minha mãe, Magali,
detentora de grande sabedoria e amor.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza que me deu um voto de confiança para o desenvolvimento desta pesquisa, e que sempre foi muito solícito quando das minhas dúvidas e com quem aprendi muito durante esse período.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa pelo período de dois anos.

Aos/às funcionários, colegas e professores da Pós-Graduação em Psicologia da UNESP/Assis; os primeiros por sempre terem sido muito solícitos quando precisei; os segundos e terceiros, por contribuíram com discussões de temas que fizeram parte dessa pesquisa.

Ao professor Dr. José Luiz Guimarães (*in memoriam*), que me despertou a curiosidade pela pesquisa ainda no primeiro ano de graduação e a quem sou muito grato por todos os ensinamentos obtidos.

À professora Dra. Elizabeth Piemonte Constantino, por ter me proporcionado momentos valiosos de grande aprendizagem que foram essenciais para meu amadurecimento como pesquisador.

Ao professor Dr. Wiliam Siqueira Peres, por ter possibilitado a ampliação de discussões através das aulas na graduação, do estágio curricular e agora da Pós-Graduação, com suas problematizações e provocações.

Ao professor Dr. Marcelo Santana Ferreira, que contribuiu muito com suas sugestões para o melhor aprimoramento da pesquisa.

Ao meu grande amigo André Tokuda, parceiro de congressos científicos e companheiro no cotidiano com longas conversas que me ajudaram a enfrentar momentos de dúvidas e angústias.

Aos jovens participantes que, através de suas narrativas de vida, atribuíram sentido a essa dissertação de modo muito rico.

Aos profissionais do Instituto da Criança e do Adolescente (ICA), especialmente o Gustavo, Geisa e Carolina, que me acolheram desde o início da proposta da pesquisa e possibilitaram o primeiro contato, bem como, a realização das entrevistas com os jovens.

A todo pessoal do GEPS (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidade), em especial Danielle Barreto, Rogério, Adriana, Anna Paula, Aline, Bárbara, Fábio, Márcio e Danielly, que tive o imenso prazer de conhecer durante esse período, por ter me proporcionado momentos de muito conhecimento e descontração por meio de nossas noites leves.

Aos meus queridos amigos e queridas amigas de São José dos Campos/SP: Vanessa, Sarah, Alex e Rafael que apoiaram minha decisão nessa empreitada e me acolhem quando retorno.

Aos meus queridos amigos e queridas amigas de Assis/SP: Ana Clara, Letícia, Viotto, Pedro, Francis, Éric, Camila, Alison, Dirceu e Derly que tornaram os dias aqui mais intensos e especiais.

À minha família: minha mãe Magali, por sua sabedoria e carinho que me sempre me guiou; meu pai Osvaldo por sua paciência e presença que me dão forças, meus irmãos Janaína, companheira de longas conversas desde minha graduação e alguém que tenho plena admiração, Gustavo, que me transmitiu sua determinação e leveza com a vida quando precisei e Camila, minha caçula e confidente, que sempre se desdobrou para me ouvir em qualquer momento; e meus primos Renan e Rodolfo, grande incentivadores nesse período. Vocês são a minha base e sempre estiveram presentes quando precisei. Amo vocês!

À minha companheira Deborah, que desde o início me incentivou a prestar o processo seletivo, presente em todos os momentos que precisei. Minha fonte de inspiração e admiração. Amo você!

Meu muito obrigado a todos e todas!

SILVA, Caio Andr o. **Masculinidades e violências em narrativas de vida de jovens em conflito com a lei**. 2014. 156f. Disserta o (Mestrado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

RESUMO

O atual protagonismo de jovens do gênero masculino em atos violentos tem sido verificado em diversos estudos e levantamentos que indicam esses sujeitos como principais vítimas e autores de tais atos; sobretudo, nas camadas mais excluídas da popula o. Embora esses dados não demonstrem nenhuma novidade aparente, a rela o entre masculinidades e a violência ainda   pouco problematizada e conseqentemente permanece naturalizada, fazendo com que as discussões em torno dos aspectos que podem estar envolvidos nessa rela o sejam limitadas. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo descrever o processo de constru o de masculinidades e suas interfaces com a violência, com base em narrativas de vida de jovens do gênero masculino, autores de atos infracionais. Para isso, foram entrevistados quatro jovens com idades entre 16 e 18 anos que cumpriam ou já haviam cumprido medidas socioeducativas dentro de uma institui o socioassistencial localizada num município do interior do estado de São Paulo. As entrevistas narrativas, com dura o em média entre 30 e 60 minutos, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. As análises foram feitas com base na concep o de narrativa de Mikhail Bakhtin e Jerome Bruner, e em outros autores que destacam, dentro de uma perspectiva dialógica, as produ es narrativas como fontes de discursos capazes de desvelar processos de subjetiva o; outro parâmetro analítico foram os estudos sobre masculinidades. Com isso, os resultados sugerem que a rela o entre masculinidades e violência se faz presente mais enquanto uma crença do que um fato realmente consumado. Apesar da intensa convivência com a violência, em suas diversas facetas, e com o lugar de um determinado modo de ser homem, baseado na força, na agressividade e na racionalidade, ao longo de suas vidas, as narrativas puderam apontar outros modos de subjetiva o que não se conectam necessariamente   violência de seus cotidianos, apesar desta ainda estar presente em seus discursos sobre a vida , o outro e si mesmo.

Palavras-chave: Jovens; Masculinidades; Violência; Narrativas; Subjetividades

SILVA, Caio Andréo. **Masculinities and violence in life's narratives of young in conflict with the law.** 2014. 156f. Dissertation (Masters Degree in Psychology). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

ABSTRACT

The current protagonism of male gender youths in violent acts have been verified in several studies and appointments that lead them as the main victims and authors of such acts, especially at the underprivileged sections of society. Although this data is not apparently surprising the relation between masculinity and violence has not been focused and, therefore, still be naturalized limiting all discussions concerning this issue. In this way, this survey aims at describing the construction process of masculinities and its interface with violence, taking into account narratives from youths who had committed an offense. For this, we interviewed four teenagers (aged varied from 14 to 16 years old) who had been sent or had already spent time at a young offenders' institution, located in a city in the countryside of São Paulo State. Their narratives took between thirty to sixty minutes and were recorded and then transcribed. The analyses were conducted based on the narrative conceptions of Mikhail Bakhtin, Jerome Bruner and other authors who highlight, from a dialogic perspective, narrative productions as sources of discourses which uncover subjectivation processes as well as in studies about masculinities. The results suggest that the relation between masculinities and violence is more of a belief than a fait accompli. In spite of being extremely exposed to violence and its variations, and performing a certain expected way to be man, based on strength, aggressiveness and rationality all over their lives, the narratives pointed out other modes of subjectivation not necessarily connected to being violent, despite of this notion still be present in their discourses about life, the others and himself.

Keywords: Young; Masculinities; Violence; Narratives; Subjectivities

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| APRESENTAÇÃO | 10 |
| 1 Juventude, Masculinidades e Violências | 13 |
| 1.1 Problematizações acerca da juventude como tempo da vida: atravessamentos genealógicos, históricos e culturais..... | 15 |
| 2 Breve introdução sobre os estudos acerca das masculinidades | 24 |
| 2.1 Masculinidade hegemônica, outras masculinidades: entre poder, dominação e violência..... | 25 |
| 2.2 Do sistema sexo-gênero aos estudos <i>queers</i> | 32 |
| 2.3 Das relações de gênero às masculinidades: origens e vertentes | 35 |
| 2.4 Como se constituem as diversas masculinidades?..... | 45 |
| 3 Narrativas e masculinidades | 51 |
| 3.1 Masculinidades nas narrativas dos jovens participantes..... | 59 |
| 4 Eixos temáticos de análise das narrativas..... | 64 |
| 4.1 Relação entre os bailes funks com masculinidades, poder e violência..... | 64 |
| 4.2 Violências familiares e estruturais na subjetivação juvenil..... | 70 |
| 4.3 Relações de violências de gênero e masculinidades presentes nas relações afetivas..... | 79 |
| 5 Considerações finais..... | 90 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 95 |
| ANEXOS..... | 103 |
| Anexo 01 - Entrevista 01 – Pedro (nome fictício)..... | 103 |
| Anexo 02 - Entrevista 02 – Leandro (nome fictício)..... | 123 |
| Anexo 03 - Entrevista 03 – Júnior (nome fictício)..... | 135 |
| Anexo 04 - Entrevista 04 – Márcio (nome fictício)..... | 144 |
| Anexo 05 – Parecer do Comitê de Ética..... | 154 |

APRESENTAÇÃO

O interesse pela presente investigação surgiu a partir da grande exposição que é dada à juventude, especialmente do gênero masculino, que está diretamente envolvido com as violências, seja enquanto vítimas e autores da mesma. O foco sobre as questões que envolvem a juventude, por mais que diversos avanços em termos de leis e diretrizes, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e mais recentemente o Estatuto da Juventude (2013), tenham atuado na mudança de paradigmas, ainda pauta-se na visão do jovem tomado por uma noção de incompletude, um vir-a-ser que ainda não é (adulto) e necessita ser corrigido e lapidado para que não se torne um problema para a sociedade e o Estado, seja na sua condição de adulto ou mesmo de jovem.

Os veículos de comunicação, no que tange seu envolvimento com as violências, contribuem para a estigmatização e para a exclusão desses jovens ao noticiarem de forma reivindicativa a questão da redução da maioridade penal quando tratam de casos que envolvem atos violentos cometidos por menores de dezoito anos, empregando formas de tratamento que na maioria das vezes se vale de expressões tais como *menor e delinquente*¹.

No cerne dessa problemática, caberia a seguinte questão: por que o gênero masculino é mais frequentemente associado a tais atos? Por mais que esses dados sejam tão claramente demonstrados através de recentes levantamentos², não se questiona o modo pelo qual essa relação é construída e constituída e se há, de fato, uma correlação baseada nas questões de gênero e sexualidade. A naturalização desse interjogo mostra em muitos casos que ainda

¹ Algumas notícias envolvendo atos violentos mais graves amplamente divulgadas pela mídia, como o latrocínio ocorrido contra um jovem em São Paulo (SP), em 2013, cometido por outro jovem que completaria 18 anos em três dias, o latrocínio cometido por jovens com menos de 18 anos contra uma dentista em São Paulo (SP) no mesmo período (<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/entre-os-que-meteram-fogo-na-dentista-um-menor-em-tres-anos-estara-nas-ruas-sob-o-aplause-de-maria-do-rosario-gilberto-carvalho-e-dilma-rousseff/>); e o homicídio contra uma criança no Rio de Janeiro, em 2007, em que um dos envolvidos também não tinha completado 18 anos, (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR77294-6009,00.html>; <https://acidblacknerd.wordpress.com/2013/04/30/euvi-o-caso-de-menino-joao-helio-e-a-reducao-da-maioridade-penal/>) são exemplos que trazem à tona a questão da redução da maioridade penal com o uso de termos depreciativos e pelo viés do discurso moralizante.

² O último Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo aos Adolescentes em Conflito com a Lei (2010) mostrou que 95% dos jovens do gênero masculino cumpriam medidas socioeducativas em meio fechado (internação e semiliberdade). Já o último Mapeamento Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (2007), revelou 88,1% dos jovens do gênero masculino que cumpriam medidas socioeducativas em meio aberto (prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida).

temos que avançar nessas discussões e problematizar os fatores que intermedeiam a questão. Pretende-se aqui apontar alguns elementos que podem indicar maior ampliação acerca dessa temática.

Somado a isso, durante minha graduação no curso de Psicologia, me despertou a atenção à relação entre a juventude e a violência dentro da área de desenvolvimento humano e políticas públicas. Logo em meu primeiro ano desenvolvi o projeto interdisciplinar de iniciação científica, intitulado: *A percepção de adolescentes em conflito com a lei sobre medidas sócio-educativas cumpridas no projeto “Jovens em Ação”*, que colocou em protagonismo os jovens e suas visões sobre as medidas socioeducativas que cumpriam dentro de uma instituição socioassistencial.

Em seguida, dei seguimento ao interesse por esse tema em meu terceiro ano de graduação através do estágio básico, quando participei do projeto intitulado *Negociando resiliência - processos protetivos de adolescentes em contextos potenciais de risco*, que colocou novamente em protagonismo jovens que foram expostos a adversidades e avaliados como riscos potenciais ao desenvolvimento (trabalho infantil, violência sexual, deficiência física e pobreza urbana), que demonstraram sinais de um desenvolvimento positivo.

Com o início dos estágios curriculares, passei a atuar com egressos das medidas socioeducativas dentro de uma entidade socioassistencial, além de realizar oficinas semanais com crianças e jovens que se encontravam em situação de vulnerabilidade social em outra instituição socioassistencial. Em meio a esses estudos e práticas, durante a graduação tive acesso à disciplina *Psicologia, Gêneros e Processos de Subjetivação* que me fez reunir novos elementos para problematizar outras questões que envolvem as relações entre juventude e violência. Os estudos de gênero e sexualidade, nesse sentido, tornaram-se uma ferramenta que me possibilitou articular com essas, outras questões que já estudava e com as quais estava diretamente envolvido nas práticas.

Desse modo, o interesse nessa pesquisa foi resultado de anos de leituras, intervenções, descobertas e, principalmente, indagações e incômodos que me motivaram a embarcar nessa temática que hoje envolvem os conceitos de juventude, masculinidades, violência e seus diversos desdobramentos.

Apresentado esse panorama, a presente investigação tem como objetivo geral descrever o processo de produção de masculinidades e suas interfaces com a violência através

de narrativas autobiográficas de jovens do gênero masculino que cumprem ou já cumpriram medidas socioeducativas. De modo complementar, também foi objetivo desta investigação identificar, dentro de uma perspectiva de gênero, valores, práticas e significados construídos pelos jovens sobre o ato infracional e o atual cumprimento das medidas socioeducativas.

Para isso, o texto foi pensado em cinco capítulos: o primeiro visa problematizar o conceito de juventude, fazendo uma aproximação com a história e a cultura. O segundo capítulo apresenta os estudos sobre masculinidades, passando pelos estudos de gênero e sexualidade até chegar ao conceito de masculinidade hegemônica, que é também relacionada com os conceitos de violência e juventude.

O terceiro capítulo é referente ao desenho metodológico e traz informações sobre os participantes da pesquisa, o modo como realizamos as entrevistas, sua forma de análise a partir de uma perspectiva narrativa como organizadora da experiência do sujeito, bem como, os fundamentos de análise numa perspectiva que considera os processos de subjetivação envolvidos nas relações entre masculinidades e violência.

O quarto capítulo consta de uma análise mais detalhada sobre três eixos temáticos que emergiram das entrevistas narrativas, na respectiva ordem: Relação entre os bailes funks com masculinidades, poder e violência; Violências familiares e estruturais na subjetivação juvenil; Relações de violências de gênero e masculinidades presentes nas relações afetivas.

Por conseguinte, as considerações finais dessa investigação com as discussões trazidas ao longo dos capítulos.

1 Juventudes, masculinidades e violências

A presente pesquisa partiu, como ficou exposto na apresentação, do atual contexto de protagonismo da juventude do gênero masculino enquanto autores e vítimas de violências. Mais de perto, estamos tomando como eixo de problematização as masculinidades inseridas nestes atravessamentos em suas possíveis composições.

Esse protagonismo é verificado com base em diversos estudos e dados da atualidade (GROSSI, 2004; MINAYO, 1994; OLIVEIRA, 2005; SOUZA, 2005; WELZER-LANG, 2004) que apontam os jovens do gênero masculino como os principais autores e vítimas das violências, sobretudo nas camadas mais excluídas da sociedade.

Apesar dos dados não apresentarem nenhuma novidade aparente, o envolvimento do gênero masculino com a violência muitas vezes tem sido naturalizado por parte de diversos segmentos sociais, e por isso, pouco se tem discutido sobre os aspectos que envolvem essa relação e quais modelos de homens estão associados na construção dos processos de subjetivação dessas masculinidades.

Do mesmo modo, essas instâncias colocam em cena a relação entre juventude, pobreza e violência permeada de visões estigmatizantes que designam o jovem que comete um ato violento como *menor delinquente, criminoso, marginal*, entre outras características depreciativas (ADORNO, BORDINI, LIMA, 1999; LIMA, 2009; VOLPI, 2010).

Durante muito tempo os jovens foram vítimas de negligências e violências, de modo que não houve a promoção de suas emancipações enquanto sujeitos em desenvolvimento, permitindo-se assim, o uso de práticas repressivas e discriminatórias (VOLPI, 2010). Isso pode ser evidenciado, recorrendo-se a uma história mais recente, a partir dos primeiros conjuntos de leis destinados à infância e à juventude, o Código de Menores de 1927, que segundo apurou Marcílio (2006), se pautou no controle de crianças e jovens abandonados e delinquentes. Ainda nesse período, o Estado ficou restrito a controlá-los e puni-los, situação que se modificou apenas na década de 60, quando o próprio Estado se tornou o grande interventor e responsável pela assistência e proteção dos jovens, seguido da criação da Fundação do Bem-Estar do Menor (Funabem), em 1964, e da elaboração do Estatuto do Menor, em 1979. Com o aumento da pobreza urbana e a crescente progressão da violência nas cidades, foram promovidas inúmeras reações organizadas por diversos segmentos sociais,

sobretudo na década de 80, que visaram lutar pelos direitos de crianças e jovens, os quais eram muitas vezes violados pela polícia ou pelas Febems (MARCÍLIO, 2006).

Dentro das Febems, o tratamento oferecido aos jovens considerados infratores pautava-se na lógica repressivo-assistencial, conforme aponta Violante (1985), sistema que tinha como função a adaptação daqueles que eram considerados “antissociais”, nesse caso, o jovem visto como contraventor pelo mundo “socializado”. A institucionalização do jovem na condição de *marginal* era reproduzida pela Febem, pois ele se encontra à margem da sociedade e excluído do acesso a direitos básicos que pudessem lhe oferecer o exercício de suas cidadanias. Nesse sentido, o jovem infrator era considerado o único culpado pela sua condição, explicada por meio de desvios psicológicos que eram vistos como determinantes para esse ingresso na marginalidade (VIOLANTE, 1985).

O próprio sistema penal, segundo afirma Foucault (2006), fez uso da teoria do direito em um primeiro momento para produzir um discurso de verdade, para depois se apoiar em um aparato sociológico, psicológico, médico e psiquiátrico já no século XIX. Ou seja, essa produção sobre o discurso do jovem marginal apenas mudou de paradigma, pois, com essas novas teorias que tomaram a frente dessas questões continuaram a controlar e a excluir esses jovens, agora pelo viés do discurso.

Somente a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, entrou em ação a Doutrina da Proteção Integral que, mais do que uma lei de garantia de direitos, passa a ser uma lei civilizatória, assegurando para aqueles que estiverem em conflito com a mesma, ampla defesa, processo legal e as demais garantias constitucionais. Nesta nova doutrina, crianças e jovens passam a ser vistos como sujeitos em processo de formação, o que lhes abre espaço para o pleno exercício da cidadania.

Embora avanços significativos já tenham sido alcançados após a implantação do estatuto em relação ao atendimento de jovens em conflito com a lei, muito há ainda por se fazer para ampliar e assegurar as condições de efetivação e manutenção das medidas de proteção, dentre elas, as medidas socioeducativas.

Essas medidas são normatizadas pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. O seu processo de construção concentrou-se no que deve ser feito no enfrentamento de situações de violência, que envolvem jovens enquanto autores de ato infracional ou vítimas de violação de direitos no cumprimento de medidas socioeducativas. O SINASE (2006) reafirma a diretriz do Estatuto da criança e do adolescente (ECA, 1990) sobre

a natureza pedagógica da medida socioeducativa e da corresponsabilidade da família, da sociedade e do Estado.

De acordo com o SINASE (2006), as medidas socioeducativas podem ser divididas em seis tipos: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação. As medidas em meio aberto (advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade e liberdade assistida) foram priorizadas em detrimento das restritivas de liberdade (semiliberdade e internação em estabelecimento educacional), haja vista que estas somente devem ser aplicadas em caráter de excepcionalidade e brevidade.

1.1 Problematizações acerca da juventude como tempo da vida: atravessamentos genealógicos, históricos e culturais.

Diretamente envolvidos com o cumprimento das medidas, os jovens e o conceito de juventude remetido a eles, irá envolver diversos critérios históricos e culturais que os constituem em sua diversidade, condição social e pela afirmação de uma masculinidade machista. A escolha por esse conceito e não pelo de adolescência não se coloca como uma simples substituição de nomenclatura, como será exposto a seguir, e nem temos a pretensão em afirmar que essa substituição resolverá os impasses presentes nessa noção.

Conforme apontam Bocco, Coimbra e Nascimento (2005), a figura do adolescente é ditada por um modelo de vida americano que é consumido por boa parte do mundo e que está presente em anúncios, conversas e notícias. Essa tendência fez com que apenas uma única forma de ser jovem fosse reconhecida, a qual ainda conta com o apoio de alguns segmentos da própria psicologia para o seu fortalecimento e propagação.

Nesse sentido, há uma preocupação por parte das autoras a respeito do uso naturalizado do conceito de adolescência, que passa a ser entendido como uma fase universal e a-histórica calcada numa lógica desenvolvimentista que é atravessada por todos e todas de modo similar. Por muito tempo o pensamento psicológico instituiu características que seriam inerentes a essa fase da vida com seus tempos e atributos específicos, e com isso promoveu

através dessas normas a inclusão ou exclusão de sujeitos de acordo com os graus de aproximação a elas.

Essa lógica desenvolvimentista concebeu a adolescência como objeto de atributos da medicina, da biologia e da própria psicologia, tomando tais atribuições como essência, fazendo com que uma identidade adolescente fosse tomada por essa soma de características, tais como a rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, agressividade, impulsividade, entusiasmo, timidez e introspecção. Tal visão enquadra esses jovens em etapas e status padronizados. Com isso, a aceitação dessa identidade fixa condiz com a afirmação de determinados territórios e posicionamentos de ser e estar no mundo de forma cristalizada e imutável, produzindo um modo “correto” de ser e agir. Essa premissa permite a reafirmação da homogeneidade em oposição à multiplicidade e à diferença.

De modo complementar, segundo Bocco, Coimbra e Nascimento (2005), o conceito de adolescência é ainda sustentado pela lógica capitalista através de sua rentabilidade e de acessórios que são designados aos jovens que utilizam de sua força massificante e individualizante, ao mesmo tempo em que são associados dentro de uma etapa universal, a-histórica e homogênea, além da superação individual das dificuldades que lhes são impostas.

Apesar desse cenário, tomamos os jovens enquanto operadores na diferença, criadores e inventores de mecanismos que arquitetam outros espaços que escapam dessa lógica normativa. Nesse sentido, adotamos a preferência pelos termos “jovem” e “juventude”, ao invés de “adolescente” e “adolescência”, seguindo a sugestão das autoras Fernanda Bocco, Cecília Coimbra e Maria Lívia do Nascimento (2005) discutida no texto *Subvertendo o conceito de adolescência*. De modo similar, esses termos indicam, conforme esclarecem essas mesmas autoras, a não referência a uma faixa etária específica e nem a uma série de comportamentos que são reconhecidos como exclusivos dela, sugerindo ao invés de pensar em identidade adolescente, adotar “intensidade juvenil”, destacando as forças que a constituem e atravessam.

De modo consoante, Rogoff (2005) afirma que a juventude se configura enquanto uma invenção cultural, portanto não “natural”, em contextos culturais específicos, e que por um longo período foi tomada como um tempo de transição entre a infância e vida adulta. Nesse sentido, o jovem tinha maiores responsabilidades do que a criança e menores do que o adulto,

sendo esses últimos, seus supervisores. A autora ainda coloca que essas responsabilidades adquiridas dentro de casa eram esquecidas no ambiente escolar que o tratava como criança.

Embora a juventude seja vista em muitas comunidades como uma época que não envolve necessariamente conflitos, em algumas ela é considerada um período de comportamentos rebeldes, de diversas crises emocionais permeadas por atitudes autocentradas. Tal desarmonia nesse momento, segundo Rogoff (2005), pode ser resultado da segregação sofrida pelos jovens quanto a seus papéis produtivos na sociedade, os quais estariam prontos para exercer, mas que são adiados na maioria dos casos até que atinjam a vida adulta.

A própria ideia de juventude teve sua primeira expressão formal, conforme afirma Rogoff (2005), através do psicólogo G. Stanley Hall, em 1882, que tratou sobre seu momento de grave crise, reflexo da agitação e estresse característicos desse período. Mais tarde, essa ideia como um evento separado que envolvia necessariamente uma crise foi questionada por outros estudos, como o de Margareth Mead, apesar das ideias de Hall terem predominado por um longo período. Nessa perspectiva, seu surgimento pode ser atribuído ao final do século XIX, a partir da transformação industrial ocorrida nos Estados Unidos, no momento de transição de uma sociedade agrícola para urbana. Anteriormente a esse processo, no interior de muitas famílias agrícolas, crianças e adultos compartilhavam diversas ações, entre elas o trabalho e o entretenimento. Com a transição do campo para as cidades houve uma grande mudança nessas relações, fazendo com que as crianças, por adquirirem menor função econômica, passassem a se relacionar entre si.

No final do século, Rogoff (2005) afirma que diversos especialistas em educação discutiam sobre riscos e tentações que a vida urbana proporcionava às crianças e jovens, pois seu ambiente surgia como uma “força corruptora”, que por volta de 1900, se concretizou em discussões sobre o problema com gangues e com a “delinquência” juvenil.

Ainda segundo Rogoff (2005), a preocupação de alguns autores com a criação de uma “cultura jovem” que passou a ser representada através de estilos e linguagens próprias, abriu precedentes para que parte da sociedade começasse a tratar a juventude como um período problemático da vida.

Apesar desse tratamento, o conceito de juventude pode ser pensado em cada sociedade a partir de um período histórico determinado e vai lidar de diferentes formas com esse

momento e representá-lo. Com isso, a noção de diversidade, apresentada por Dayrell (2003), está conectada com as condições sociais, culturais (etnia, religião e valores), relações de gênero, regiões geográficas, entre outros aspectos. Entretanto, o próprio autor ressalta algumas imagens em que a juventude pode estar associada, influenciando a maneira pela qual compreendemos os jovens.

Dentre elas está a visão arraigada que se caracterizou pela condição de transitoriedade, um ritual de passagem, na qual a juventude seria uma etapa de preparação para a vida adulta, enfatizando, desse modo, sua tendência negativa, pois era visto como “vir a ser”, o que ainda não é adulto, ou seja, não é “completo”. Dayrell (2003) afirma que essa visão está muito presente nas escolas, que negam o momento atual vivenciado por muitos jovens enquanto espaço válido em suas formações.

Outra imagem presente é a romântica, que foi marcada, a partir da década de 60, pelo crescimento de um mercado de consumo destinado propriamente aos jovens. A juventude era concebida como tempo de liberdade, prazer e a expressão de comportamentos exóticos, noção que a fazia parecer cercada pelo hedonismo e a irresponsabilidade, para o ensaio e o erro, para diversas experimentações nas quais eram reduzidas ao campo da cultura.

Por fim, a juventude também foi associada a uma imagem de crise, por comportar uma fase difícil e repleta de conflitos com a autoestima e a personalidade. Segundo essa visão, havia um distanciamento em relação à família, o que culminou no que muitos consideraram uma possível “crise” dessa instituição.

Tais imagens ligadas a esses modelos de ser jovem, segundo o autor, induziram a diversas análises negativas a respeito da juventude. Desse modo, ele afirma que não foi possível apreender as maneiras pelas quais os jovens constroem suas experiências.

De modo complementar, ao trazer a ideia de uma sociologia da juventude, Pais (1990) apresenta duas tendências, sendo a primeira constituída por sujeitos que processam uma “fase da vida”, priorizando seus aspectos uniformes e homogêneos e a definição de uma geração definida em termos etários através da criação de uma “cultura juvenil”; e a segunda como um conjunto social diversificado, no qual estariam inclusas diferentes culturas, pertencas de classe, situações econômicas, parcelas de poder e interesses e oportunidades ocupacionais. Nessa segunda vertente, a ideia de culturas juvenis é atribuída “a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar”

(PAIS, 1990, p.140). Do mesmo modo, o autor afirma que esses elementos podem ser próprios ou inerentes à fase da vida à qual a juventude é associada.

A juventude tomada como “fase da vida”, segundo Pais (1990), é um processo que se desenvolve por um tempo e tem certa duração. Sendo ela determinada, histórica e socialmente por problemas sociais, resulta do fato de que muitos jovens não sabem lidar com os problemas associados a essa fase, como por exemplo, a certa instabilidade. Nesse sentido, eles são considerados irresponsáveis ou desinteressados, pois a responsabilidade só estará presente quando se adquire o status de adulto. Esses problemas estão ligados a questões de inserção profissional, drogas, delinquência, escola e pais (família).

Do mesmo modo, a cultura juvenil será diretamente afetada de acordo com sua definição social, pois ela pode existir mais como uma representação do que como uma realidade, ou seja, nem todos os jovens irão vivenciar as mesmas experiências, podendo se reconhecer ou não enquanto integrantes dessa cultura. Nesse sentido:

Alguns jovens reconhecer-se-ão parte integrante desse mito, outros não. Entre os primeiros, o mito transforma-se parcialmente em realidade, formando-se entre eles uma espécie de «consciência geracional» que os leva a acentuar diferenças relativamente a outras gerações. Entre os segundos há o reconhecimento (quase sociológico) de que ser jovem é uma experiência distinta daquelas que outros jovens vivem (PAIS, 1990, p.145-146).

Por isso, as experiências vivenciadas pelos jovens são diversas, podendo ser distintas ou distantes daquelas definidas socialmente como realidade em seus cotidianos. Desse modo, a ideia de juventude como representação social (do senso comum) para construção sociológica vai envolver desconstruções que serão importantes para uma maior abrangência desse conceito que levará em conta um número maior de jovens.

Essa passagem vai sugerir a ideia de juventude considerada em sua diversidade, a qual envolverá aspectos referentes tanto à sua unidade, quando referida a uma fase da vida, como no sentido de conjunto social diversificado. Com isso, Pais (1990) aponta para a juventude tanto em seus aspectos homogêneos quanto heterogêneos e questiona como falar da juventude segundo uma noção sociologicamente homogênea. Nesse sentido, deve ser buscada a continuidade de possíveis discontinuidades e rupturas que marcam determinados grupos de

jovens, pois o conceito de juventude pode ser tomado enquanto conjunto social constituído por sujeitos pertencentes a uma dada fase da vida, assim como pode ser compreendido como “conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens” (PAIS, 1990, p.151).

A partir dessas prerrogativas, as construções de seus modos de “ser jovem”, vivenciadas em seus cotidianos, enfatizam os jovens enquanto sujeitos sociais e de direitos (DAYRELL, 2003). Dessa forma, o autor ainda esclarece:

Considerar a juventude não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos (sujeitos) no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p.42)

A juventude, nessa perspectiva, pode ser entendida não mais como uma etapa com fim predeterminado ou mesmo uma preparação que será superada na vida adulta, mas sim como parte de um processo muito mais amplo de constituição dos sujeitos, ao mesmo tempo em que vivenciam especificidades que marcam suas vidas de modo singular.

Os jovens como sujeitos sociais e de direitos implicam na ideia de um ser humano aberto, destacando-se sua relação com outros seres humanos, sua historicidade ao mesmo tempo em que é um sujeito com suas particularidades. Em outras palavras, conclui Dayrell (2003, p.43): “o homem [sujeito] se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolve com base nas relações que estabelecem com o outro, no meio social concreto em que se insere”. Nesse sentido, propõe o termo “juventudes”, pois não há um único modelo de ser jovem, direcionando um destaque para seus diversos modos de existir e representar. De modo complementar, a juventude também pode ser tomada enquanto uma categoria socialmente manipulada e manipulável.

Essa concepção se mostra relevante na medida em que os desvios às normas, que individualizam e interiorizam questões sociais, também provocam a criminalização de muitos jovens como os que são protagonistas neste estudo. É contra essas capturas e imposições que lutamos, pois como bem lembra Bocco, Coimbra e Nascimento (2005), a infração é apenas uma linha dentre tantas outras que as compõem, assim como a violência. Sendo assim não cabe aqui apenas tomar esses jovens enquanto infratores e sim criar outras vias de relação com suas vidas.

Nesse sentido, a violência concebida como um dos componentes que atravessam a subjetivação desses jovens é definida por Michaud (1989) a partir da perspectiva da ação direcionada a alguém a si próprio. Essa ação, segundo o autor, possui um caráter brutal. Somente as forças que rompem a ordem ou as regras que estabelecem as relações é que podem ser caracterizadas como violências. Em suma, Michaud (1989) emprega o termo violência relacionando-o a uma “força em ação”, associada ao vigor e à potência.

Sua origem provém do latim *violentia* que significa caráter violento ou bravio, força. De forma complementar, o verbo “*violare*” remete a tratar com violência, profanar, transgredir. Fazendo a separação da palavra, temos o termo “*vis*” que indica força, vigor, virilidade e potência em quantidade e abundância (MICHAUD, 1989).

A violência se apresenta enquanto um componente subjetivo que depende de critérios e é produzida através do convívio social envolvendo elementos biopsicossociais. Desse modo, ela deve ser analisada também pela sua especificidade histórica. Por ser um fenômeno complexo e dinâmico, se vem tentando entender quanto a sua essência e origens desde tempos “imemoriais”, segundo afirma Michaud (1989), quase sempre com o fim de preveni-la e eliminá-la. De modo equivalente, Minayo (1994) apresenta uma classificação geral da violência, dividindo-a em três tipos: violência estrutural, violência de resistência e violência da delinquência. Tal classificação, segundo a autora, visa não reduzi-la apenas a ordem da delinquência.

A violência estrutural se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família, quanto aos sistemas de forma geral (econômicos, culturais e políticos) que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos. A violência de resistência é a forma de resposta a essa violência estrutural, praticada pelo poder público, econômico e/ou cultural, por parte dos grupos oprimidos. Já a violência da delinquência é praticada quando há transgressão das leis socialmente reconhecidas que impulsionam o delito e também pelo confronto direto entre indivíduos, passando muitas vezes pela violência estrutural.

Minayo (1994), citando Da Matta (1982), coloca a violência como um elemento de mudança e não apenas como um ato para o mal. A autora acrescenta que devem ser evitados discursos de cunho valorativos e normativos para assim abandonar o seu caráter universal.

Arendt (1994) coloca que o conceito de violência muitas vezes é distintamente relacionado de poder, força e vigor. O poder, segundo a autora, remete a um instrumento de

dominação, e pode ser uma forma de violência. Ainda a esse respeito, a autora acrescenta: “o poder depende de números, enquanto a violência, até certo ponto, pode operar sem eles, porque se assenta em implementos” (p. 35). Com isso, a violência não depende de números ou opiniões, podendo ser de domínio de apenas um indivíduo, enquanto o poder passa a ser propriedade de um grupo de pessoas. Dessa forma, ambos os conceitos se apresentam como opostos, onde um domina absolutamente o outro está ausente. Nesse sentido, Arendt (1994) coloca que a violência tem um caráter instrumental, já que implica no uso de implementos que amplificam e multiplicam o vigor humano e depende da orientação e justificação pelo fim almejado. A prática da violência muda o mundo, tornando-o mais violento. A autora complementa dizendo que tal prática não é um fenômeno natural, mas pertence ao âmbito político dos negócios humanos.

Marilena Chauí (1998) diz que violência implica no uso de forças para desnaturar, transgredir, constranger ou violar alguém. Ela pode tanto ferir a natureza ou a liberdade, vontade e a espontaneidade de outra(s) pessoa(s) como também ser relacionada à violação de direitos.

Com isso, o termo violências (MICHAUD, 1989) remete à pluralidade de significados (alguns deles apresentados anteriormente) e tem como condição principal o uso de forças que pode acarretar em relações de poder, no que Chauí (1998) denominou de relação “mando-obediência” ou superior-inferior, ou seja, quem comete qualquer ato violento não reconhece o outro como sujeito, em toda a sua complexidade, coisificando-o. Tais relações hierarquizadas podem ser vistas dentro das próprias relações familiares, amorosas, no trabalho e nas relações institucionais.

Aproximando esse panorama com as masculinidades que serão tratadas no próximo capítulo, há uma produção discursiva que é investida pelo desejo e que, segundo Foucault (2006), se acredita carregada de terríveis poderes que constituirão verdades sobre o ideal masculino, a uma série de características que os verdadeiros homens devem alcançar muitas vezes baseado na força e agressividade. Nesse sentido, essa produção atinge diretamente os discursos dos jovens que são subjetivados por essa lógica da masculinidade em relação à violência que os capturam e impossibilitam a criação de outras vias para suas vidas.

Foucault (2006) afirma que essa produção discursiva, juntamente com os aparatos do poder e saber, terão por função definir um determinado modo de existência, que aproximando

com o campo das masculinidades encontrará o seu limite nesse próprio ideal masculino que é fortemente almejado por muitos homens de modo a conjurar a manutenção de seus domínios sobre as mulheres e outras expressões de gênero.

Para isso, os procedimentos de exclusão, controle e delimitação dos discursos (FOUCAULT, 2006) se efetivam sobre subjetividades masculinas que passam a naturalizar essa relação entre juventude e violência, pois a própria juventude masculina passa a ser perigosa, delinquente, desviante e mais suscetível a cometer um ato violento, impedindo a manifestação de devires, multiplicidades e diferenças que as constituem (BOCCO; COIMBRA; NASCIMENTO, 2005).

2 Breve introdução sobre os estudos acerca das masculinidades

Os estudos sobre os homens e as masculinidades se configuram enquanto uma via dentro dos estudos sobre gênero e sexualidade. Apesar de ainda recentes têm demarcado maior visibilidade e relevância em suas discussões nas pesquisas em ciências humanas nos últimos anos³.

Nesse sentido, aquilo que entendemos por masculinidades vai envolver uma série de discursos, conceitos e normas que a todo o momento atravessam a subjetivação de novas configurações masculinas. Torna-se necessária a compreensão histórica dessas construções e como elas se configuram na contemporaneidade juntamente com outros elementos como raça, idade, classe social e regiões.

De modo geral, as masculinidades integram as discussões sobre o que é ser homem na contemporaneidade, as quais buscam compreender os seus processos de subjetivação ao longo da história. No que se refere aos jovens autores de infração, que fazem parte dessa discussão, há que se questionar se a violência se constitui como modelo de virilidade da sociedade patriarcal ou se vincula a outras construções relacionadas a práticas sociais cotidianas de suas vidas.

Nesse novo século, aponta Bóris (2002), há um impasse diante de uma única definição do conceito de masculinidade, devido ao fato de que muitos homens passaram a assumir uma maior diversidade subjetiva. Assim, para que uma maior compreensão sobre os estudos das masculinidades e suas diversas facetas seja possível, é necessário percorrer boa parte do caminho trilhado até os dias atuais, passando pelas discussões sobre sexualidades e gênero, contemplado pelos estudos feministas, gays e lésbicos e posteriormente *queers*.

³ Considerando o ano de 2010 até Novembro de 2014 houve 55 trabalhos defendidos, tanto em nível de mestrado como de doutorado, que abordaram em seus títulos o tema das masculinidades, de acordo com o banco de teses da CAPES.

2.1 Masculinidade hegemônica, outras masculinidades: entre poder, dominação e violência.

As relações hierarquizadas representadas nas diversas formas de violências também se fazem presente principalmente nas relações entre homens e mulheres, no que Daniel Welzer-Lang (2001) chamou de “divisão social e hierárquica por sexo”, pela qual muitos homens exercem o domínio em relação às mulheres, muitas vezes manifestadas sob a forma de violências, fazendo-as serem vistas como passivas, frágeis e submissas.

Esta hierarquização propicia ainda a manutenção da virilidade, do patriarcado e sexismo, contemplado por práticas homofóbicas, que atribui o masculino ao não afeminado, acarretando assim em privilégios de gênero que mais tarde passaram a ser associados a um determinado modo de “ser homem”, modo este que obteve a hegemonia em relação a outras manifestações que se apresentavam como possíveis em termos de expressões de gênero. Em torno desse modo específico que era relacionado a certas características que os homens possuíam, tais como a razão, a heterossexualidade e o domínio sobre as mulheres, foi designado o conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2000; CONNELL & MASSERSCHMIDT, 2013).

Formulado há duas décadas, o conceito de masculinidade hegemônica teve seus primeiros estudos divulgados a partir de críticas à literatura sobre o “papel masculino” e a proposição de um modelo de masculinidade em múltiplas relações de poder feitas no artigo “Towards a New Sociology of Masculinity” escrito por Carrigan, Connell e Lee (1986), segundo apontam Raewyn Connell⁴ e Masserschmidt (2013). Seus estudos influenciaram de modo considerável o pensamento atual sobre os homens, gênero e hierarquia social. Suas fontes mais básicas foram as teorias feministas do patriarcado e constantes debates sobre o papel dos homens em sua transformação. Do mesmo modo, as diferenças de classe nas expressões das masculinidades também foram possíveis devido ao apoio de alguns homens ao feminismo. A autora aponta que antes do Movimento de Liberação das Mulheres, a psicologia e a sociologia reconheceram a natureza social da masculinidade, possibilitando assim mudanças de conduta, através de seus estudos sobre o papel sexual do homem.

⁴ A autora passou a utilizar esse nome recentemente no lugar de Robert Wiliam Connell.

Na década de 70, diversos trabalhos sobre o papel masculino criticavam as normas que atravessavam essa conduta como origem de comportamentos opressivos. O Movimento de Liberação Gay (CONNELL, 2003; CONNELL & MASSERSCHMIDT, 2013), nesse período, adotou como eixo central em suas análises a opressão de muitos homens sobre os conceitos de poder e diferença. Nessa perspectiva, a ideia de uma hierarquia presente nas masculinidades se desenvolveu a partir da experiência de muitos homens homossexuais que sofriam violências e preconceitos de homens heterossexuais. (CONNELL, 2003; CONNELL & MASSERSCHMIDT, 2013.)

Nesse sentido, já na década de 80, a masculinidade hegemônica passou a ser entendida como um padrão de práticas que possibilitaram o domínio dos homens e a subordinação das mulheres. Esse modelo de “masculinidade hegemônica” ou “homem de verdade” era remetido à heterossexualidade, racionalidade e privilégio de poder, e a uma série de condutas e referências que devem ser seguidas pelos homens. Esses padrões específicos de conduta foram tecendo e caracterizando indivíduos com um “jeito próprio masculino”, a um modelo único de homem, provido de atributos, valores, funções e condutas específicas esperadas que ele tenha, como a força e agressividade, que são devidamente sustentadas em instituições, tais como a escola, o exército e o governo. Essa hegemonia atualmente é exercida não apenas sobre outras masculinidades que se apresentam possíveis, mas também em relação à ordem dos gêneros como um todo (CONNELL, 2000; NASCIMENTO, 2010).

Esse domínio também exercido frente a outras masculinidades, chamado por Connel e Masserschmidt (2013) de masculinidades subordinadas, fez com que houvesse por muito tempo uma representação dualística das masculinidades, na qual a hegemonia promovida pela masculinidade hegemônica criou um bloco masculino que não se adaptou às transformações históricas e se autopromoveu enquanto uma forma tipicamente elitista.

Entretanto, a masculinidade hegemônica, apesar de se caracterizar como normativa, não se assumiu normal num sentido estatístico, pois não é a maior parte dos homens que a adota em seu sentido pleno. Contudo, esse menor número era já muito eficaz, pois:

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz (CONNELL & MASSERSCHMIDT, 2013, p.245).

A masculinidade hegemônica, nesses termos, encontrou uso imediato ao mesmo tempo em que uma série de pesquisas entre homens e masculinidades se consolidava, colaborando com a expansão de pesquisas nas ciências sociais e humanidades. O próprio conceito foi relacionado com algumas vertentes nas áreas da educação, mídia, criminologia, saúde e estudos organizacionais.

Nesse sentido, a partir desse período até o início dos anos 2000 houve também uma maior aplicação do conceito de masculinidade hegemônica que passou de um modelo restrito conceitual a um quadro amplo de pesquisas, suscitando diversas questões, mas trazendo também críticas, tais como a subjacência do conceito, sua ambiguidade e sobreposição, reificação, exclusividade do sujeito masculino e certo padrão nas relações de gênero.

Em relação a sua formulação inicial e a partir de críticas proferidas, Connell e Masserschmidt (2013) recentemente apresentaram alguns elementos que devem mantidos e outros que devem ser reformulados no conceito de masculinidade hegemônica. Dentre aquilo que deve ser mantido, se destaca a combinação de pluralidades das masculinidades, bem como suas hierarquias. Esses múltiplos padrões estão presentes em diversos países, em diferentes contextos institucionais e culturais. Além disso, retificam que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia não apenas fundamentado na força, mas também em um consenso cultural, em uma centralidade discursiva, na institucionalização e na marginalização, ou na deslegitimação, sendo estes atributos utilizados pelas masculinidades socialmente dominantes.

Outro elemento que foi mantido é o fato de que a masculinidade hegemônica não carece ser o padrão no cotidiano de homens e meninos, pois ao invés disso, ela vai trabalhar com a produção de exemplos de masculinidade, através de estrelas do esporte ou homens que detêm autoridade. Desse modo, muitos homens não vivem de acordo com esse padrão, pois ele é aberto às diversas contestações a partir de reivindicações de mulheres ao patriarcado e mesmo de outros homens.

Em contrapartida, Connell e Masserschmidt (2013) apontam quatro grandes áreas que podem ser reformuladas no conceito de masculinidade hegemônica: hierarquias de gênero, geografia das configurações das masculinidades, peso do social em sua incorporação e sua dinâmica.

Sobre as hierarquias de gênero, originalmente o conceito de masculinidade hegemônica foi formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica (ou feminilidade enfatizada) com o intuito de reconhecer suas posições assimétricas numa ordem patriarcal de gênero. Entretanto, esse aspecto mais tarde saiu de foco nos estudos sobre masculinidades, o que é lamentado, pois “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade” (CONNELL & MASSERSCHMIDT, 2013, p.265).

Isso faz com que a inclusão das mulheres nos processos de construção das masculinidades seja primordial, pois Connell e Masserschmidt (2013) reiteram que é necessário que o conceito de masculinidade hegemônica esteja mais conectado com as práticas das mulheres e à ação histórica recíproca entre masculinidades e feminilidades. Essas ações podem colaborar para o combate ao isolamento dos estudos sobre masculinidade hegemônica, incorporando um entendimento mais amplo das hierarquias de gênero.

Outra área a ser reformulada é a da geografia das masculinidades, que segundo Connell e Masserschmidt (2013) pode ser analisada em três níveis:

1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida;
2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e
3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização. (p.267)

Em outro adendo afirmam que esses três níveis se relacionam continuamente de modo que as masculinidades globais pressionam ordens de gênero as regionais e locais, assim como as regionais podem influenciar a construção das relações de masculinidades hegemônicas locais. Em suma, o território ganha destaque nessa análise do problema das múltiplas masculinidades hegemônicas.

A incorporação social, outra área a ser reformulada, dentro da masculinidade hegemônica será importante para a construção da identidade e comportamentos ditos masculinos que emergem de diversos contextos.

Connell e Messerschmidt (2013) afirmam que diversas habilidades corporais em muitos jovens se tornarão um primeiro indicativo de masculinidade, dentre elas o esporte. Outras práticas tais como assumir riscos na estrada, comer carne, aprendizado sexual como exploração e conquista ou práticas que envolverão riscos no geral também contribuirão para essa incorporação. Essas incorporações estão conectadas com os contextos sociais, logo não se configuram enquanto um ato isolado. Por fim, as dinâmicas das masculinidades, apesar de reconhecidas há bastante tempo, apontam recentemente para outras dinâmicas que escapam daquelas que convergem numa masculinidade hegemônica unitária, pois esse modelo unitário recebeu diversas críticas devido ao fato de que eram assentados em “características de gênero e às tipologias rígidas e sólidas” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p.241).

Esse regime foi duramente criticado porque ainda propiciava a dominação masculina principalmente sobre as mulheres e promoveu mais do que a manutenção das desigualdades entre os gêneros, também reafirmou a hegemonia de certo padrão de masculinidade, heterossexual, branca, classe alta, racional e impenetrável.

Mesmo assim, a masculinidade hegemônica não se configura enquanto um caráter fixo, pois ocupa uma posição hegemônica em um dado tempo das relações de gênero e está sempre em disputa por conta das resistências que surgem contra ela, conforme esclarecem Connell e Messerschmidt (2013):

Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. (p, 272)

Essas contestações têm ocorrido constantemente através de diversas reivindicações que emergiram nas últimas décadas, tornando esse processo historicamente aberto, e possibilitando o fracasso da hegemonia. A partir da concepção de que as relações de gênero são históricas, as próprias hierarquias de gênero estão sujeitas a mudanças, e consequentemente, a masculinidade hegemônica é suscetível a elas, podendo ser substituída por outro modelo que poderia assumir nova hegemonia.

Desse modo, o conceito de masculinidade hegemônica tem sido apropriado em diferentes campos e contextos, dentre eles pela própria violência. Entretanto, Connell e Masserschmidt (2013) clarificam:

[...] ao mesmo tempo que acolhemos muitas das aplicações e das modificações do conceito de masculinidade hegemônica como contribuições à compreensão das dinâmicas de gênero, rejeitamos aqueles usos em que ficou implícito um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos. Esses usos não são triviais – eles tentam nomear questões significantes sobre gênero, tais como a persistência da violência ou as consequências da dominação. Mas esses usos são feitos de uma maneira que entra em conflito com as análises da hegemonia nas relações de gênero e são, portanto, incompatíveis (e não apenas uma variação) tanto com as declarações iniciais como com os principais desenvolvimentos do conceito (p.273).

Por isso, o conceito de masculinidade hegemônica não deve ser reduzido a certos traços ou características enraizadas que são adotadas por alguns homens. Connell e Masserschmidt (2013) colocam em evidência também que o conceito de masculinidade hegemônica foi aplicado em contextos culturais diversos, através de pesquisas e estudos sobre homens e masculinidades, dentre eles o da violência. Nesse campo, o conceito de masculinidade hegemônica contribuiu para a relação com a conduta criminal de muitos homens, pois indicava uma maior incidência tanto de crimes convencionais, como de crimes mais sérios entre homens e meninos. Os autores ainda afirmam que pesquisas no campo da criminologia mostraram que certos padrões de agressão estavam intimamente ligados com a masculinidade hegemônica, não como uma relação de causa e efeito, mas através da busca pela hegemonia.

Com isso, Welzer-Lang (2004) afirma que a violência é predominantemente masculina, ou seja, exercida e sofrida pelos homens, muitas vezes representada a partir de guerras, esportes, mortes, estupros, violências domésticas, entre outros. Além disso, a relação entre masculinidades e violência perpassa a questão da exclusão social e dos processos de constituição de identidades masculinas. Muitos jovens excluídos socialmente encontram no tráfico de drogas e na criminalidade a possibilidade de afirmação de uma masculinidade marcada pela violência. (GROSSI, 2004). Cabe esclarecer que essa relação não está apenas presente nas camadas mais pobres e excluídas da população, e nem se pretende aqui estabelecer uma ligação direta entre a exclusão social e a violência. As diversas formas de

violências sofridas e cometidas por jovens atravessam todas as classes sociais. Do mesmo modo, Oliveira (2005) sugere certa “educação para a violência” no meio masculino isto é, uma masculinização da violência que também é sustentada pela negação da fragilidade do homem em nossa cultura e pela manutenção da mesma em função da preservação de uma imagem de sujeito forte e provedor.

Entretanto, a aproximação do conceito de masculinidade hegemônica com a violência, requer alguns cuidados para não reduzir essa analogia a uma relação de causa e efeito. Por muitas vezes, o homem violento pode não possuir os atributos exigidos pela masculinidade hegemônica que, exercida plenamente por uma pequena parcela de homens que obtêm o status de um ideal cultural, está sempre em mudança, pois essa hegemonia pode ser negociada e conseqüentemente ressignificada, segundo apontam Connell e Masserschmidt (2013), fazendo com que esses atributos também variem. Do mesmo modo, o sujeito que exerce essa hegemonia não necessariamente a corresponderá com violência, pois conforme colocou Arendt (1994) o domínio poderá ser feito através do poder, que necessariamente irá envolver um número maior de pessoas, ao contrário da violência que pode ser concretizada a partir de um único sujeito. De tal forma, sugerimos que a relação entre poder e hegemonia seja mais efetiva do que a relação entre esta e a violência. Nessa perspectiva, a violência poderá se instalar mais enquanto uma crença do que como um fato realmente consumado.

Esse panorama é importante na medida em que muitos jovens que cometem um ato violento não exercem necessariamente essa hegemonia em seus cotidianos, assim como aqueles que a exercem podem não estar envolvidos diretamente com a consumação do ato. Tanto a hegemonia quanto a violência, em termos práticos e cotidianos, podem se tornar um mito ou uma crença nos quais muitos homens vão almejar manterem-se enquanto um ideal. Esses elementos que constantemente atravessam suas subjetividades, constituídas durante os diversos processos de socialização, serão incorporados para dar manutenção a seus domínios e privilégios que podem se traduzir em práticas violentas e hegemônicas. (BÓRIS, 2002; CONNELL & MASSERSCHMIDT 2013; GROSSI, 2004; OLIVEIRA, 2005; WELZER-LANG, 2001).

2.2 Do sistema sexo-gênero aos estudos *queers*.

O conceito do sistema sexo-gênero apresentado por Gayle Rubin (1975) foi uma ferramenta importante utilizada pelo movimento feminista para a desnaturalização de princípios que sustentavam, num primeiro momento, a opressão das mulheres através do controle de seus corpos, seus desejos e suas sexualidades. Além disso, a heterossexualidade compulsória (RICH, 1970) e a diferença e hierarquização entre gêneros promoveu a hegemonia dos homens não apenas em relação às mulheres, mas também a outras manifestações que rompessem com as normas entre sexos e gêneros. Complementar a isso, a desnaturalização dos conceitos de raça e classe social, que também atravessam essas normas regulatórias, foi importante para a promoção da visibilidade desses novos sujeitos que estavam à margem da sociedade até então.

Essas normas foram construídas e estabelecidas antes mesmo do nascimento dos bebês, mas se atualizam frequentemente a partir da resposta dada à clássica pergunta: “é menino ou menina?” A partir dessa questão, uma série de regras é estabelecida de acordo com o sexo do bebê. Se for menino, seu gênero será exclusivamente masculino e futuramente terá relações sexuais com mulheres com penetração. No caso de menina, seu gênero será feminino e terá relações sexuais com homens também envolvendo penetração (BUTLER, 2003).

Com isso, Rubin (1975) aponta que o sistema sexo-gênero correspondia a uma série de arranjos que eram construídos socialmente com o fim de atingir a matéria-prima biológica do sexo e da procriação, indicando que a heterossexualidade era preterida no lugar da homossexualidade, passando pela própria opressão sofrida pelas mulheres enquanto produto desse mesmo sistema que se atualizou nessas relações sociais naturalizadas. Nessa perspectiva, mais do que determinar modos de socializar muitas crianças e jovens, o sistema sexo-gênero tinha objetivos econômicos e políticos.

A opressão sofrida por muitas mulheres, que eram produtos desse sistema, ao mesmo tempo produzia homens que as oprimiam e eram considerados seus donos, pois tinham o controle sobre seus corpos, desejos e sexualidade. Com isso, esse modo específico de subjetivação do masculino reforçou essa relação hierárquica de modo que o homem mantivesse seus privilégios em detrimento da ordem dos gêneros como um todo, sobretudo em relação às mulheres.

Mais tarde, Butler (2003) ampliou essa ideia para o sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, no qual sexo e gênero seguiam a mesma orientação e o desejo, no caso de homens, seria exclusivamente heterossexual e a prática sexual ativa. Entre as mulheres, o desejo também seria heterossexual, mas com prática passiva.

Esse modo de organização social e de vida promoveu a naturalização da sexualidade e a invisibilidade de outras formas de sexualidades, desejos e práticas sexuais, dando assim legitimação às desigualdades entre sexos e os gêneros, denunciando seu caráter sexista. Essa legitimação falocêntrica de desigualdades naturaliza modos de violências que podem ser constatados pelos relatórios de pesquisas nacionais e internacionais, entre eles o 2º relatório sobre violência homofóbica (2012) que teve a promoção dos Direitos LGBT, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), e pesquisas do IPEA (2013) sobre Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil e Vidas perdidas e racismo no Brasil, que denunciam os crescentes números a cada ano de feminicídios e de assassinatos de pessoas negras se comparado às brancas e LGBTTTIs.

Nesse sentido, a visão dicotômica e binária masculino/feminino, heterossexual/homossexual permaneceu por muito tempo nas discussões referentes às sexualidades, promovendo determinados modos de vida que condiziam com certos padrões de masculinidades e feminilidades que fossem mantidos dentro dessas normas, criando identidades fixas e exclusivas, de modo que quem se atrevia a atravessar essas fronteiras era concebido como antinatural, doentio, pecador, ultrajante e inominável (PICHARDO, 2012).

A partir da década de 80, houve momentos de intensas lutas políticas e sociais emancipatórias nos Estados Unidos e em alguns países europeus, as quais foram frutos da crise do feminismo e dos movimentos gays e lésbicos que também estavam aliados às políticas identitárias hegemônicas, o que culminou na falta de visibilidade e representação de outras minorias que se manifestavam frente a essas políticas (MISKOLCI & SIMÕES, 2007).

Nesse mesmo período, a descoberta da AIDS provocou inúmeras mortes, principalmente entre membros da comunidade gay, fazendo com o que essa síndrome fosse associada especificamente a esse grupo, demarcando assim uma estratégia que contribuiu para o aumento da propaganda homofóbica e estigmatizante. Mais tarde, sabendo que a AIDS se propagava através do contato sexual, houve um grande número de “discursos moralistas reacionários e campanhas de demonização das práticas e corpos homossexuais” (SÁEZ, 2007,

p.67). Desse modo, através da disseminação de comentários como “A AIDS se homossexualizou” e “peste gay”, houve a criação de uma cultura homofóbica que permitiu e reforçou ainda mais a discriminação e a manutenção das fronteiras que separavam o que era aceitável e natural (heterossexualidade) daquilo que era abominável e antinatural (homossexualidade), em defesa de uma “cultura hétero” (SALIH, 2012) que pregava a normalidade sexual.

Diante desse cenário todo, se promoveu uma série de reivindicações por parte de pequenos grupos, que respondiam aos efeitos normativos e excludentes desses discursos, e aliado à crise cultural que atravessava o sistema capitalista, surgiu um movimento denominado “*queer*”, provindo das ruas, já na década de 90, nos Estados Unidos e mais tarde, timidamente, na França. O termo “*queer*” pode ser referido ao que se encontra “fora da norma”, “estranho” ou “raro”. Esse movimento agenciou um novo modelo político que adotou a desconstrução enquanto ferramenta, o que buscava garantir a ideia de identidade aberta e flexível e a utilização de estratégias e instrumentos advindos das próprias estruturas culturais e políticas da heterossexualidade (GARCIA, 2005; MISKOLCI & SIMÕES, 2007; PENEDO, 2008). Nesse sentido, Penedo (2008) afirma que as políticas queer adotam as mais variadas formas de dissidências à norma sexual antes invisibilizadas.

Salih (2012) afirma que a teoria *queer* surgiu de uma aliança de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas a partir de diversas problematizações que aconteciam em torno da categoria de sujeito. Desse modo, o *queer* não se preocupava com definição, sugerindo assim seu caráter fluido que não buscava estabilidade.

Com isso, a própria ideia de sujeito, segundo a mesma autora, é desconstruída para afirmar certa indeterminação e instabilidade das categorias de gênero. De modo similar, Welzer-Lang (2001) afirma que os estudos *queers*, contribuíram muito com a crítica ao binarismo sexual homem/mulher e ao heterossexismo das categorias de gênero, promovendo outras manifestações que se apresentavam como possíveis. A desconstrução da concepção binária masculino/feminino para os estudos de gênero aponta para a emergência de outras manifestações de sujeitos que não se enquadram nesses padrões de masculinidades ou feminilidades, como aponta Louro (1997), rompendo com o caráter heterossexual presente nas definições de gênero até então, contribuindo assim para a ampliação das concepções sobre as masculinidades.

Essa ampliação passa pela ideia de performatividade desenvolvida por Butler (2003) em que o homem é algo que fazemos e não mais o que somos, ou seja, o fazer-se homem é construído no discurso por meio das ações que ele exerce. Nesse sentido, o sujeito masculino é um construto performativo que não necessariamente se baseará nas oposições masculino/feminino, gay/hétero e assim por diante, sendo possível ser uma fêmea “masculina” e um macho “feminino”, destacando o caráter não natural do gênero e dissociando-o também de uma relação direta com o corpo através de traços específicos e esperados por cada um deles (SALIH, 2012).

Em suma, os estudos *queer* vão colocar em cena a promoção desses sujeitos que até então não eram abarcados nas discussões dos estudos sobre gêneros e sexualidades, passando pelo rompimento dos discursos que definem as masculinidades, presentes em muitas concepções que adotavam a perspectiva binária, para pensar em processo de produção de masculinidades que não incidem necessariamente em corpos masculinos, possibilitando pensar em elementos femininos sobre corpos biologicamente masculinos ou elementos masculinos em corpos biologicamente femininos, o que sugere maior fluidez nas ações em que exercemos em nosso dia-a-dia em termos de gênero.

2.3 Dos estudos de gênero às masculinidades: origens e vertentes

Como tentativa de responder a uma possível conceituação da categoria “gênero”, Joan Scott (1995) o define como algo que é constituído através das relações sociais fundamentadas nas diferenças apreendidas entre os sexos e como forma primária de significar as relações de poder. De modo complementar, Butler (2003), aponta para uma “teoria social do gênero”, de forma que ele seja compreendido como “uma relação entre sujeitos constituídos, em contextos especificáveis” (BUTLER, 2003, p.29), sugerindo seu caráter contextual e transitório, com isso a autora afirma que o gênero é capaz de deslocar a posição universal do sujeito em função de suas posições históricas e culturais.

Pedro Paulo de Oliveira (1998) aponta as relações de gênero como algo central na vida social, ou seja, como um elemento que promove a organização de nossas existências e instituições. Somado a isso, o autor aponta para uma “tríade” composta por: gênero, raça e classe, deixando claro que essas questões se entrelaçam o tempo todo na vida cotidiana.

Connell (2013) por sua vez, afirma que o gênero existe na medida em que a biologia não determina o social e o define enquanto uma forma de ordenamento da prática social. Essa prática, segundo aponta a autora, é criadora e inventiva, mas não autônoma porque responde a situações específicas e tem origem dentro de estruturas definidas de relações sociais. Dentro dessas relações, aquilo que entendemos por masculinidades e feminilidades corresponde a configurações⁵ dessas práticas de gênero.

Nessa perspectiva, os estudos sobre masculinidades⁶ que serão tratados nessa pesquisa demarcam um novo campo conceitual que colocam os homens como elementos de uma estrutura maior que vão se relacionar com diversos outros componentes. Conforme aponta Connell (1995), aquilo que se entende por masculinidades não tem sido contemplado suficientemente; e nem se pretende aqui fechar esse conceito em uma única definição, justamente por considerá-lo aberto e transitório.

Entretanto, durante muito tempo foram dados diversos enfoques para caracterizar aquilo que se afirmava enquanto masculino. Connell (1995) enfatiza quatro deles: o essencialista, o positivista, o normativo e o semiótico.

As definições essencialistas, segundo a autora, destacavam uma base universal da masculinidade que constava de um núcleo masculino que era somado a outros recursos nas vidas dos homens. A ideia de essência era bastante forte, destacando o seu caráter naturalista. As positivistas, por sua vez, trabalhavam com tipificações e categorizações dos padrões de vida de homens e mulheres, criando um modelo daquilo que se considerava masculino. No campo da psicologia, por exemplo, havia a promoção de escalas de masculinidades e feminilidades.

Já nas definições normativas, foram reconhecidas as diferenças entre homens e mulheres, mas era sempre promovida a adequação ao modelo daquilo que se considerava masculino ou feminino. Por fim, nas definições semióticas, as masculinidades eram definidas

⁵ Connell (2003) sugere o termo “processos de configurar práticas” por considerar as masculinidades e feminilidades enquanto práticas dinâmicas, chegando a compreensão dos mesmos enquanto “projetos de gênero”.

⁶ Apesar de não citados ao longo do texto por questões de adotarem outras perspectivas teóricas, diversos autores no Brasil e no mundo contribuíram para os estudos sobre masculinidades e seu aprimoramento, entre eles Sócrates Nolasco (1995, 2001) e Pierre Bordieu (2003).

pela oposição, pela não feminilidade, dentro de um sistema simbólico que se pautava pelos contrastes dos lugares ocupados pelo masculino e pelo feminino.

Embora um grande avanço tenha sido promovido nessa visão em relação às outras, Connell (1995) afirma que ela ainda está limitada em sua configuração. Desse modo, ao invés de tentarmos definir as masculinidades enquanto uma essência, uma norma, ou mesmo uma conduta esperada, podemos pensá-la a partir de “processos e relações por meio das quais homens e mulheres levam suas vidas atribuídas ao gênero” (CONNELL, 1995, p.36)

Essa exploração das masculinidades que rompem com o caráter essencialista e reificante se deve também ao fato de que muitas mulheres se aventuraram em seu aperfeiçoamento, pois passaram a questionar o papel desempenhado pelos homens nas relações sociais, expressões que variam segundo a época, idade, classe, raça, cultura e espaço. Segundo Connell & Messerschmidt (2013):

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (p.250).

Essa ideia se aproxima da ideia de performatividade, (BUTLER, 2003) que foi citada mais acima, quando ocorre o descolamento da masculinidade, enquanto uma entidade fixa ao corpo ou nos traços da personalidade de sujeitos masculinos que busca uma essência interna de gênero que será produzida por um conjunto de postulados (BUTLER, 2003).

Tais características consideradas internas são produzidas em meio a certos atos corporais ritualizados na ação social que se naturalizam naquele determinado corpo, não necessariamente masculino, pois os atributos do masculino significados e adquiridos culturalmente são performativos.

Nesse sentido, os autores apontam que a ideia do reconhecimento de múltiplas masculinidades⁷, que se configuram num caráter fixo, também não é atribuída nas pesquisas

⁷ O próprio termo “masculinidades”, nesse caso, não deve ser restrito apenas aos homens conforme indicado anteriormente, apontando para novas composições como o próprio conceito masculinidade feminina trazida por Judith Halberstam (2008), que foi apresentada posteriormente por Javier Sáez (2011). Longe de ser uma imitação da virilidade presente na masculinidade, a autora afirma que esse conceito indica algumas pistas sobre a construção das masculinidades. Apesar dessa possibilidade ser ignorada nas discussões atuais, a masculinidade

nesse campo, pois padrões múltiplos de masculinidades têm sido identificados em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais.

Os estudos sobre masculinidades emergiram na década de 60 nos Estados Unidos e Europa a partir do movimento feminista que passou a fazer duras críticas aos papéis sexuais de homens e mulheres na esfera social, e da dominância que muitos homens exerciam principalmente sobre as mulheres, além da defesa dos direitos sexuais, especialmente de gays e lésbicas, que começaram a questionar a ideia de identidade sexual (GROSSI, 2004).

De modo similar, Bóris (2002) aponta que esses questionamentos sobre os papéis socioculturais masculinos, idealizados e estereotipados, induziam a uma crença de superioridade que levou a uma forte alienação do próprio homem, motivo pelo qual se configurou uma série de reivindicações, primeiramente, por parte do movimento feminista.

A partir desse momento, ocorreu uma desestabilização nas representações do gênero masculino, como aponta Schpun (2004). Isso indica que os atributos associados à ideia que se tinha de um determinado modo de ser homem em seus aspectos biológicos, sociais e culturais passaram a ser questionados. De modo bastante ampliado, Medrado e Lyra (2008) reforçam que a compreensão da história política e acadêmica dos movimentos feministas, gays e lésbicos tornou-se essencial para um melhor entendimento dos estudos acerca das masculinidades.

Essas reivindicações dos movimentos feministas também colocaram em questão a posição de poder ocupada majoritariamente por homens heterossexuais, sendo que a grande maioria dos que ocupam essa situação de poder e privilégios não se questionam porque gozam de mais direitos e acessos. Esse estado de normalidade das vantagens da masculinidade até então foi fruto dos privilégios que eram e ainda são conferidos aos homens, ou seja, havia a reprodução da desigualdade genérica tanto em seu aspecto material quanto ideológico (KIMMEL, 2001). Segundo Burin (2000), essa posição de poder do homem foi questionada também pelo seu exercício de gênero assumido enquanto provedor econômico dentro do contexto nuclear da família burguesa, o que culminou na demarcação uma suposta “crise”.

Seilder (2000) afirma que o próprio movimento feminista tratava de explicar a experiência dos homens de certas formas particulares, e promovia muitas vezes uma visão

feminina aponta para uma outra linha que atravessa esse terreno, promovendo questionamentos a respeito de quais masculinidades estamos falando quando esta abandona o corpo do homem branco e classe média.

negativa da masculinidade, concebendo uma análise reducionista que se referia a ela apenas como uma relação de poder frente à mulher, invisibilizando as experiências dos homens e impossibilitando que os mesmos refletissem sobre suas próprias masculinidades e conseqüentemente promovessem mudanças em suas vidas. Apesar disso, Kimmell (2001) afirma que o gênero se tornou uma categoria de análise visível inicialmente por causa das mulheres, sendo que até hoje os homens permanecem relativamente pouco analisados.

Na década de 80 consolidou-se um conjunto de estudos sobre a construção social das masculinidades por pesquisadores homens, pelos quais possuíam vínculos com as conquistas feministas e com o desenvolvimento das reflexões sobre o conceito de gênero. Bóris (2002) afirma que esse período também foi marcado por muitas dúvidas, angústias e incertezas, pois o homem passou de uma questão pré-concebida para um problema a ser resolvido, ou seja, se antes suas experiências eram invisibilizadas e pouco estudadas de um modo geral, passaram a ser, quando mais visíveis, calcadas em uma única masculinidade.

Segundo aponta Arilha, Medrado e Unbehaum (1998), além desse viés que adotava as conquistas do feminismo para a ampliação dos estudos sobre masculinidades, havia outra tendência que não era vinculada às discussões sobre gênero e aos movimentos das mulheres. Desse modo, embora os “estudos autônomos” (ARILHA; MEDRADO; UNBEHAUM, 1998) reconhecessem o avanço das discussões promovidas pelo movimento feminista, não enxergavam que o mesmo contemplasse os múltiplos elementos que envolvem as masculinidades e as feminilidades.

No Brasil, esse avanço do movimento feminista foi acompanhado pela produção teórica e política sobre gênero, embora tenha se iniciado mais tardiamente do que na Europa e nos Estados Unidos. O próprio movimento teve início em meados da década de 70, a partir da declaração do Ano Internacional da Mulher pela ONU, em 1975 (ARILHA; MEDRADO; UNBEHAUM, 1998). Nesse mesmo período, os homens estavam excluídos desse processo, situação que se manteve ainda na década de 80, com a falta de debates sobre a condição dos mesmos.

Enquanto isso, as inquietações das mulheres eram muitas vezes respondidas através de movimentos sociais, políticas partidárias e produções acadêmicas em diversos países, inclusive no Brasil. Do mesmo modo, acompanhando a perspectiva internacional, os estudos sobre a mulher passaram a contemplar as relações de gênero, relações essas que hierarquizam

os homens em prol das mulheres. Essa dimensão relacional, conforme aponta Arilha, Medrado e Unbehaum (1998), ajudou na desconstrução de argumentos que culpavam o masculino demarcados em parte dos discursos do movimento feminista os quais eram orientados pelas desigualdades de gênero presentes.

O discurso feminista, segundo os autores, promoveu maior relevância sobre os estudos de gênero no meio acadêmico, entretanto, os homens permaneceram invisíveis nessas análises, pois não eram vistos como marginalizados e oprimidos, ou mesmo “diferentes” como eram mulheres, negros, gays, lésbicas, pobres, etc. Desse modo, houve a perpetuação do discurso da masculinidade como algo natural, inscrita no corpo, abrindo assim um processo maior de visibilização do gênero masculino.

Podemos demarcar, desse modo, que os estudos sobre masculinidades tiveram início na década de 80 no Brasil, ganhando mais força no final dos anos 90, especialmente nas questões referentes à sexualidade e saúde reprodutiva (HONÓRIO, 2012). Nessa perspectiva, teve início o foco na saúde global dos homens. Ainda na década de 80, houve discussões sobre os homens que envolviam questões de paternidade e educação sexual, principalmente com o advento da AIDS. Nesse sentido, Welzer-Lang (2001) afirma que através do movimento gay houve também a contestação sobre as hierarquias e bases homofóbicas que permeavam as relações entre os homens, que juntamente com vozes de resistências, permitiram visibilizar outros modelos de masculinidades.

Connell (1995) apresentou no que chamou de modelo de estrutura de gênero através de três dimensões: poder, produção e *cathexis*, nas quais contribuíram para um maior entendimento das masculinidades como um campo que está sempre relacionado a outros e não isolada dentro das discussões de gênero.

As relações de poder, segundo a autora, implicam na manutenção do patriarcado, ou seja, na subordinação geral das mulheres e na dominação dos homens em todas as culturas. Apesar de algumas resistências, ele se mantém enquanto uma prática que assegura o paradigma naturalista de hierarquização entre os gêneros em favor do masculino. Dentro das relações de produção, os homens detêm maior acumulação de riquezas e controle de grandes corporações em comparação principalmente às mulheres, permitindo assim a reprodução das tarefas e salários desiguais. Assim, Connell (1995) reafirma que esse processo de acumulação de gênero em prol dos homens integra parte da construção social da masculinidade.

A dimensão da *cathexis* envolve discussões sobre o questionamento acerca da conexão entre a heterossexualidade e a posição de dominação social dos homens, considerando que o prazer e o desejo sexual podem ser desfrutados igualmente entre todos e todas.

Do mesmo modo, o gênero não deixa de estar articulado a outras instâncias, dentre elas, às de raça e classe. De maneira similar, Connell (1995) lembra que as masculinidades também estão conectadas a essas instâncias, como as masculinidades de homens brancos que são exercidas sobre mulheres e homens negros, assim como as masculinidades de homens da classe trabalhadora estão subordinadas às masculinidades de classes mais altas. Com isso, os conceitos de gênero, raça e classe formam um efeito combinado, culminando no reconhecimento de múltiplas masculinidades, podendo ela ser branca, negra, de classe alta ou baixa, e sempre estabelecendo relações mútuas entre si.

Levando em conta o exposto, Connell (1995) apresenta algumas práticas e relações que estão presentes nas variadas maneiras de se exercer as masculinidades, demarcando assim o seu caráter múltiplo e transitório. Entre elas, encontramos a hegemonia, uma relação historicamente móvel que corresponde a uma dinâmica cultural na qual um grupo exerce a liderança sobre outros grupos. Do mesmo modo, em qualquer tempo dado se exalta culturalmente uma masculinidade no lugar de outras. Nessa configuração, a masculinidade hegemônica garante a legitimação do patriarcado, mantendo a posição de dominação dos homens e subordinação de outros homens e mulheres. Entretanto, os portadores dessa masculinidade não são as pessoas mais poderosas, segundo comprova Connell (1995), pois esse modelo pode se situar mais num plano de um ideal cultural, fazendo com que muitas pessoas não exerçam essa hegemonia em suas vidas pessoais, apesar de estarem diretamente relacionadas ao poder institucional ou grande riqueza. Com isso, a própria masculinidade hegemônica encarna uma estratégia habitualmente aceitável, apesar de transitória, pois grupos podem questionar velhas soluções e construir uma nova hegemonia.

Outra situação presente nas relações entre as masculinidades é a subordinação, que evidencia o seu caso mais importante na própria dominação dos homens heterossexuais e na subordinação dos homens homossexuais por um conjunto de práticas quase materiais (CONNELL, 1995). Entre elas, a violência legal, as discriminações pessoais, políticas e econômicas, abuso cultural, etc. De modo resumido, a opressão coloca as masculinidades homossexuais na parte mais baixa entre as hierarquias de gênero dos homens.

Isso acontece devido ao fato de que, para a masculinidade hegemônica, a homossexualidade se assimila à feminilidade, configurando assim a expulsão de homens e jovens homossexuais e alguns heterossexuais também daquilo que Connell (1995) chamou de “círculo da legitimidade”.

A cumplicidade, outra forma de relação presente entre as masculinidades, está conectada com o projeto hegemônico, por mais que o número de homens que de fato praticam esses padrões em sua totalidade seja bastante reduzido, a maioria aspira à hegemonia, que se traduz em privilégios. Connell (1995) mostra que é necessário teorizar sobre a situação específica dessa maioria de homens que tem conexão com o projeto hegemônico, pois são promovidas a partir dela dentro dessa relação de cumplicidade. O próprio matrimônio, paternidade e a vida comunitária constantes, implicam em compromissos dos homens com as mulheres. Ainda a esse respeito, Connell (2003), complementa:

La gran mayoría de los hombres que obtienen el dividendo patriarcal también respetan sus esposas y madres, y nunca son violentos con las mujeres; ellos cumplen con su parte en los quehaceres domésticos, traen al hogar el sustento familiar y pueden convencerse fácilmente de que las feministas deben ser extremistas que queman sus sostenes (p.44)⁸

Com isso, pode-se sugerir que, embora muitos homens hoje em dia não sejam violentos com as mulheres, não promovam ofensas a homossexuais, bissexuais e transexuais, e ainda por cima ajudem nos afazeres domésticos e respeitem suas mães e esposas, podem, ao mesmo tempo, se negarem a questionar sua posição privilegiada, advinda desses mesmos grupos nos quais mantêm, aparentemente, boas relações em seu dia-a-dia.

Por fim, para falar de marginalização, Connell (2003) retoma os conceitos de classe e raça, a partir dos quais se promovem relações mais amplas entre as masculinidades, além da hegemonia, subordinação e cumplicidade, que são relações internas ao gênero. Dentro dessa perspectiva, há uma supremacia das masculinidades brancas em relação às negras. Apesar disso, estrelas esportistas negras são apresentadas como exemplo de rudez masculina ao

⁸ “A grande maioria dos homens que obtém a herança patriarcal também respeitam suas esposas e mães, e nunca são violentos com as mulheres; eles cumprem com suas partes nos afazeres domésticos, trazem ao lugar o sustento familiar e podem convencer-se de que as feministas devem ser extremistas e que queimam seus sutiãs” (tradução livre).

mesmo tempo em que são associados à criminalidade. Desse modo, atletas negros podem ser exemplos para a masculinidade hegemônica, apesar dessa condição não ser contínua aos homens negros em geral, havendo uma espécie de autorização relativa dessa marginalização a que estão sujeitos até então. No Brasil, podemos aproximar essa breve autorização em relação a muitos jogadores de futebol e atletas olímpicos, como maratonistas e corredores, enquanto muitos outros negros passam a ser associados à pobreza e à criminalidade, demarcando um aspecto negativo das masculinidades que se torna ainda presente quando se recorre aos conceitos de raça e classe.

Desse modo, Connell (2003) afirma que a relação de marginalização e autorização também está presente entre as masculinidades subordinadas. Nessa perspectiva, a autora aponta que esses dois tipos de relação, hegemonia/ dominação, subordinação/cumplicidade e marginalização/ autorização, permitem que muitas análises sejam procedidas a partir de masculinidades específicas, levando em conta que elas são configurações de práticas datadas e inseridas histórica e culturalmente, sempre em negociação, podendo ser desconstruídas e reconstruídas dependendo daquilo que tenha valor.

Pedro Paulo de Oliveira (1998) também aponta algumas abordagens sobre as masculinidades, entre elas a do discurso vitimizador, que traz o processo de socialização masculina permeado por solidão, sofrimento, angústias e tensões, sendo a psicologia uma contribuição nessa perspectiva ao reclassificar o gênero masculino como “sexo frágil”, com apoio em estatísticas sobre a violência criminal, álcool e drogas e problemas de aprendizagem (nos quais os homens são em número as maiores “vítimas”). Com isso, foi apontada uma fragilidade na identidade masculina, um problema que é mascarado porque os homens detêm o poder. Oliveira (1998) coloca que esse discurso trouxe contradições, pois se de um lado o homem exerce o poder através de sua masculinidade, por outro é frágil, devido ao fato de que uma série de comportamentos que lhes eram atribuídos, efetivamente eram pouco realizados por eles.

Partindo de outra perspectiva, segundo o próprio Oliveira (1998), havia outro olhar sobre as masculinidades, na qual o homem estaria longe dessa condição de vítima, sendo que era necessário atentar-nos às dinâmicas das relações e à estrutura de poder que fundamenta esses processos de socialização. Essa perspectiva se apoiava no legado feminista e nos discursos sobre a mulher.

Mais tarde o feminismo veio romper com a ideia de uma masculinidade natural e inscrita no corpo, abrindo possibilidades para seu questionamento histórico. Tal discurso era aliado a outros fatores estruturais, entre eles a “rápida mudança tecnológica e consequentes alterações nas relações sociais nas instituições” (OLIVEIRA, 1998, p.108), promovendo assim reflexões sobre comportamentos e posições que muitos homens adotavam que destacavam sua inadequação e ineficácia no mundo contemporâneo. Alguns pesquisadores, segundo aponta Bóris (2002), sugerem a ocorrência de uma crise da condição masculina, devido a essa série de mudanças ocorridas nas últimas décadas, indicando assim ao homem a reavaliação de sua própria condição.

Com isso, um novo paradigma se construiu com a emergência de um novo homem. Oliveira (1998) aponta para uma representação de dois tipos básicos de comportamento, sendo um do homem tradicional, inexpressivo, “hipermasculino” e atrasado emocionalmente; e o outro emergente, um novo “homem”. Entretanto, o próprio autor questionou o alcance dessa mudança em termos efetivos, mudança essa que não alteraria as relações de poder entre gêneros. Nesse sentido, Oliveira (1998) traz:

Nestes casos a masculinidade se torna muito mais importante para aqueles que não têm outro meio de conquistar poder em outras esferas da vida social; resta-lhes o poder dentro das relações de gênero. Ser macho torna-se aí, também, um caminho seguro para a aquisição de *status* quando outras possibilidades lhes são negadas (p.109-110).

Nessa perspectiva, o autor atribui críticas a esse “novo homem”, sugerindo o homem branco, heterossexual e de classe média, que dispõe de mais recursos e possibilidades para preservar suas posições de prestígio através de uma atitude mais igualitária, por meio do discurso vitimista para não deixar de ser valorizado.

Não se trata nessa discussão de adotar uma visão ou outra, e sim apresentar as visões que permeiam os estudos sobre masculinidades, pois negar que os homens passam por diversas situações que provocam sofrimentos, angústias, medos e fraquezas durante o processo de socialização masculino, por um lado é ocultar parte das análises sobre as masculinidades, e por outro, tem que haver o reconhecimento da perspectiva feminista nas contribuições sobre os estudos das relações de gênero, e em específico do próprio gênero masculino, e entender que muitos homens ainda se mantêm nessa posição hegemônica com

relação às mulheres, gays, lésbicas e aqueles e aquelas que escapam das normativas identitárias, enquanto outros se mostram mais solidários a tais reivindicações, contribuindo inclusive para o avanço nas discussões.

Ainda a esse respeito, Connell e Messerschmidt (2013, p. 271) complementam: “sem tratar os privilegiados como objeto de pena, devemos reconhecer que a masculinidade hegemônica não necessariamente se traduz em uma experiência de vida satisfatória”. Nesse sentido, os autores apontam que a própria dominação masculina é aberta a contestações e requer muitos esforços para que seja mantida. Essa situação pode abrir precedentes para que haja a desconstrução, por crianças e adultos, dos binarismos de gênero e sua consequente crítica à masculinidade hegemônica se efetive em termos práticos e cotidianos.

2.4 Como se constituem as diversas masculinidades?

A visibilidade das masculinidades, hoje, se atribui a sua variação conceitual. Kimmel (2001) aponta que as Ciências Sociais têm elaborado diferentes definições, entre elas temporais (história), culturais (antropologia), cursos de vidas (psicologia do desenvolvimento) e diferentes grupos sociais em uma mesma cultura (sociologia).

Assim, as masculinidades apresentam distintas concepções para contextos variados de grupos de homens de acordo com a classe, etnia, idade, religião e territórios. Por isso, não é possível apresentar uma construção única de masculinidade, embora a masculinidade hegemônica ainda tenha um peso grande nessa composição subjetiva de muitos homens, conforme foi dito anteriormente.

Welzer-Lang (2001) traz contribuições muito significativas sobre o processo de construção de masculinidades, pois indica que diversas práticas começam a ser aprendidas para que o menino se torne um “homem de verdade”. Nesse grupo, que ele denominou “casa dos homens”, as relações se pautam no esquema iniciado-iniciador, ou seja, os homens mais velhos corrigem os mais novos de modo que busquem o acesso à virilidade, caracterizando o que esse autor classificou de “viriarcado”.

Esse acesso é iniciado por práticas de homosociabilidade, que ocorrem quando as crianças do sexo masculino deixam o mundo das mulheres para se reagruparem com outros

meninos de sua idade. Nesse grupo, aprendem que o sofrimento é necessário para se tornar homem, aceitar a lei dos mais velhos e a distinção das mulheres, que é colocada como o seu oposto. A partir desse momento, os operadores hierárquicos começam a se manifestar.

Através do sofrimento psíquico, social e corporal são promovidas violências, num primeiro momento contra eles mesmos, e depois contra os outros meninos. Essa tendência é orientada pela lógica da masculinidade que se afirma enquanto oposta e superior a outras manifestações de gênero. O masculino então se torna submissão a esse modelo ao mesmo tempo em que usufrui dos privilégios dele.

Para isso, muitos abusos são cometidos, não apenas de ordem sexual, mas também de ordem física e psicológica, através de golpes, ofensas, ameaças, gozações e controles, de forma a atribuir ao feminino o estatuto de seu grande inimigo. Quem for associado a uma mulher corre o risco de ser mal tratado como tal. Mesmo adultos, muitos homens frequentam a “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001), em lugares nos quais a sua masculinidade será reafirmada em oposição aos não-homens.

Logo, a educação de muitos homens passa pela incorporação da guerra que é promovida contra eles próprios, e depois contra os outros homens. A premissa básica do processo de socialização masculina é se diferenciar das mulheres, não ser associado a elas, colocando-os em uma posição de superioridade, sendo inclusive que a própria relação entre os homens parte do paradigma naturalista da hierarquia homem/mulher. Dessa maneira, o processo de afirmação da identidade masculina relaciona “ser homem” com “ser ativo”.

De modo similar, Boris (2002) aponta que desde a concepção do bebê “macho” até a virilidade adulta essa socialização masculina passará por diversos desafios, envolvendo aspectos biológicos, físicos, psicológicos e socioculturais. O menino, nesse sentido, se diferenciará das mulheres durante maior parte de sua vida, de modo a garantir sua existência enquanto homem, adulto e heterossexual. Isso pode se efetivar devido ao fato de que a masculinidade nos meninos é menos estável e precoce do que a feminilidade nas meninas, havendo uma maior preocupação dos homens em comprovar sua virilidade (BORIS, 2002).

Historicamente, a masculinidade sempre visou ser instaurada e garantida nos meninos. Boris (2002) aponta que desde a Grécia Antiga com a pedagogia homoerótica, passando pela educação viril dos cavaleiros na Idade Média e pelos rituais de iniciação masculina em jovens nas sociedades primitivas até as manifestações arbitrárias e conflitantes dos dias de hoje, os

homens passam por situações de terror e angústia, pois, se tornar um grande homem era uma meta dolorosamente alcançada e ansiosamente desejável.

Para isso, três agentes principais que atuam no processo de socialização masculina são apontados por Kimmel (2001): a família, a educação e a religião. O autor reforça que têm ocorrido avanços no âmbito da família e da educação, mas que a religião ainda se mantém mais resistente quanto às mudanças na vida dos homens. A mídia, segundo o autor, ainda se conserva enquanto grande precursora dos estereótipos tradicionais da masculinidade. Esses estereótipos são reforçados nos meninos e qualquer desvio das normas é severamente castigado.

Há a separação de meninos e meninas desde muito pequenos, criando espaços de homosociabilidade nos quais são promovidos sacrifícios, camaradagem masculina e onde são disciplinados para aceitarem a supremacia de grupos de homens adultos. As manifestações emocionais de virilidade, ferocidade e sexualidades são fortemente estimuladas e elaboradas nos meninos.

O ideal masculino se configura no homem guerreiro, bonito e feroz. No cotidiano, muitos homens ainda exercem a liderança nos espaços públicos, demonstrando o domínio sobre outros homens e mulheres, e excluindo-as da vida política e pública. No trabalho, os homens controlam maior capital e se constituem enquanto maioria na atuação política.

Por isso, Kimmel (2001) esclarece que as lutas em prol da igualdade entre os gêneros, e isso não se inclui apenas masculino e feminino, deve incluir também os homens, que têm que passar a se questionar sobre a posição que ocupam nessas relações.

Entretanto, é possível demarcar algumas mudanças que têm ocorrido nesse processo. Segundo aponta Kimmel (2001), nas famílias observa-se o aumento da participação dos homens nos afazeres domésticos, principalmente em países industrializados.

Diante dos avanços e conquistas promovidos por mulheres, gays e lésbicas nas últimas décadas, como procuramos demonstrar anteriormente, o homem se viu cobrado, principalmente pelas mulheres, em função dessas novas mudanças. Nesse sentido, começou a receber críticas por adotar posturas ultrapassadas e não conseguir atender a essas novas demandas que se mostravam emergentes. Para muitos, foi um questionamento a sua própria virilidade, ao seu status de “macho” e seu poder até então inquestionável. Boris (2002) deixa

claro que o sistema patriarcal desenvolveu um meio opressivo que prejudicou homens, mulheres e aqueles e aquelas que não aderiam à ordem clássica dos gêneros, mas que ainda hoje, essa perspectiva continua sendo adotada nos processos de socialização masculinos.

Connell (1995) aponta que esse sistema de gêneros, no qual os homens dominam as mulheres, não deixa de constituir muitos homens, enquanto um grupo interessado na conservação, e as muitas mulheres, enquanto um grupo interessado na mudança.

Mesmo que alguns homens tentem redefinir novas composições do masculino, rompendo com o caráter heterossexista, homofóbico, machista e misógino presente nos valores tradicionais, muitos ainda se mostram adaptados a esse modelo, ou mesmo se conformam com as transformações por uma questão de educação, mas se contrapõem a discutir situações nas quais não estão preparados para lidar.

Por sua vez, Boris (2002) procede com críticas a segmentos do feminismo, na medida em que o mesmo, em algumas ocasiões, adota o conceito de masculinidade do ponto de vista genérico, sem singularidade que apenas oprime as mulheres. Vale lembrar que a questão não é negar esses processos que ainda se fazem presentes em muitos homens, mas reconhecer os níveis de opressão a que muitos meninos, principalmente, nesse processo de socialização, estão sujeitos.

Boris (2002), assim, reafirma que as relações sociais de gênero são construídas através de instituições do poder, e o homem é o grande protagonista desse processo. Além disso, o masculino é sempre construído negativamente e em oposição, pois os homens têm que se diferenciar das mulheres e daqueles que julgam afeminados ou menos homens, no caso, os homossexuais (WELZER-LANG, 2001; BÓRIS, 2002; BORRILLO, 2009; SÁEZ, 2011). Ainda a esse respeito, Saèz (2011) complementa:

Es interesante señalar que esta dinámica del miedo nos muestra que «ser un hombre» es un lugar vacío. Es decir, es imposible escribir o definir en qué consiste ser hombre. Ni siquiera eso que llamamos *masculinidad* es algo privativo o propio de los hombres, como ha mostrado Judith Halberstam en su trabajo pionero sobre la participación de las mujeres en la creación de la masculinidad (*Masculinidad femenina*). Vemos en estos procesos que «ser un hombre» se basa en «no ser» otras cosas: no ser mujer, no ser homosexual. Es una identidad generada por oposición, por negación, o por la repetición de unos gestos estéticos o de conducta que carecen de original, es una noción sin un contenido preciso. El poder de los hombres, el poder patriarcal y machista, se construye, por una parte, por medio de ese desprecio

hacia las mujeres y, por otra parte, por el odio hacia los hombres considerados como menos masculinos, los gays (p.62)⁹.

Podemos, com isso, apontar que a masculinidade, em muitas ocasiões, se baseia em não ser outras coisas, se efetivando por meio do medo, desprezo e ódio. Qualquer característica atribuída ao feminino, tais como: dependência, passividade e manifestação de afeto, é eliminada para que meninos e jovens alcancem reconhecimento social e sejam valorizados e incluídos nos grupos “viris” (BÓRIS, 2002).

Partindo dessa discussão, Sáez (2011) afirma que a masculinidade em muitos homens, se constrói na premissa de que enquanto este penetrar mulheres e mesmo outros homens, não se consideram homossexuais, pois os/as “bichas” é que são penetrados(as). Nesse sentido, segundo aponta o autor, ser homem é “ser ativo” e “impenetrável”, sendo que ser ativo ou passivo está ligado historicamente através das relações dominador-dominado dentro da perspectiva do binário. O autor complementa afirmando que a masculinidade, a virilidade e o heterossexual se sustentam na impenetrabilidade, e quando o homem passa a ser penetrável ocorre um “deslizamento de gênero”, a partir do qual passa a ser associado a uma mulher e sua orientação sexual de heterossexual passa para homossexual. Ademais, o homem que se faz macho quando penetra para que sua “naturalidade” seja expressada, e, portanto, a universalidade de seu poder seja executada e garantida.

Ainda que tenham ocorrido diversos avanços nas composições das masculinidades, muitos homens tendem a seguir o modelo patriarcal tradicional, mesmo que depois não venham a exercê-las em sua totalidade, conforme aponta Connell (2003).

Esses avanços podem ser notados em alguns jovens, como observa Seilder (2006), que cresceram em um mundo com mais igualdade de gênero do que seus pais. O autor destaca que

⁹ “É interessante assinalar que esta dinâmica do medo nos mostra que ‘ser um homem’ é um lugar vazio. É dizer, é impossível escrever ou definir o que consiste ser homem. Nem sequer isso que chamamos de *masculinidade* é algo privativo ou próprio dos homens como tem mostrado Judith Halberstam, em seu trabalho pioneiro sobre os trabalhos das mulheres na criação da masculinidade (Masculinidade feminina). Vemos nesses processos que ‘ser um homem’ se baseia em ‘não ser’ outras coisas: não ser mulher, não ser homossexual. É uma identidade gerada por oposição, por negação, ou pela repetição de alguns gestos estéticos ou de conduta que carecem no original, é uma noção sem um conteúdo preciso. O poder dos homens, o poder patriarcal e machista se constrói, por uma parte, por meio desse desprezo pelas mulheres, e por outra parte, pelo ódio aos homens considerados menos masculinos, os gays” (tradução livre).

isso pode gerar inseguranças sobre o que é ser homem hoje em dia e como se comportar, o que pode gerar contradições e tensões em suas próprias experiências, mas ao mesmo tempo, possibilitam que vivenciem suas masculinidades de outras maneiras e que isso possa ser problematizado, conforme também já havia colocado Bóris (2002).

Desse modo, sugerimos que as masculinidades são construídas como experiência social e subjetiva, inseridas culturalmente e não outorgadas, de modo que se apresentam em constante negociação ao longo da vida. Por isso, é considerando os diversos aspectos que atravessam o exercício da masculinidade que se torna possível pensar em “homens e masculinidades” (BÓRIS, 2002; CONNELL, 2000, 2003, 2013; NASCIMENTO, 2004, KIMMEL, 2001).

3 Narrativas e masculinidades

Para que seja possível investigar as masculinidades e suas relações com a violência em jovens do gênero masculino, é indispensável tomarmos a subjetividade como ponto de partida da pesquisa. Sendo assim, ela se configura como o eixo central no processo investigativo dos referenciais adotados, que a entende como algo que se constitui no diálogo pesquisador-pesquisado durante todo o percurso da pesquisa e as dimensões socioculturais envolvidas.

Para Foucault (2006), essa produção pode ser vista como externa ao sujeito, ou seja, ela se consome por fora e por meio dos discursos que moldarão essa subjetividade de acordo com suas conformidades. Já para Bakhtin (2006), essa constituição passa pela dialogia que será instaurada no sujeito a partir de sua relação com o outro, também como um ente histórico, social e cultural, para que haja a produção de subjetividade e a organização das experiências. Essa produção e organização apenas serão possíveis através da linguagem, pensada como voz social.

A partir dessas premissas será importante salientar a relação entre o pesquisador e seu outro na produção de conhecimento, relação essa que nas ciências humanas transitará no campo das descobertas e revelações de modo que haja produção de sentido. (JOBIM E SOUZA & PORTO E ALBUQUERQUE, 2012).

As autoras Jobim e Souza & Porto e Albuquerque (2012) esclarecem que o ato de pesquisar se constrói pelo confronto de ideias e negociação do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa, que buscarão tanto compreender a realidade em que está inserido, como se surpreender pelo encontro que acontecerá com os sujeitos. Desse modo, a pretensa neutralidade requerida na produção do conhecimento dentro das ciências humanas será rompida dentro dessa perspectiva, pois esse ato será marcado por um acontecimento único, uma excepcionalidade, através da tensão produzida entre o eu e o outro, que vai gerar um conhecimento compartilhado.

O lugar do pesquisador passa a ser marcado por essa experiência singular proporcionada pelo encontro com o seu outro, que através da produção de textos atribuirá sentidos a esses acontecimentos (AMORIM, 2002).

Com isso, a produção de conhecimento nesse campo se dará entre o encontro do pesquisador e seu outro a partir das dimensões dialógicas, alteritárias e polifônicas. Segundo lembram Jobim e Souza & Porto e Albuquerque (2012), essas dimensões não podem ser pensadas separadamente, e tanto o pesquisador como o outro serão sujeitos e objetos do conhecimento.

Nessa perspectiva, o conceito de alteridade será importante para pensar que nessa busca de sentido, que comportará ao mesmo tempo uma noção de inacabamento permanente do sujeito, aquilo que é estranho e, ao mesmo tempo, o que está incluso, pertence a ele.

Do mesmo modo, a cena dialógica que será estabelecida nesse encontro visará, primeiramente, a produção de sentidos, acordos e negociações, diferente do que a busca de uma verdade única, interiorizada num único sujeito, pretendida anteriormente. Podemos enxergar com isso, que o outro é considerado nessa produção de conhecimento como alguém que confrontará o pesquisador, exigindo-lhe respostas, a partir de pontos de vista e valores distintos, fazendo da pesquisa um ato mais dinâmico que exigirá do próprio pesquisador um compromisso ético, na medida em que deverá construir textualmente essas experiências compartilhadas com os sujeitos da pesquisa.

Em suma, Jobim e Souza & Porto e Albuquerque (2012) definem dois momentos nesse ato de pesquisar, sendo o primeiro o ato entre o pesquisador e seu outro; e o segundo, o ato da escrita do texto. Elas ainda reiteram que a responsabilidade do pesquisador está em jogo através de seu ato de pensar dentro desses dois momentos, pensamento este que buscará, ao mesmo tempo, abarcar o mundo e incorporar novas ideias sobre ele.

Para isso, será importante também o conceito de autor e autoria (BAKHTIN, 1997), que se apresenta enquanto uma solução possível frente à tensão gerada entre esses dois momentos. O pesquisador, nesse sentido, assumirá a posição de autor-criador, que dará outra reorganização aos eventos da vida que foram registrados a partir de uma posição axiológica. Com isso, é necessário um deslocamento no plano da linguagem – concebida como heteroglossia – para que nessa reorganização seja possibilitada a criação. Sem esse deslocamento, a linguagem torna-se ingênua e inadequada, afirma Bakhtin (1997).

Trata-se de dizer, segundo aponta Faraco (2013), que ao invés de pensar a linguagem como algo unitário e absoluto, é preciso libertar-se dela, olhar estando fora dela. Em outras palavras, pensar a linguagem no sentido da heteroglossia, implica no reconhecendo de

múltiplas vozes, em pensar esse princípio criativo pelo princípio da exterioridade. Trata-se de dizer que se não houver a libertação da linguagem no seu sentido unitário, não haverá criação, e esta só será possível a partir do momento em que, através da posição axiológica, ocorra um deslocamento dessa linguagem que passará a ser pensada como voz social.

No caso da autobiografia, Faraco (2013) esclarece que não é um mero discurso sobre si mesmo, pois o escritor deverá se posicionar axiologicamente distanciado de sua própria existência. Com isso, a criação também dependerá desse deslocamento da linguagem. Em termos gerais, “autorar é assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) social(is)” (FARACO, p.54, 2013). Nessa perspectiva, aparece o conceito de polifonia, que deve ser aplicado colocando-se o autor como regente desse grande coro de vozes que irá participar do processo dialógico, vozes essas que serão criadas e recriadas de modo a permitir maior autonomia (BEZERRA, 2013). Em contrapartida ao monologismo, em que o autor concentrava em uma voz unívoca todo o processo de criação, com a pretensão de disseminar uma verdade inquestionável, sendo os personagens meros coadjuvantes de toda a Narrativa, a polifonia (BAKHTIN, 1997) será importante na medida em que adotará o enfoque dialógico, o que representa a libertação do personagem, que passa de coadjuvante a coautor do enredo.

A polifonia, segundo aponta Bezerra (2013), poderá ser definida a partir da interação e da convivência entre essas vozes que soarão ao lado da palavra do autor, promovendo assim seus cruzamentos. Ainda a esse respeito, o autor afirma:

[...] as personagens participam da história, interagem com o autor, que é um regente, não interfere nas vozes nem as controla, deixa que elas se cruzam e interajam, que participem do diálogo em pé de igualdade contanto que permaneçam imiscíveis; cada personagem é um sujeito que mantém sua individualidade marcada pelo papel que desempenha; (BEZERRA, 2013, p.198)

Aproximando essa noção do universo da presente pesquisa, os jovens participantes deixam de ser pensados como objetos a serem analisados em função de toda a discussão, para serem considerados como sujeitos de todo o processo criador, preservando suas individualidades, de modo que suas vozes interajam umas com as outras para que assim possam demonstrar suas autonomias e protagonismo.

Para isso, a concepção de narrativa que foi utilizada ao longo desta pesquisa teve como um de seus pilares o estudo sobre os gêneros discursivos, considerando o caráter dialógico do processo comunicativo (MACHADO, 2005).

Bakhtin (1997) afirma que cada maneira de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, e estes por sua vez, são denominados gêneros do discurso. Eles possuem um caráter heterogêneo, podendo ser usados para a linguagem verbal (oral) ou para a comunicação escrita, e são divididos em dois tipos: o primeiro, denominado gênero de discurso primário, se refere à comunicação cotidiana. O segundo, denominado gênero de discurso secundário, remete a uma comunicação mais elaborada, como a escrita. Podemos notar alguns exemplos do segundo tipo em romances, textos científicos, jornalísticos, etc.

Logo, Bakhtin (1997) afirma que os gêneros discursivos primários estão inseridos no secundário, interação que promove a manipulação da linguagem em ambos os níveis. Essa distinção se mostra relevante, uma vez que a natureza do enunciado, configurada como sutil ou complexa, deve ser esclarecida para que seus aspectos essenciais sejam abrangidos. Ainda a esse respeito, Bakhtin (1997) clarifica:

Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (p. 282).

Sobre o conceito de enunciado tratado, pode ser entendido como uma unidade de comunicação e significação, inserida num contexto específico, atuante na promoção de sentidos distintos para uma mesma frase que poderá ser aplicada em diversos enunciados (BRAIT & MELO, 2013).

Ao passar pela compreensão de que o enunciado é produto de um processo que terá a enunciação como fabricante de marcas da própria subjetividade, entendemos também que

num mesmo enunciado há múltiplas vozes que ecoam. Nesse sentido, a linguagem adota um papel central por ser concebida em sua dimensão histórica, social e cultural. Isso levou Bakhtin (2006) a elaborar uma teoria enunciativo-discursiva, cuja ideia era:

[...] propor, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo biológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema, significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo/discursivo (BRAIT & MELO, 2013, p.65)

Dentro desse contexto dos discursos e da linguagem, o processo dialógico se constitui a partir da interação entre interlocutores e seus discursos. Barros (2005) afirma que “a vida é dialógica por natureza”, e essa interação é o que vai constituir o princípio da realidade da linguagem, e será a condição do sentido do discurso. Sobre o discurso, este não é individual, é destinado a um ouvinte que vai compreender o seu significado, e se compõe entre pelo menos dois interlocutores e no diálogo entre discursos, assim como na relação com outros discursos.

A narrativa se configura como um tipo específico de discurso, e tem se tornado cada vez mais frequente nas investigações em Psicologia, que por sua vez, constitui-se como uma nova abordagem teórica, de um novo gênero de filosofia da ciência. Ela possibilitou a abertura de novos horizontes presentes nas “formas de vida” social, cultural e discursiva, por possuir um caráter aberto e transitório (BROCKMEIER & HARRÉ, 2003).

A origem do interesse da Psicologia sobre a narrativa surgiu em meados da década de 80, quando se evidenciou que a história, seja em sua forma contada ou escrita, constituía um importante parâmetro lingüístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para a tentativa de explicar a natureza e as condições de nossa existência (BROCKMEIER & HARRÉ, 2003). Os autores apontam que nesse mesmo período, Sarbin (1986) apresentou o termo “Psicologia Narrativa”.

Antes disso, Bruner (1991) apontou que o estudo da mente se centrou durante muito tempo no modo pelo qual o “verdadeiro” conhecimento era alcançado. Assim, esse alcance da “realidade” era apenas possível dentro da ciência através de uma perspectiva empirista ou racionalista. A primeira possibilitava uma leitura da interação da mente com o mundo externo

e a segunda, através de faculdades mentais próprias e princípio de uma razão denominada verdadeira.

Essa situação influenciou o próprio desenvolvimento da psicologia, pois ambas as tradições dominaram muitas concepções de como a mente se desenvolvia e alcançava a realidade. A partir de críticas proferidas à filosofia positivista e demais ciências que adotavam essa perspectiva, houve a abertura para investigações interpretativas concentradas nas “formas de vida” social, discursiva e cultural (BROCKMEIER & HARRÉ, 2003).

Nesse sentido, a emergência de outro caminho possibilitou o aparecimento da narrativa enquanto uma forma distinta de organizar as experiências e memórias de acontecimentos humanos, a partir de uma nova tendência que incrementou uma série de implementos culturais, tais como a linguagem, que pode ser utilizada para diferentes propósitos, bem como, outros sistemas simbólicos que intermedeiam o pensamento demarcando outras representações da realidade (BRUNER, 1991). Essa nova descoberta de forma escrita de história, tanto oral como escrita, passou a se constituir enquanto um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico, segundo mostram Brockmeier e Harré (2003).

Sua definição não se efetiva de maneira clara e única, porque pode se configurar de diversas formas e estilos, apresentando uma fenomenologia cultural diversificada e aberta, além do que, muitos de seus elementos estão presentes em vários outros tipos de discursos como em textos científicos, jurídicos, históricos ou religiosos.

Brockmeier e Harré, (2003) esclarecem que as narrativas também podem ser entendidas enquanto expressões de um conjunto de normas e instruções que tem por finalidade compor um leque de práticas comunicativas, bem como, ordenar e dar sentido às experiências como forma de promover conhecimentos. Assim, seu estudo deve estar sempre conectado com práticas discursivas e contextos culturais.

A narrativa se caracteriza como um “princípio organizador” que as pessoas usam para pensar, perceber, imaginar e posicionar-se moralmente no mundo, estabelecer conexões a fatos e objetos (GERMANO & SERPA, 2008). Através dela, é possível acessar os sentidos da ação, como crenças, compromissos, desejos, razões, motivos, valores e teorias.

As construções narrativas se constituem numa versão da realidade, cuja aceitabilidade não se encaixa na verificação empírica e precisão lógica, não havendo, desse modo, uma preocupação em determinar se as histórias narradas são verdadeiras ou falsas. Essas construções podem alcançar o que Bruner (1991) chamou de “verossimilhança”. Nesse sentido, a preocupação central não é apenas como o texto narrativo é construído, e sim de que modo ele irá operar como instrumento mental de construção da realidade. As narrativas possibilitam a compreensão de nossas experiências, que podem ser complexas em contextos longos, de modo que ela irá organizar nossas memórias, intenções, histórias de vida e identidades pessoais.

As narrativas podem ser divididas em diversas subcategorias tais como: mitos, contos populares, fábulas, contos de fada, memoriais, histórias reais e fictícias, textos históricos, jurídicos, religiosos, filosóficos e científicos. Tais histórias não acontecem simplesmente, mas são contadas. Geralmente, a comunicação sobre um evento da vida, seja ele um sonho, doença ou qualquer outra situação, pode assumir a forma de uma narrativa, a partir da inserção de certas convenções que serão listadas mais adiante.

Segundo Bakhtin (1997), cada palavra, enunciado ou narrativa traz marcas possíveis e reais dos sujeitos que as expressam. Para Bruner (1991), as narrativas representam um modo específico de construção e constituição da realidade, pois seu conhecimento depende do contexto cultural em que está inserido, e operam de acordo com a mediação entre o indivíduo e o ambiente postulante de uma determinada cultura, ou um padrão generalizado da cultura.

As narrativas vão atuar, no que Brockmeier e Harré (2003) chamaram de *modus operandi* das práticas específicas de discurso, ou seja, um modo de concepção e composição da realidade que, para alcançar o conhecimento vai estruturar a ação e ordenar experiências, sendo que para isso, deve representar um modelo altamente flexível, não cristalizado e normativo.

Uma das funções da narrativa é a de subjetivar o mundo e abrir espaço para o hipotético, isto é, para perspectivas possíveis capazes de constituir a vida genuína da mente interpretativa. Nesse sentido, seu uso dentro da Psicologia se mostra relevante na medida em que sua particular abertura e plasticidade permitem maior qualidade na criação de outras formas de constituir realidades, significados e discursos que vão possibilitar a expressão de mentes com maiores capacidades interpretativas.

Para isso, é importante apresentar outras características da narrativa, ainda não mencionadas nessa discussão, as quais são elencadas por Bruner (1991) em seu texto *A construção narrativa da realidade*, que serão importantes para um maior entendimento quanto ao seu uso.

A primeira delas é a diacronicidade, característica narrativa que pode ser atribuída à temporalidade sequencial. Ainda a esse respeito, Bruner (1991, p.6) esclarece: “É o tempo cuja significação é determinada pelo significado atribuído aos eventos em seu próprio ritmo”. A particularidade, outro elemento presente, se refere aos acontecimentos isolados que serão o seu veículo e não o seu destino, sendo incorporados ao longo da história. Nessa perspectiva, os acontecimentos pertinentes a estados intencionais, outra característica da narrativa, como desejos, teorias, valores e convicções se tornarão base para a interpretação da ação dos envolvidos.

A composicionalidade hermenêutica é um termo importante nessa discussão, pois apresentará uma explicação intuitiva convincente do significado do texto, partindo do princípio daquilo que foi significado nele e suas partes constituintes, ou seja, conforme nos esclarece Bruner (1991), essa interdependência textual parte-todo será a relação monumental do círculo hermenêutico. Os eventos, nessa perspectiva, precisam se constituir enquanto “funções” da história que podem ser alteradas por esse viés interpretativo através do contexto, das condições do contar, da intenção de quem conta e do conhecimento partilhado. Esse modo de análise rompe com o método racional de assegurar uma única verdade e também com o método empírico de determinar a confiabilidade dessas partes que negligenciavam o modo de processar interpretativo.

A canonicidade e violação, outro elemento constituinte, aponta para um enredo que convencionalmente é quebrado ou violado dentro das narrativas, abrindo possibilidade para sua inovação. Nesse sentido, a violação corresponde a uma norma, que será outra característica presente nas narrativas: a normatividade. Vale deixar claro que essa normatividade muda de acordo com as preocupações do momento e circunstâncias que envolvem sua produção. A sensibilidade do contexto e negociabilidade serão importantes pelo fato de que permitirão a busca por significados, tornando-se, dentro desse contexto de descrições, um instrumento que também possibilitará a negociação cultural. Por fim, o acréscimo narrativo incrementará a cultura e a história dentro dos acontecimentos do passado.

Esses elementos citados acima permitem uma maior compreensão daquilo que as narrativas contemplam, e serão importantes para que seu caráter múltiplo, aberto e interpretativo seja mantido.

Dentro das diversas espécies narrativas, utilizamos as narrativas autobiográficas, que têm a finalidade de contar a história de um indivíduo e seu caráter social (GERMANO & SERPA, 2008). De modo complementar, a biografia se caracteriza por um discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, que instaura um campo de renegociação e reinvenção identitária.

Carvalho (2003) esclarece que os métodos biográficos operam numa espécie de interjogo entre a privacidade do sujeito que narra e o espaço sócio-histórico e cultural de sua existência, fazendo com que seja promovida uma articulação narrativa no relato autobiográfico. Em outras palavras, as autobiografias serão colocadas em continuidade, tendo como base uma história social construída e compartilhada, na qual se inserem continuidades individuais conduzidas pelo próprio sujeito.

3.1. Masculinidades nas narrativas dos jovens participantes

A presente pesquisa se configura como um estudo de múltiplas vozes (BAKHTIN, 1997) de caráter qualitativo. Sua realização ocorreu em uma instituição socioassistencial situada num município do interior do Estado de São Paulo, onde foram indicados pelos profissionais da instituição, 04 jovens do gênero masculino com idades entre 16 e 21 anos, em cumprimento ou que já haviam cumprido as medidas socioeducativas.

Depois de realizada a escolha, os jovens foram convidados a produzir suas narrativas autobiográficas de forma individual. Para isso, utilizamos uma “questão gerativa de narrativa” (FLICK, 2010) para facilitar o processo de produção das narrativas, tal como a que se segue:

“Gostaria que me contasse sobre a história de sua vida até esse momento. Durante esse processo, me diga sobre as relações que estabeleceu na escola, em casa, em seu bairro, entre outros lugares que foram significativos para você. Disponha do tempo que precisar para isso, com bastante calma e em detalhes”.

A partir dessa questão, foi oferecido um espaço para que os jovens contassem suas histórias da maneira que se sentissem mais à vontade, dispondo do tempo que achassem necessário. As questões pertinentes emergiram a partir das narrativas, também como forma de estimular o prosseguimento nos relatos sobre suas histórias de vida.

Paralelo a isso, o permanecemos em contato frequente com a instituição e os jovens para quaisquer outros esclarecimentos que fossem necessários por ambas as partes, também objetivando o estabelecimento de maiores vínculos. O registro foi realizado através de gravação de voz e posteriormente foi procedida à transcrição das narrativas contadas pelos jovens. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis-SP, com parecer nº 535.788 em 13 de Fevereiro de 2014.

Cabe esclarecer ainda, que foi tentado contato anteriormente na Fundação Casa (SP)¹⁰, por esta comportar um maior número de jovens que se encontravam em cumprimento de medidas socioeducativas. Entretanto, questões burocráticas impediram meu acesso às dependências da instituição. Com isso, nosso acesso se optou por adotar outra instituição, na qual já havia realizado estágio curricular durante a graduação, e onde mantinha mais contatos, o que nos garantiu plena liberdade e apoio para o desenvolvimento da pesquisa. No que concerne à relação com os jovens, os funcionários da instituição mantinham boas relações o que facilitou a aproximação com eles. Entretanto, as dificuldades para obter um número maior de entrevistas narrativas decorreram do fato de que nessa instituição havia um número menor de jovens que cumprem ou já cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto em relação à Fundação Casa (SP); e com isso essa aproximação com os poucos que a princípio aceitaram participar da pesquisa teve que ser feito com mais cuidado, demandando assim mais tempo para que houvesse criação de maiores vínculos essenciais para a realização da pesquisa. Mesmo tomando esses cuidados, alguns relatos foram descartados por conta do pouco tempo de gravação, devido provavelmente à timidez e desconfianças por parte de alguns jovens que não se sentiram à vontade para contar suas histórias de vida. Com isso, algumas gravações não continham elementos suficientes que possibilitassem suas descrições e análises, bem como, ocorreram algumas desistências durante o processo. Devido a esses fatores não foi possível um maior número de jovens para compor as narrativas.

¹⁰ A Fundação Casa (SP), Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, é uma instituição que está localizada no Estado de São Paulo que presta atendimentos à crianças e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade.

Desse modo, foram quatro os jovens que se disponibilizaram a compor as narrativas que foram contempladas nessa discussão. A seguir, apresentarei brevemente a história de cada um deles, modificando seus nomes e demais informações que possam identificá-los, de forma a garantir seus anonimatos:

O primeiro participante foi Pedro, 17 anos, nascido numa comunidade pobre numa cidade do interior do Estado de São Paulo. O jovem mostrou-se muito disponível logo num primeiro momento e depois ao longo da entrevista, o que possibilitou maior fluidez em seu relato, facilitando nosso diálogo. O pai, trabalhador rural, e a mãe, empregada doméstica, tiveram mais três filhas e um filho, além de Pedro. Sua infância foi repleta de desafios, a começar pela prisão do pai, fato que Pedro não aceita até hoje, e que ocasionou a separação de sua mãe, que passou a criá-lo sozinha. Durante sua infância e juventude, Pedro foi vítima de doenças e acidentes que o marcaram e provocaram mudanças na sua forma de lidar com a vida, pois até então relatava que saía para festas, fazia cursos e ia bem na escola, mas após fazer algumas amizades, que segundo ele mesmo, “não foram convenientes” passou a cometer alguns delitos. Com isso, cumpriu medida socioeducativa na Fundação Casa, porque estava na casa de um amigo no momento em que os policiais chegaram e encontraram drogas no local. Depois disso, foi para uma instituição socioassistencial onde atualmente cumpre medida socioeducativa de liberdade assistida. Apesar de relatar que conviveu num ambiente extremamente violento, segundo ele “fora do padrão de vida brasileiro”, nota-se que isso não fez parte diretamente de suas ações. Notamos também em seu discurso uma vontade muito grande de vencer na vida com base em todas as dificuldades e sofrimentos que relatou. A mais grave delas foi uma doença que descobriu há alguns anos que o impossibilitou de fazer atividades que gostava, como jogar futebol e correr, obrigando-o a ter uma mudança de postura e atitudes, que passou a dar outro sentido a sua própria existência. Hoje em dia, mora com a namorada, com a qual afirma ter uma boa relação, e um cachorro. Pedro diz que conheceu a companheira antes de ir para a Fundação Casa, e assim se manteve quando saiu de lá. Atualmente, o jovem trabalha no período da noite, enquanto a namorada cuida da casa.

O segundo participante, Leandro, 17 anos, morava com a mãe, o padrasto, um irmão e uma irmã numa chácara. Chegou bastante tímido e falava pouco, mas no decorrer da conversa se soltou um pouco mais e foi possível obter maiores detalhes sobre sua história. Durante sua infância, ia ao colégio de manhã e trabalhava na chácara o restante do período. Relatou que sofria diversas agressões por parte do padrasto. Em uma dessas situações, que

eram recorrentes, aos 15 anos de idade, ameaçou-o com um pedaço de pau, para então sair de casa. No período em que ficou na rua, Leandro diz ter conhecido bastante gente quando começou a beber, usar e vender drogas e a brigar. Em um desses momentos na rua, relatou ter sido encaminhado para o hospital por coma alcoólico após beber muito, chegando a ficar na UTI, devido a uma briga que teve anteriormente com a mãe e a namorada. Cumpre medida socioeducativa por ter sido acusado de estupro, embora não tenha sido possível obter maiores detalhes sobre essa história, ficando sua versão restrita à relação afetiva que teve com uma garota que queria namorá-lo, mas o jovem não quis, possível motivo da acusação. Atualmente, cumpre a medida e mora com a namorada, que conheceu enquanto fazia corrida. Em suma, a história de Leandro foi a que mais chamou a atenção, pelos relatos de agressões que relegaram sua infância às surras e ao trabalho forçado pelo padrasto. Não havia espaço para diálogo num ambiente em que reinavam as agressões. Nesse caso, fica claro como a violência foi um marco importante durante parte de sua vida.

O terceiro participante, Júnior, 16 anos, mora com a mãe e um irmão de 10 anos. Garoto de olhar desconfiado quando nos conhecemos. Passado esse momento de desconfiança, o Júnior se soltou mais e permitiu que conhecêssemos sua história de vida. Da infância, relatava que não saía muito de casa, se dava bem com a família e tinha amigos com os quais jogava bola e empinava pipa. Na escola, dizia ter sido sempre um péssimo aluno, chegando a inclusive repetir o ano letivo. A partir dos 15 anos de idade, começou a sair de casa e andar com amizades “erradas” na rua, passando a usar e vender drogas e, posteriormente, a roubar para manter o uso. A família, segundo Júnior, foi deixada de lado em meio a essa vida nas ruas. Cumpre medida socioeducativa por envolvimento com o tráfico de drogas, tendo passado antes por internação na Fundação Casa e atualmente cumpre a medida de liberdade assistida numa instituição socioassistencial, onde faz cursos. Ao final da narrativa perguntou se o relato havia ficado bom, pois caso contrário disse que gravaria novamente, o que demonstrou maior aproximação e menos desconfiança.

O quarto participante, Márcio, 18 anos, mora com o irmão. Inicialmente demonstrou bastante timidez que ao longo da conversa foi superando. Além do irmão com quem mora, tem mais um irmão e duas irmãs, além de seus pais que moram na mesma cidade. Iniciou seu relato dizendo que durante a infância vivenciou muitas brigas entre os pais, chegando um dos irmãos a agredir a mãe em uma delas. Simultaneamente a isso, Márcio brigava constantemente na escola e aos nove anos passou por uma cirurgia após bater com a barriga

na mesa. Em seu bairro, tinha bastantes amigos e saía para brincar na rua. Aos 13 anos, afirmou que após a brincadeira do compasso (que consiste na marcação do abecedário num círculo e o compasso no centro e, segundo o jovem, o compasso era mexido pelo “coisa ruim” e era proibido sair no meio, pois quem determinava o fim da brincadeira era o “coisa ruim”), ficou possuído, passando a expressar muita revolta e a fazer várias coisas “erradas”, entre elas a praticar furto dentro da própria casa. Foi parar na Fundação Casa devido a um desses roubos e relatou que lá dentro sofria diversas agressões verbais e físicas por parte dos funcionários, além de se envolver em brigas com outros jovens constantemente. Atualmente, cumpre medida socioeducativa em meio aberto. Relatou que vai à igreja com o objetivo de ficar longe de brigas e confusões. Disse ainda que tem algumas recaídas com relação ao uso de drogas, mas que luta para sair dessa situação. O que chamou mais atenção em Márcio foi o significado que a brincadeira do compasso teve em sua vida, atribuindo grande parte dos aspectos negativos após romper com as regras do jogo. Nesse sentido, a religião entrou como forma de evitar a prática dessas coisas “erradas” que começou a fazer devido a esse rompimento.

4 Eixos temáticos de análise das narrativas

A análise das narrativas autobiográficas tomará como fonte dos dados as entrevistas realizadas com os jovens e será feita adotando a perspectiva “construções de vida” (BUDE, 1984 apud FLICK, 2009), que partirá do princípio de tomar as narrativas como construções subjetivas e sociais produzidas pelo participante em diálogo com o entrevistador. Haverá uma organização dos relatos dos jovens com base no tempo narrativo, metas, interações, ações, motivos, circunstâncias e o desfecho até o cumprimento das medidas (LYRA & RIBEIRO, 2008; BAKHTIN, 1997).

Com isso, objetiva-se criar eixos temáticos para uma análise posterior mais detalhada, contemplando algumas características presentes nos relatos autobiográficos, segundo aponta Gibbs (2009), como a cronologia, atores sociais presentes, momentos fundamentais ou eventos decisivos, influências e planejamentos. Através das escolhas dos trechos selecionados por meio dos relatos dos jovens, pretende-se buscar os entrelaçamentos e sentidos das masculinidades e as violências em suas vidas e o significado atribuído a esses sentidos.

A análise das entrevistas narrativas foi pensada da seguinte forma: inicialmente foi feita a identificação de trechos narrativos que traziam elementos atribuídos às relações de gênero, masculinidades e/ou violências na vida dos jovens, tornando possível a construção de três eixos temáticos para uma posterior discussão mais aprofundada. São eles: Relação entre os bailes funks com masculinidades, poder e violência; Violências familiares e estruturais na subjetivação juvenil; e Relações de violências de gênero e masculinidades presentes nas relações afetivas.

4.1. Relação entre os bailes funks com masculinidades, poder e violência

A proposta desse eixo temático foi pensada em meio às narrativas que trouxeram o envolvimento dos jovens com os bailes funks, as quais sugerem uma relação mais ampla com a questão das masculinidades, poder e violência.

A difusão do movimento funk no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, conforme aponta Zaluar (2000), teve início na década de 90 enquanto uma alternativa de lazer até então inexistente para muitos jovens de classes populares, em sua maioria, pobres e negros.

Dayrell (2002) aponta que o funk expressa uma determinada maneira de se vivenciar essa condição juvenil, na qual os jovens experimentam trocas, sonhos e diversões. Essa condição por muitas vezes era representada, segundo o mesmo autor, na imagem socialmente criada dos jovens pobres, constantemente associada à violência e à marginalidade, ou mesmo como potencialmente marginais. Desse modo, não cabe aqui estabelecer essa imagem naturalizada, mas sim descrever o modo como esses jovens experimentam e significam essa condição juvenil numa perspectiva das masculinidades, violência e poder.

Em um dos relatos, Pedro demonstra um pouco dessas experimentações ligadas aos bailes funks:

[Pesquisador] Como era essa sua relação com os bailes, atrás de mulheres, como eram os seus relacionamentos?

[Pedro] Então, véio, no baile a gente, acho que todo mundo, pô, quer o que? Quer se divertir. Briga em baile, já briguei algumas vezes mas por motivos fútil, velho, tipo fora do padrão, mas a gente vai num baile procura se divertir, beber, conhecer pessoas diferentes, tanto faz homem ou mulher, a gente vai conhecer, né? Vamos tentar ter alguma coisa a mais com a garota, né? Já frequentei vários bailes, já frequentei vários lugares onde podia até ser perigoso no momento, véio, mas isso foi antes de eu ficar doente, aí depois que eu fiquei doente mudou tudo, véio.

Tais experiências podem apontar que não só de violências, machismos e poder se efetivam as relações entre eles dentro desses bailes, e que por mais que as brigas ocorram em determinados momentos, estas podem se mostrar também como algo “fora do padrão”, permitindo assim a manifestação de outras possibilidades de se reconhecer jovem.

A partir das experiências adquiridas com esses jovens, foi permitido compreender os bailes funks também como um espaço de socialização e experimentações do que é ser jovem. No entanto, essa relação mais estreita com as masculinidades, poder e violências, nos leva a pensar num modo de subjetivação da masculinidade hegemônica conectada diretamente com a

hierarquização entre gêneros e mesmo com processos de socialização masculinos, ou seja, os bailes funks correspondem também a um lugar de afirmação e vivência dessa masculinidade.

Essa temática foi levantada por meio dos relatos dos jovens entrevistados que frequentam ou já frequentaram os bailes funks em suas cidades. Dentro desse universo, constam diversos elementos que atravessam suas subjetividades e que apontam modos de ser homem e suas interfaces com a violência e o poder. No relato de Leandro foi possível notar a violência que está presente no universo dos bailes funks, e que mesmo assumindo os possíveis riscos quando se envolviam em brigas, eles temiam que lhes acontecessem algo pior:

[Pesquisador] Como era o baile funk?

[Leandro] Baile funk? Ah, os cara chega e canta com aquelas luzinhas piscando e você dança né.

[Pesquisador] E o que rola no baile funk?

[Leandro] Mais é droga. Mulherada, bebida.

[Pesquisador] Como era o ambiente lá? Tranquilo? Tinha violência?

[Leandro] Bastante, bastante.

[Pesquisador] E você via muita coisa? Como era?

[Leandro] Via bastante gente.

[Pesquisador] Brigando?

[Leandro] No baile funk mesmo que teve aqui tinha um cara lá com revólver e os caras saíram tudo correndo. Confusão, aí não cheguei lá perto, bala perdida...”

[Pesquisador] Mas você não sabia o motivo...

[Leandro] Só vi o cara com o revolver lá e saí correndo.

[Pesquisador] Mas é comum esse tipo de situação?

[Leandro] É comum. Vai com o revolver e se sair uma briga ele já tá armado.

[Pesquisador] É comum ter tiroteiro então?

[Leandro] É, já vi muito hein. Lá em [...] eu vi um cara matar o outro na minha frente. O cara parou o carro lá e acertou com o outro. Daqui era no bar assim mais ou menos, dali da frente. O cara sentou a bala no outro.

Essa situação se aproxima da realidade descrita por Zaluar (2000) no Rio de Janeiro através de brigas e mortes provocadas antes e depois dos bailes funks que acontecem em favelas, clubes de bairros e subúrbios cariocas. Do mesmo modo, a autora aponta que essas situações preparam o jovem para as guerras seguintes que poderão enfrentar fora desses ambientes. Com isso, a masculinidade produzida nesses espaços condiz com a criação de um guerreiro que terá que ter coragem, frieza, dureza para combater os inimigos que aparecerão mais adiante em suas vidas, logo, tal postura se traduz na modelação da masculinidade hegemônica trazida por Connell (2013).

Essa hegemonia também é produzida através das relações entre esses jovens e as mulheres presentes nos bailes, conforme demonstra o relato de Júnior:

[Pesquisador] E como era quando você saía na rua, você ia em festa, como era?

[Júnior] Ia muito na rua, vish, os caras gosta muito de ir no baile funk lá em outra cidade.

[Pesquisador] Ah, é? E o que rolava no baile funk?

[Júnior] Noss, só droga, putaria...nossa senhora...

[Pesquisador] Você ia mais nessas festas?

[Júnior] Ia mais nesses estilos de festas...quando tinha baile funk pra ir e tinha festa com a minha família, eu escolhia o baile funk e deixava minha família de lado. Ia com os amigos e deixava meu pai e minha mãe de lado, meu irmãos e ia pro baile funk. Ficava três, quatro dias na outra cidade perdido lá...

[Pesquisador] Ah, rolava por vários dias?

[Júnior] Vários dias. Teve um lá que rolou por duas semanas seguidas. Um dia antes nós fez um roubo e nós pegou 35 mil, aí nós falou: “vamos se perde no baile”. Aí nós pegamos 15 mil e compramos um quilo de cocaína e levamos pro baile. Aí o resto nós só bebemos e

cocaína na mesa. Nós encheu a casa de um colega nosso de puta, de biscataiada, cheirando e a muié em cima, só putaria...”

[Pesquisador] E o que você mais gostava lá no baile?

[Júnior] Nossa, eu gostava da putaria. Eu ia mais por causa das muié, rs.

[Pesquisador] E o que rola no baile funk?

[Júnior] Mais é droga. Mulherada, bebida”.

Esse panorama confirma um lugar determinado de ser homem que também se efetiva através da dominação sobre as mulheres que, nesse caso, cumprem apenas a função de satisfazê-los sexualmente. O baile funk é um lugar onde os jovens procuram também bebidas e drogas, que juntamente com as mulheres englobam algumas das características que reforçam o lugar de ser “macho”, conforme também aponta o trabalho de Zaluar (2000).

Entretanto, havia regras de convívio que deveriam ser seguidas por esses jovens, e que se traduzem na demarcação de poder exercido pelos chamados *disciplinas*, que estabelecem a ordem no local e detêm para si a sentença a ser atribuída para quem briga ou comete um ato que vai contra aquilo que está nas regras gerais do convívio dentro dos bailes e nos bairros, chegando mesmo a mandar matar, conforme esclarece um Leandro:

[Leandro] Quando tem briga assim, tem vez que o “disciplina” chega e acalma tudo, mas tem vez que não...

[Pesquisador] Disciplina?

[Leandro] Disciplina é os irmão que manda. Porque disciplina todas as coisas cai na mão dos disciplina, do que acontece na cidade.

[Pesquisador] Então são os “caras” que comandam, é isso?

[Leandro] É. Se o cara pedófilo matou a muié e caí na mão dele, ele vai lá e mata o cara ou cobra a fita do cara. Cai tudo na mão dele. Disciplina ou irmão.

[Pesquisador] Era um grupo bem unido, então?

[Leandro] É. Quando nós tá no baile funk assim tem vez que nem sai briga, mas tem vez sai até tiro. Quando os irmão não tá, os disciplina os cara até briga.

[Pesquisador] E quando ele está?

[Leandro] Os cara respeita. É como juiz, se os cara manda acabou. Por exemplo se o cara manda matar um outro ali, ele vai lá e mata. Se o cara fizer coisa errada também. Por exemplo o cara da briga tá errado, o disciplina vai saber por que os caras tão brigando. Ele vai puxar a ficha do cara”.

A figura do *disciplina* assemelha-se, segundo Leandro, à do juiz. Ele detém o poder maior de decisão sobre quem está certo e errado, e inclusive sobre a vida e a morte desses sujeitos, assim como a figura do soberano, que detinha o direito de vida e morte de seus súditos, inclusive mandando-lhes matar, a título de castigo, caso infringissem suas leis (FOUCAULT, 1988). A ordem no local era garantida pelos poder das *disciplinas* através do cumprimento das leis que foram estabelecidas e com a utilização da violência via punição daqueles que deixassem de cumpri-las ou as infringissem. Com isso, a violência era apenas utilizada quando o poder era desobedecido (ARENDDT, 1994).

Desse modo, os bailes funks contribuem com a produção do modelo hegemônico de masculinidade, pois para se tornar homem de verdade o jovem deve desde cedo incorporar essa guerra prometida entre os próprios homens para que a reprodução desses ideais seja efetivada frente às mulheres e aos “não-homens”. Por isso, devem respeitar a hierarquia para que depois se tornem produtores dessas mesmas premissas.

A questão aqui não é condenar os bailes funks, pois ele representa um elemento cultural que permite a construção de modos de socialização entre muitos jovens que todos os dias são vítimas da realidade nas periferias das grandes e pequenas cidades; mas sugerir algumas pistas que permitem enxergar um pouco como esses jovens significam esse momento de lazer quando inseridos num contexto onde há violências de diversas ordens, relações de poder e dominação e formas de expressão do que é ser homem. Os bailes *funks*, nesse sentido, podem ser analisados com mais profundidade para que se possa avançar e compreender melhor suas relações com as masculinidades, poder e violência.

4.2. Violências familiares e estruturais na subjetivação juvenil

A proposta desse eixo temático é discutir as violências familiares e estruturais experimentadas por esses jovens durante suas vidas e como elas se conectam, ou não, com as masculinidades, que implicações elas têm no modo de significar essa experiência entendida como masculina.

Para isso, é importante partir do próprio entendimento de violência desses jovens com base em suas histórias de vida:

[Pesquisador] E um pouco também relacionado com sua história de vida, o que é violência, o que você entende por violência?

[Pedro] Violência? Ah, para mim acho simples pensar numa violência, né? Violência familiar, violência que começa dentro de casa, começa a prejudicar seus irmãos, seus parentes. Violência na rua é quando uma pessoa começa a agredir a outra. Quando, vamos dizer assim, uma pessoa não sabe respeitar as ideias, o espaço da outra pessoa, independente do que é, do que trabalha, ou, não sei se pode falar assim, os policiais, delegados, alguém que na hierarquia um pouco maior que a gente, eles acham que por isso eles podem pisar, eles podem maltratar, que eles podem bater, pelo caso deles serem um pouquinho maior que a gente. Acho que pra mim violência é, a partir do momento que você não sabe respeitar decisão, espaço ou lugar que você está, você já está cometendo uma violência.

[Pesquisador] E como se deu a sua relação com a violência com base em tudo o que você me contou. Tem inclusive uma fala sua aqui que você coloca “as brigas ocorriam geralmente entre meninas, mas muitas vezes aconteciam assim, vamos dizer, bandido contra bandido, né? Até mesmo briga por causa de ponto de droga e de comercialização. Então como eu falei, qualquer coisa gerava briga, vamos supor, se eu tivesse usando droga onde era o lugar de outra pessoa vender a droga, aquilo já era motivo de briga, motivo para acontecer algo além do comum. Se você passasse e olhasse para mulher de bandido já era motivo de acontecer algo fora do comum também. Então era motivo sem foco, qualquer coisa já gerava briga, gerava até uma morte”. Então pensando um pouco nisso e o que você me falou o que entende por violência, como se deu a sua relação, ou não se deu, a sua relação específica com a violência?

[Pedro] Ah, a minha relação com a violência, a minha única violência que eu fiz é tentar se meter onde não era chamado. Foi onde, o que

acontece, foi onde aconteceu tudo, o que aconteceu que eu fui parar na Fundação Casa, o que acontece a minha violência foi, vamos por entre aspas, “destruir” a família dos outros, né? Se eu tava cometendo um delito, eu tava destruindo a família de alguém, independente se eu tava roubando eu tava destruindo a família de alguém, pegando uma coisa que não era minha. Se eu tava vendendo droga, particularmente, entre aspas, eu tava “destruindo” a família de alguém. É claro que eles iam lá porque eles queriam, não eram obrigados, mas independente, a gente tava destruindo a família de alguém. Então isso pra mim é uma violência porque da mesma forma que não queria que acontecesse comigo, não queria que ninguém prejudicasse a minha família, então eu tava cometendo uma violência prejudicando a família do próximo. Acho que minha relação é essa, né? Ter prejudicado algumas famílias. Poderia não ter acontecido, mas infelizmente...

[mais adiante o jovem ainda retoma a discussão sobre violência]

[Pedro] E ah, só para retomar o caso da violência, né? Então, a gente tava falando violência. A violência não começa dentro da comunidade, a violência começa fora, com quem? Com pessoas grandes, vamos supor assim, com pessoas, como eu falei na hierarquia, com pessoas que estão lá no topo da hierarquia, porque se você pegar a bala de um revólver e plantar no fundo da sua casa, você pode ter certeza que não vai nascer um revólver ali. Se você pegar um pino de cocaína e colocar no fundo da sua casa, você pode ter certeza que não vai nascer cocaína. Igualmente com maconha. Então o que acontece: a violência começa desde lá de cima, quem faz essas drogas chegar até a comunidade? Então a violência começa aí: as pessoas que são mais fortes que a gente, eles fazem tudo girar em torno das comunidades, das pessoas carentes, pra prejudicar o outro, pra matar o outro. Sempre assim. Pra quê? Para que eles possam ficar lá em cima, sossegados, né? Porque alguém lutando pelo que é deles, eles não vão ser prejudicados, de maneira alguma, não é verdade? Se eu lutar pelo que é seu, você não se prejudicar de maneira alguma. Por quê? Se acontecer alguma coisa comigo, vai acontecer comigo e pronto e acabou. Então, o lance começa nisso aí também, né? Porque não é fácil droga chegar dentro de uma comunidade. Alguém está por trás disso: polícia, promotor. Pode ter certeza que alguém, vamos dizer assim, com conceito no município, no lugar da cidade pra droga tá chegando, droga tá saindo, revólver, é onde que violência começa. Amigos, companheiros, tão se matando um ao outro por causa disso, por causa de uma, vamos por aí, por causa de uma riqueza de ilusão, tudo é uma ilusão. No mundo do crime, tudo é ilusão, a gente tem hoje e amanhã a gente já não sabe. O que acontece: a violência pra mim é isso aí, nada chega do nada.

A violência é entendida pelo Pedro a partir do momento em que uma pessoa deixa de respeitar as ideias, o espaço ou decisão de outra. Junto a isso traz a ideia de poder, exemplificando com a posição ocupada por um delegado que detém o direito de ou maltratar as outras pessoas que tenham menos influência que ele, e que a violência será utilizada como forma de resgatar seu poder.

Mais adiante, o mesmo jovem trata da questão da hierarquia trazendo o próprio Estado que irá gerir essa violência ocorrida nas comunidades para então chegar à associação entre drogas e violência. O mundo do crime, segundo ele, não passa de uma mera ilusão, pois se trata de uma incógnita: o que se tem hoje, não se sabe se terá amanhã.

O que se apresenta como um elemento que nos permitirá estabelecer uma ligação no modo de significar essa experiência masculina é a ideia de hierarquia, porque como bem nos recorda Chauí (1998) quando denomina as relações “mando-obediência” ou superior-inferior, pois o ato violento quando cometido implica no não reconhecimento do outro enquanto sujeito, que será visto em relações familiares, institucionais, afetivas, dentro do trabalho, dentre outras.

Esses operadores hierárquicos têm início na violência sofrida por muitos meninos, conforme afirma Welzer-Lang (2001), tornando o masculino inicialmente submisso a esse mesmo modelo para que depois alcance os privilégios. A guerra incorporada na educação de muitos meninos o prepara para as futuras guerras que enfrentarão mais adiante. Nesse caso Leandro iniciou a narrativa relatando as diversas agressões que sofreu ao longo da infância e juventude, demonstrando o peso que isso teve em seu processo de socialização.

[Pesquisador] Me conte a sua história de vida, destaque os fatos mais relevantes, desde o momento em que você nasceu até o dia de hoje em que você está cumprindo as medidas socioeducativas. Conte o que você quiser e disponha do tempo que achar necessário para isso.

[Leandro] Quando eu era pequeno, meu padrasto batia muito em mim, batiam tanto que chegava a sair sangue. Com final dos tempos com 16, 17 anos eu apanhava muito, daí eu falei assim “ah, não quero mais apanhar, vou embora pro meu pai” e minha mãe não deixava ir embora. Daí um certo dia ele veio me bater aí eu saí fora, fui pousar pra fora, daí rolou com outros muleques bagunça e... machucava muito ele batendo em mim e eu falei assim, se ele batesse mais uma

vez em mim eu matava ele. Aí foi indo, depois ele não veio mais procurar eu, não vou mais na casa dele.

[Pesquisador] Como que aconteciam esses episódios com o seu padrasto quando pequeno?

[Leandro] Quando eu trabalhava, eu trabalhava né, por exemplo, a gente trabalhava na chácara, aí eu apanhava pra puxar casquinha, massinha, tira leite de vaca, essas coisas e batia muito em mim e no meu irmão aí teve um dia que eu falei assim “vou embora e tal” aí eu saí pra rua e pousei uns, quatro, três dias pra rua, aí eu fui pousar na casa da minha vó... daí fiquei pra rua, depois voltei pro meu pai, depois voltei, voltei agora, casei e to pagando esse negócio aí do serviço comunitário.

Os episódios envolvendo agressões contra o jovem eram frequentes e exercidos por outro homem. Para ensinar a ser “homem de verdade”, a violência é reforçada enquanto um dispositivo que aos poucos vai lapidando esse projeto hegemônico. O sentido atribuído a essa situação revelou a revolta do jovem que se voltou contra o padrasto que cometia os atos violentos. Cabe-nos questionar se em uma vida em que houve tantas violências haveria outra possibilidade desse jovem se colocar diante das adversidades.

Além disso, Leandro afirma ter apanhado dos pais quando descobriu que ia cumprir medida socioeducativa sob acusação de estupro. Com isso, nota-se que o diálogo não aparece enquanto alternativa na resolução de conflitos e que os mesmos pais quando descobriram que ele fazia uso de drogas, queriam interná-lo:

[Pesquisador] Como sua família reagiu ao descobrir que você ia cumprir a medida?

[Leandro] Ah, como assim?

[Pesquisador] Qual foi a reação deles, ficaram surpresos. Como é que foi? O que eles falaram? Sua mãe, seu pai?

[Leandro] O que aconteceu da menina?

[Pesquisador] Sim.

[Leandro] Ah, minha mãe me bateu, ele [o pai] queria me bater. Foram vê daí, vê advogado, essas coisas. Depois que souberam que tava usando drogas, queriam me internar, essas coisas.

Durante a conversa com Leandro não foi possível obter maiores detalhes sobre o ato infracional pelo qual foi acusado e cumpria a medida – o estupro –, que foi trazido como denúncia por uma garota que ele afirmou ter tido relações anteriormente. De qualquer modo, o estupro é uma forma de violência que legitima a superioridade do homem sobre a mulher dando manutenção ao paradigma naturalista dessa hierarquia.

Essa guerra que era incorporada sobre os meninos, passava a ser promovida contra outros homens, conforme aponta Welzer-Lang (2001), como forma de garantir a oposição ao não afeminado e assim reafirmar sua virilidade.

[Márcio] Só lembrava de briga só [durante a infância na escola].

[Pesquisador] De briga? Como? Com os alunos...?

[Márcio] É.

[Pesquisador] Tinha muitas brigas?

[Márcio] Tinha, era briguento.

[Pesquisador] E brigava por quê?

[Márcio] Brigava por causa de nada. Maloqueirão da escola.

[Pesquisador] E como era o seu bairro?

[Márcio] Ah, era tranquilão, meu bairro era tranquilo. Meus irmãos moravam tudo com nós ainda né, aí eles vigiava eu, né, pra eu não brigar tanto na rua. Eu tinha que ficar dentro de casa...

[Pesquisador] Ah, então você não saía muito?

[Márcio] Não saía muito, aí depois que eu começou a pegar uma certa idade, minha mãe começou a soltar mais eu. Porque eu não saía...

Essas práticas violentas se tornaram frequentes durante a infância de Márcio e moldaram um ideal de homem que tinha que ser agressivo e feroz. Vale notar que quando questionado sobre os motivos que o levavam a brigar, o próprio jovem afirmou que não havia motivo, sugerindo uma ação que foi simplesmente incorporada em seu cotidiano como algo natural.

Essas violências sofridas e exercidas pelos jovens eram também reflexo da própria dinâmica familiar em que estavam inseridos, na qual havia o convívio frequente com a violência doméstica, como expressada por Márcio, que em alguns momentos chegava a sofrer agressões quando intervia na briga dos pais:

[Pesquisador] Como era a relação com sua mãe e seu pai?

[Márcio] Ah, minha mãe, meu pai assim, entre os dois? A relação dos dois?

[Pesquisador] Não, a sua com eles.

[Márcio] Minha com eles? Normal. Eles não batiam ni mim, faziam nada. Aí a relação é deles, só brigavam também...

[Pesquisador] Entre eles?

[Márcio] Entre eles mesmos... tacava cadeira um no outro, os dois bebe cerveja, né? Fica meio loco. Daí às vezes eu tinha que entra no meio, às vezes me machucava, entrava pra ele não bate na minha mãe. Daí eu tive que entra daí ele acertava a cadeira ni mim e tudo mais.

[Pesquisador] Isso acontecia constantemente?

[Márcio] Era final de semana, porque o meu pai trabalhava a semana inteira e final de semana ele bebia. Daí chegava brigando. Mas agora melhorou.

Nesse sentido, a violência se instaura enquanto um elemento comum no cotidiano desse jovem, assim como as situações mais graves experimentadas no próprio bairro onde crescia, tornando-se um fato corriqueiro, naturalizado e até esperado por quem morava em bairros pobres da periferia, como no relato de Pedro:

[Pedro] [...] na periferia onde eu morava, é um bairro com a margem de criminalidade bem alta, véio, roubo, morte, nossa desde quando eu moro naquela vilinha lá eu já vi umas cinquenta pessoas morrer lá, véio, tudo de forma brutalmente, sabe?

[Pesquisador] E como você enxergava isso, como que era?

[Pedro] Ah, pelo fato da gente morar num lugar onde o índice de criminalidade é bem alto, vamos dizer assim que aquilo fazia parte do nosso cotidiano, fazia parte, “ah, fulano morreu. Ah, morreu de que? Ah, mataram” Então pra nós era uma coisa normal, mesma coisa de chega e fala assim “Ah, amanhã é quarta-feira”. Então a gente não via problema nenhum de chega e fala “ah, fulano morreu. Ah, mataram fulano, arrancaram a cabeça de fulano”. Pra nós não tinha constrangimento nenhum porque pra nós era normal, onde toda semana três quatro que achava morto, apesar de que hoje tá mais calmo, mas antes era assim, acontecia briguinha à toa e já saia uma morte, e não era uma morte de tipo chegar e dar um tiro e morrer. Era morte chegava lá, abria o cara, arrancava a cabeça, picava...

[Pesquisador] Era mais cruel, então...

[Pedro] Até pelo fato de lá ser um bairro com a margem de criminalidade bem alta, o povo é tudo rebelde, véio. Qualquer coisinha tão brigando, tão matando, tão prejudicando um o outro.

O significado atribuído por Pedro é que a violência já era algo esperado naquela região, por ser localizada num bairro periférico. Desse modo, ela é um componente que atravessa muitos processos de subjetivação naquele ambiente, e que vai instaurá-la como forma de negociação de conflitos, pois a guerra que passa a ser incorporada nesses meninos não é feita apenas com o sofrimento que experimentam na própria pele, mas também com manifestações que são observadas durante a própria vida.

Entretanto, em meio a esse universo havia certa preocupação por parte dos jovens quanto à preservação da própria vida, embora admitissem os riscos que corriam quando envolvidos nessas brigas:

[Pesquisador] Quando você estava na rua, você via tudo isso? E seus amigos estavam no meio disso também?

[Leandro] Tava.

[Pesquisador] Vocês viam mais, estavam no meio?

[Leandro] Não. De vez em quando, quando eu estava meio chapado eu entrava no meio e saía na briga. Quando a gente tava chapado saía briga, quando o cara olhava, mexia, nós saía na briga. Saía até bala, tiro.

[Pesquisador] E como era pra você? Sentia medo?

[Leandro] Você conversa com todo mundo de boa, aí quando sai briga, você sai pra lá.

[Pesquisador] E quando você se envolvia na briga?

[Leandro] Você tem que sair fora. Tem que deixar os cara lá. Senão você morrendo lá. Por exemplo, to com uns amigos aqui e sai uma briga ali vai todo mundo pra lá porque tá todo mundo reunido ali. Aí vai todo mundo na briga.

Há um maior encorajamento para o envolvimento em brigas na medida em que ocorre uma reunião desses jovens. Com isso, sugere-se que o status de *macho* é autenticado dentro desse coletivo, embora individualmente admitam os riscos, pois homem que é homem não deve fugir da briga.

Num sentido mais amplo e não menos importante, muitas violências ainda acontecem no âmbito institucional, nesse caso, o próprio ambiente de cumprimento de medidas, que deveria justamente romper com essas práticas, ao invés disso, foi notado que agressões e insultos por parte dos funcionários faziam parte de seus cotidianos durante a internação, como foi expressado por Márcio:

[Pesquisador] Como era lá dentro [Fundação Casa]?

[Márcio] Ah, era briga constantemente, né?

[Pesquisador] Briga, ah é?

[Márcio] É sempre tinha briga. Eu mesmo briguei uma par de vezes lá dentro...

[Pesquisador] Mas por que tinha muitas brigas lá dentro?

[Márcio] Ah, era muita intriga, né? Ah, os caras procurava rolo com você do nada. E você vai apanhar? Não pode ficar quieto. Eu não vou apanhar de graça, eu vou bater também. Aí era a hora que eu ia pro cinto, né?

[Pesquisador] E como os funcionários lidavam com essa situação?

[Márcio] Ah, os funcionários eram chatos, os funcionários batem em você toda hora.

[Pesquisador] Bate também?

[Márcio] Toda hora eles bate.

[Pesquisador] Mas bate de graça também?

[Márcio] Você passou e não falou licença eles já dá uns tapas em você. Já tive que ficar na solitária uns dias. Eu já fiquei um mês sozinho numa sala, sem colchão, sem nada. Fiquei um mês.

[Pesquisador] Por quê? Por briga?

[Márcio] Briga. Um mês. E quase todo o dia eu tomava uns tapas dos funcionários.

O descaso permitido pelo Estado através da falta de fiscalização nessas instituições faz com que muitas práticas ainda sejam adotadas em consonância ao que acontecia antes da própria promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. Com isso, mais do que uma mudança legislativa, ainda é preciso uma mudança nas práticas cotidianas do próprio Estado que deve passar desde o próprio entendimento que ainda se constrói com relação a essa juventude “marginalizada”, até o significado que é atribuído a essa prática dos funcionários inseridos dentro dessas instituições. Fica claro a partir desse relato trazido o viés punitivo que ainda demarca muitas dessas ações, tornando-se necessário maior entendimento das diretrizes básicas do ECA (1990) e SINASE (2006) para que se possa romper com esse ciclo ainda vicioso.

Além da violência institucional que proporciona a manutenção do ciclo de violências ao qual o jovem é exposto, há também a mesma lógica de que o homem não pode fugir da briga quando o jovem diz que não pode “ficar quieto e que não ia apanhar de graça”, pois uma posição de passividade remete aos “não-homens”. Nesse sentido, para a manutenção do status de *macho* é necessário que se enfrente com coragem e braveza quem estiver pela frente.

4.3. Relações de violências de gênero e masculinidades presentes nas relações afetivas

A proposta desse eixo temático é discutir os modos pelos quais os jovens constroem valores, práticas e significados, na perspectiva das relações de gênero, tomando por base suas relações afetivas, a partir de seus relatos autobiográficos, e buscando-se compreender quais masculinidades puderam ser notadas nesses relatos e se elas se vinculam a práticas cotidianas ou se mantêm enquanto um ideal cultural por parte dos jovens.

O principal aspecto presente nos relatos dos jovens foi a relação com o sexo oposto. Em um dos casos, Pedro conta sobre sua relação com a esposa e a divisão das atividades consideradas do lar em seu cotidiano:

[Pesquisador] E como são as coisas na casa, divisão de tarefas?

[Pedro] Ah, divisão de tarefas, vamos dizer assim, quando eu posso ajudo ela, eu cozinho, eu sei me virar, né? Aprendi isso com a minha mãe, aprendi a me virar. Então às vezes ele ta cansado, porque ser dona de casa cansa, né, aí não adianta falar, mas cansa, pô. Eu ajudo ela, de vez em quando faço uma janta, um almoço, ajudo a limpar a casa, não frequentemente, né, mas vamos dizer assim umas duas vezes por semana eu ajudo ela a limpar a casa, limpar o quintal, cuidar do cachorro eu que cuido, tenho um ciúmes dele, o cachorro é só meu... mas a divisão de tarefas dentro de casa é normal, é sem briga nenhuma, você faz isso, eu faço isso e pronto, não tem o que discutir. A gente se relaciona de uma forma assim: “x” é “x”, nem mais, nem menos, tipo assim, você faz a janta e eu lavo a louça da janta, ah, não que questionar, é isso e isso e pronto. Assim a gente evita briga e discussão, né? Então não tem o que questionar, é isso e isso e pronto e acabou.

[Pedro] Hoje nós vive bem, eu trabalho, ela não trabalha, mas que eu ganho dá para sustentar eu e ela, o que eu ganho mensalmente na faixa de 1.200, 1300 pau por mês, sendo só eu e ela a gente não paga aluguel, a casa é própria, a gente vive bem graças a deus. Bem tranquilos, sossegados, de forma digna e honesta.

Apesar de afirmar que auxilia a esposa nas atividades consideradas do lar, mantém a premissa de que mulher tem como principal função o cuidado com a casa, enquanto o homem deve prover o sustento da família. Desse modo, os papéis esperados e desempenhados por cada um (a) se aproxima da afirmação de Connell (2003) de que muitos homens preferem

manter boas relações com as esposas (e mães), inclusive auxiliando-as nos afazeres domésticos, mas se negam a questionar suas posições de privilégios. Com isso, há uma conexão com o projeto hegemônico de ser homem, embora não tenha elementos de ódio e violência. Pedro também foi questionado sobre o que é ser mulher em sua visão e com base nas relações que tem:

[Pesquisador] E na relação com sua esposa, dentro dessa mesma lógica, o que pra você seria “ser mulher”, agora que você convive diariamente com ela?

[Pedro] Ah, pra mim, no meu modo de pensar, ser mulher, o que acontece, é a mesma coisa do homem, ter responsabilidade, ter compromisso e seriedade, né? A mulher correr atrás daquilo que, vamos supor, vai trazer benefícios pro casamento, tentar arrumar um serviço, não necessariamente, mas tentar arrumar um serviço, cumprir com suas responsabilidades de esposa dentro de casa...

[Pesquisador] Que seria o que?

[Pedro] Ah, vamos supor, você chega do serviço cansado e sua mulher, vamos supor, a casa já tem que estar pronta, com os deveres dela como mulher estar pronto. É casa limpa, roupa, comida, e quando você precisar também conversar com alguém não ser só sua mulher, ser uma amiga, uma companheira, saber te entender nos momentos difíceis, porque todo mundo tem momento difícil. Todo mundo, em algum momento, precisa ser ouvido, precisa trocar ideia para ser entendido, então pra mim é isso aí. Mulher também é. compreender suas responsabilidades e não só uma mulher, só um objeto sexual, porque muitos pensam assim: mulher é um objeto sexual e né? Sem mais, sem menos. Mas é cumprir com as responsabilidades dela, ser amiga, companheira, né? É isso aí.

Nesse sentido, a concepção de mulher apresentada por Pedro é ter responsabilidade, compromisso, seriedade e lutar por aquilo que visa trazer benefícios ao casamento. Ela até pode arrumar um trabalho, desde que não abra mão dos afazeres domésticos e esteja disponível para ouvi-lo quando necessário.

Essa concepção traduz um pouco da ideia de que mesmo com o avanço que houve em alguns segmentos nas últimas décadas, as mulheres devem se focar no casamento e mesmo que venha a trabalhar (por muitos não considerarem a atividade doméstica como trabalho) devem cuidar da casa e filhos (as). Isso reflete em suas relações com os homens, pois o papel

de subordinação será mantido através da naturalização dos papéis designados para manter os padrões de masculinidades e feminilidades.

A subordinação é também apreendida quando o jovem retrata um amigo, que segundo ele é homossexual, Pedro afirma que é uma pessoa de bem, apesar de “ser quem é”:

[Pedro] Uma vez cheguei a conhecer até um, vamos dizer homossexual. Ele era trabalhador, tinha duas filhas e a mulher dele. E começou a usar droga, começou a usar crack, virou dependente químico. Perdeu a família, perdeu os dois filhos e perdeu a mulher dele e ficou sozinho. E ele já não tava conseguindo mais trabalhar, né, ele contando pra mim. Aí o que aconteceu, ele contando pra mim que passou a ser homossexual porque era a única forma mais fácil de sustentar, dele sustentar o vício dele...

[Pesquisador] Ele se prostituía?

[Pedro] É ele começou a se prostituir para ter o benefício da droga, de poder tá usando droga. Eu fiquei até admirado “poxa, olha o ponto que a gente chega né?” Então pra mim, deus me livre, agradeço a deus todo o dia por não ter me envolvido com isso e não tenho vontade de me envolver com isso, sabe?

[Pesquisador] E essa pessoa que você conheceu como era pra você o fato dela ser homossexual?

[Pedro] Eu conversei com ele, ele dava até palestra. Ele dava palestra pra, vamos dizer assim, ter o benefício da droga. Ele contava palestra sobre a forma como ele vivia, como ele nasceu como ele tava vivendo, como ele era. E como ele arrecadava dinheiro também para usar droga. Então, tipo, ele é uma pessoa de bem, mas que por uma curiosidade ele acabou se envolvendo num caminho sem volta, que é um caminho... Deus dá o livre arbítrio pra gente, o caminho estreito, que é o caminho dele, e o caminho largo que é o caminho das trevas, aí tipo ele se envolveu no caminho das trevas, né? Escolheu por aquilo e até hoje ele paga por isso, mas sempre foi gente boa, sempre respeitou todo mundo, nunca vi desrespeitando ninguém. Chegou uma época ele até chegou a trabalhar de empregada lá em casa, tipo, ele era homem e não era, então, pô, ele trabalhava de empregada lá em casa e pra você ver como ele era uma pessoa boa, que a gente deixava dinheiro, deixava carteira, deixava tudo em cima e ele não mexia em nada, além do fato dele mexer com droga e o que ele era, mas nunca desrespeitou minha família e nunca mexeu no que era meu, chegava no final da tarde eu pagava a diária dele e pronto, ele era uma pessoa excelente.

[Pesquisador] Me explique melhor essa parte “ele era homem e não era”...

[Pedro] Tipo, ele nasceu homem, mas pelo fato dele virar homossexual, eu via ele como uma mulher, porque ele se vestia como mulher, ele era homem e passou a ser homossexual...

[Pesquisador] Ele vestia roupa de mulher?

[Pedro] É ele vestia roupa de mulher, vamos dizer assim, quem não conhecia dizia que ele era uma mulher, então por isso a gente fala homem e mulher, né? Por esse fato, mas era uma pessoa excelente. Se um dia tiver condições a primeira pessoa que vou ajudar vai ser ele, vamos dizer assim, ele fez parte da minha vida também...

[Pesquisador] Como amigo?

[Pedro] Sim, como amigo. Não eu conheci ele como “veado” mesmo, eu conheci ele como homossexual. Mas a forma como eu conheci ele, vamos dizer assim, ele, tipo, sem malícia alguma, “me conquistou”, véio, pela forma de viver dele, pô, ele me conquistou pela história de vida dele e quando é uma pessoa boa a gente reconhece, a gente vê que a pessoa é boa, e eu me sentia mal, caralho, ele é uma pessoa boa e tá numa situação dessa, mas ele é bom demais, se eu pudesse ajudar eu ajudava. Agora hoje eu nem tenho mais contato com ele...

[Pesquisador] Você não fala mais com ele?

[Pedro] É hoje não tenho mais contato com ele porque depois que eu fui pra fundação eu perdi alguns contatos de alguns conhecidos, de alguns amigos e faz algum tempo já que eu não vejo ele... faz um tempo que a gente não se vê, mas é uma ótima pessoa, não tenho do que reclamar. Pelo menos eu não, não sei se longe de mim ele fez alguma coisa, mas pelo menos eu não, ele comia em casa, bebia em casa, se tivesse lugar ele dormia em casa, tomava banho em casa, eu não tinha, vamos dizer assim, preconceito, porque uma coisa que eu não admito é preconceito. Todos nós, na bíblia mesmo fala, nascemos do pó e para o pó você vai, então por que preconceito? Você é rico e eu sou pobre, e daí? Você vive melhor que eu aqui, e depois? E eu acredito na vida pós morte, pô. Nem é todo mundo, mas eu acredito. Então hoje você pode tá melhor que eu e amanhã eu posso tá melhor que você, e assim vai, então se eu vê uma pessoa humilhando alguém eu já interfiro no meio, já converso, já não gosto, véio, porque todo mundo é igual na minha forma de pensar, ninguém é melhor que ninguém pelo fato de ser homem, pelo fato de ser mulher, pelo fato de ser homossexual, pelo fato de ser “sapatona”, bissexual, pra mim é todo mundo a mesma coisa, se puder ajudar eu ajudo, se puder dar um

prato de comida eu dou, se quiser tomar banho na minha casa toma, não tem, vamos dizer assim, exceção pra isso, pra caso algum, eu trato todo mundo com respeito, com dignidade e sempre tentando ajudar.

Ainda segundo o próprio jovem, a homossexualidade foi uma consequência da prostituição, sugerindo assim uma associação entre homossexualidade e promiscuidade. Com isso, apesar da condição, o amigo é bem tratado e auxiliado pelo jovem quando necessário, sugerindo, mais uma vez, a prerrogativa de Connell (2003) em manter seu projeto hegemônico, mas sem necessariamente ser violento contra os homossexuais, por exemplo.

Essas duas situações podem indicar que o projeto hegemônico da masculinidade muitas vezes é sutil, pois há boas relações com quem não pertence a esse projeto, inclusive sendo solidário no dia-a-dia, mas não se abre mão de sua posição de privilégios que parecem estar naturalizadas em seus discursos.

No relato de Júnior, no que tange o envolvimento com mulheres, fica mais clara a ideia que se tem a respeito das funções que devem ser desempenhadas por homens e mulheres:

[Pesquisador] Vocês faziam bastante festinhas?

[Júnior] Não, a gente ia pra [...] só, pra zona, ia lá bebia e cheirava. Fazia um monte de coisa, voltava no outro dia.

[Pesquisador] E na zona, me conte mais sobre.

[Júnior] Ah, tinha um monte de muié, pó, maconha, bebida. Aí depois que eu saí da Febem eu não fui mais pra lá.

[Pesquisador] O que você mais gostava na rua, o que era mais legal?

[Júnior] Era as menina.

[Pesquisador] A sua relação era mais ir lá...

[Júnior] Minha relação era mais com o pó.

[Pesquisador] Você pegava dinheiro pra sair com elas?

[Júnior] É pra sair com as meninas.

[Pesquisador] E nas “zonas” o que mais você encontrava?

[Júnior] Tinha mulheres, outras pessoas. Nós passava, sabe aquele trevo lá de [...], lá na saída da [...]?

[Pesquisador] Sim.

[Júnior] Não tem um monte de mulher bonita que fica lá? Não sei se tem ainda, nunca mais fui. Nós passava em quebrada e pegava as menina e ia pros motel lá de [...], levava farinha, bebida. Ficava lá a noite inteira.

Nesse discurso é possível identificar valores na perspectiva de gênero que é inserido dentro da lógica da masculinidade hegemônica, pois quando ele diz que “era só pra come” e “saí fora”, expressa que as mulheres estão lá apenas para satisfazer suas necessidades, reiterando certo desprezo e aversão pelo sexo oposto, conforme aponta Welzer-Lang (2001), quanto à premissa básica dos processos de socialização masculina para a produção do homem de verdade, que de acordo com o mesmo autor, a obtenção de privilégios passa por essa diferenciação e desprezo pelas mulheres. Nessa perspectiva, esse processo relaciona o homem como um ser ativo e a mulher como passivo.

É possível entender melhor essa premissa em uma das situações trazidas por Leandro no que tange as relações entre os próprios homens:

[Pesquisador] E na rua, você via muita violência?

[Leandro] Ah, via bastante.

[Pesquisador] Você presenciava muita coisa então?

[Leandro] Presenciava bastante. Já o vi o cara dar canivetada no outro. No baile funk se o cara for pedófilo os caras lincham mesmo. Não gosta dos caras que fuma pedra, não gosta.

[Pesquisador] Não gosta por quê?

[Leandro] Porque é discriminado. Os caras que fuma pedra são isolados. Coloca um cara que fuma pedra na cadeia pra vê. Os caras lincha ele. Pedófilo. Coloca um pedófilo na cadeia junto com os outros. Os caras lincha. Já era. O cara vira muié lá dos cara.

[Pesquisador] Vira mulher?

[Leandro] Vira mulher.

[Pesquisador] Como assim, como é?

[Leandro] Os cara regaça com ele. Ele gosta de come muié a força. Os cara regaça com ele lá dentro.

O curioso nesse discurso é que ao falar sobre o pedófilo, caracterizado como alguém que violenta crianças e jovens, tanto do gênero masculino quanto do feminino, ele é apontado como totalmente discriminado, segundo o próprio jovem, e passa a ser tratado como mulher pelos outros homens, ou seja, passa a assumir a posição passiva que é caracterizada como inferior e mais humilhante, demonstrando a relação de subordinação presente nas masculinidades (CONNELL, 1995). A masculinidade hegemônica, segundo Connell (1995) assimila a homossexualidade à feminilidade, entendida como uma violação da honra do homem para que assim se alcance maior reconhecimento e respeitabilidade social, pois como nos lembra muito bem Saéz (2011), o homem é quem penetra independente se forem mulheres ou mesmo outros homens. O importante nesse caso é ser ativo e impenetrável, pois o (a) penetrado (a) além de ser passivo e “não homem”, goza de menos prestígio e privilégios.

Dentro das próprias relações afetivas entre os jovens do sexo oposto essa situação também é vista, tanto nas casuais expressadas anteriormente, como também dentro de um relacionamento sério, notável através do relato de Márcio quando questionado sobre suas relações amorosas:

[Pesquisador] E como eram suas relações amorosas? Já namorou?

[Márcio] Já.

[Pesquisador] E como era? Conte-me um pouquinho.

[Márcio] Namorei duas vezes só. Uma delas fiquei uns três, quatro meses e a outra vez eu fiquei dois anos e pouco, né? Aí eu fui preso. Aí quando eu tava três meses lá dentro a minha mãe me disse que ela tinha me traído. Aí na hora eu fiquei bravo, falei que ia matar ela, tudo, né? Aí nos três meses eu não tinha mudado de cabeça ainda, né? “Eu vou matar ela”, pensando em matar. Aí com o tempo, com uns nove meses de internação comecei a mudar meu pensamento. Pensei:

“fazer o que? Se ela quis assim deixa viver a vida dela”. Aí eu vim pra cá e ela veio pra conversar comigo, mas na hora eu fiquei nervoso, né? Ela veio conversa comigo e eu nervoso saí andando. Conversei com ela esses dias. Aí depois no outro dia eu falei: ah, vou ter que conversar com ela um dia ou outro vou ter que conversar com ela. Aí eu fui atrás dela na frente da escola pra conversa com ela. Aí ela falo que queria voltar comigo, e eu disse que não dava mais, falei pra ela que não ia aguentar olhar pra cara dela e pensar que ela já fez isso comigo um dia. Porque quando eu fiquei com ela, nunca fiz coisa errada com ela. Ela sabe disso, aí ela vai e faz uma palhaçada dessas comigo?

[Pesquisador] E depois disso você ainda tem contato com ela?

[Márcio] Ah, eu tenho amizade com ela ainda, mas assim...só amizade, né? Tem que vez que eu to conversando com ela e eu até paro para num xingar ela. Eu lembro das coisas que ela fez comigo e eu fico bravo.

Durante alguns meses passou pela cabeça de Márcio matar a namorada porque ela o tinha traído. A traição pode ser pensada como uma violação da honra do homem, pois a única resposta imediata frente a ela é a violência de gênero. Essa ação pode ser justificada pelo discurso de que na traição feminina há uma intencionalidade, ao contrário da masculina, que é muitas vezes justificada com base na vontade sexual incontrolável, logo é vista como algo natural, segundo aponta Salem (2004) em sua pesquisa que analisou discursos sobre as sexualidades masculinas e femininas e a relação de gêneros de homens de classe popular no Rio de Janeiro. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica também se baseará no ódio como resposta a fim de resgatar essa honra perdida por causa da traição sofrida.

O mesmo jovem, ao falar de outro relacionamento, continua a expressar traços que condizem com a masculinidade hegemônica:

[Pesquisador] E com a outra ex-namorada você ainda tem algum contato?

[Márcio] Ah, não, foi uma coisa mais passageira, sabe? Eu cheguei a pedir na casa dela e tudo, né. Fiquei namorando com ela dentro da casa dela, aí teve um tempo que não deu mais, aí eu larguei fui pra minha casa e ela ficou na casa dela. Eu cheguei a morar junto com ela na casa dela. Na casa do pai dela. Fiquei três meses com eles.

[Pesquisador] E como foi esse tempo lá?

[Márcio] Ah, era legal. Ela era da igreja, né? Aí depois que eu larguei dela, ela começou a virar uma biscatinha e tudo mais. Foi biscatear, né? Ficou dando pra todo mundo aí na rua. Até hoje ela encontra eu e quer ficar comigo, mas eu não quero mais, não dá certo.

Segundo Márcio, depois de terminar o relacionamento com a namorada, a mesma tornou-se “biscate”, pois passou a ficar com vários outros homens e com isso foi desqualificada e tratada como inferior para que assim seja mantido seu domínio e hegemonia. Há também nesse relato um indício de virilidade, pois o homem que fica com várias mulheres estaria apenas expressando sua condição viril, desempenhada por seu papel ativo, visto que as mulheres que ficam com vários homens são vistas como *biscates*, *putas*, *etc.* Essa situação pode ser vista através da diferenciação das mulheres por parte dos homens, com base no binômio vínculo/sexo, segundo aponta Salem (2004), conforme maior ou menor consideração e respeito por elas, de acordo com os comportamentos sexuais demonstrados. Nesse sentido, quanto mais parceiros elas tiverem, menos valorizadas serão pelos homens.

Nesses termos há uma classificação das mulheres baseada em marcos hierárquicos. Isso também foi notado na resposta de Júnior quando perguntado sobre a diferença entre as mulheres da rua ou das “zonas” e mulheres que conviviam no seu próprio bairro:

[Pesquisador] E qual a diferença entre as meninas daqui [das zonas] e de lá?

[Júnior] Ah, de lá era só pra “come”, cheirar, beber e sair fora. E daqui não, nós tem amizade e tudo.

[Pesquisador] Só amizade?

[Júnior] Ah, não acontecia também. Acontece até hoje.

As mulheres das “zonas”, na concepção de Júnior são apenas para “come, cheirar, beber e sair fora”, enquanto mantinha amizade com as mulheres do bairro, embora tenha afirmado que com estas aconteciam outras coisas também. Nesse sentido, há uma

diferenciação na forma de conceber as mulheres, sendo as primeiras descartáveis e usadas apenas para satisfazer suas necessidades de “macho”, as quais se vinculam diretamente ao uso de drogas e bebidas alcoólicas, enquanto no segundo caso estabelecem um vínculo maior. Essa diferenciação é baseada no modo como o homem se satisfaz sexualmente, visto que com as prostitutas há uma maior liberdade sexual que não implica no vínculo, ao contrário das meninas do próprio bairro que requerem uma maior negociação em termos sexuais e que reivindicam maior insistência por parte do jovem que, em consequência, tende a concebê-las como mais valorizadas (SALEM, 2004).

Nessa perspectiva, ser homem é também passar por momentos de sofrimento, descrito por Welzer-Lang (2001) como parte do processo de subjetivação masculina. Ao ser questionado sobre o porquê não aceitava o fato de o pai ter sido preso, Pedro elucida sobre os atributos que considerava necessários para ser homem de verdade:

[Pesquisador] Mas, você não aceitava por quê?

[Pedro] Ah, porque eu achava, no meu modo de pensar, na minha opinião de pensar, achava que homem pra ser homem não precisava se envolver em coisa errada, não precisava roubar, não precisava matar, não precisava traficar que ele não seria mais homem por isso. Então, não aceitava tipo, até hoje não aceito ainda mais pelo fato de eu ter ido preso já ter ido pra Fundação Casa, mas mesmo assim não aceito, velho. Homem, pra mim, na minha forma de pensar, homem de verdade é o que trabalha que corre atrás do que quer e acaba conseguindo com sofrimento, não aquele que tenta ali no momento, sai por bem de alguém, por cima de alguém e acha que tá tudo bem. Por todos esses fatos eu não aceitava mano, e não aceito até hoje, mas converso com o meu pai, a gente conversa pouco, conversa o necessário e só.

O sentido atribuído pelo jovem se refere a uma masculinidade que para se afirmar não necessita ser violenta. Ser homem é ser trabalhador, passar por cima das adversidades da vida através de sofrimentos. Em suma, ser homem é ser batalhador e honrado. Além disso, quando perguntado especificamente sobre o que é ser homem:

[Pesquisador] [...] o que é ser homem pra você [...]?

[Pedro]: Para mim ser homem é, tipo, o cara ter responsabilidade, assumir compromisso, ter uma família, criar uma família. Acho que é isso aí, e depois de ter uma família fazer por onde e tudo correr bem, e para não entristecer a sua família, né, sua mãe, seu pai, de modo algum poder desrespeitar eles, né? Então para mim, ser homem é isso aí.

[Pesquisador] [...] E voltando um pouco para a primeira pergunta sobre o que é ser homem, desde quando você começou a crescer, como você viu essa questão de coisas de homem, que o homem deve fazer, como é que foi pra você isso desde sua infância. Porque você me disse o que é ser homem hoje...

[Pedro] Assim, desde criança, quando minha mãe, né, “nasceu homem”, minha mãe sempre me instruiu sobre o que era ser um homem, tipo, ter responsabilidade, aprender o que era certo e o que era errado, com quem andar o que deveria fazer, se você tivesse perto de alguém que não te faria bem, como aprender a lidar com aquilo, disfarçar, sair de perto. Eu desde pequeno fui instruído para, vamos supor, para ter uma cabeça, um pensamento amplo sobre aquilo que podia me prejudicar depois de minhas decisões. Vamos supor eu sendo homem de verdade eu saía e saberia lidar com aquilo que poderia acontecer um mês, um ano, dez anos depois. Então a gente desde pequeno foi, independente das coisas erradas que meus pais fizeram, não, que meu pai fez, ele também foi sempre conversando com a gente, foi bem prestativo de chegar “oh, filho, isso não pode”. Quando eu era criança, se eu chegasse com alguma coisa dentro de casa, vamos supor, pegasse um carrinho de alguém na rua, chegava dentro de casa “onde você pegou esse carrinho? Quem te deu? Foi fulano? Vamos lá em fulano”. Chegava lá, fazia a gente ir lá, perguntava se deu mesmo, então desde criança a gente trabalhou dessa maneira, sempre com a verdade, sinceridade, saber respeitar os outros, então acho que a gente acabou aprendendo desde pequeno a ser homem, porque hoje homem é isso aí, respeitar o lugar e as coisas dos outros e não mexer em nada que não é da gente, o que é da gente é da gente e o que é dos outros a gente tem que correr atrás para tentar conseguir algo melhor. Também nunca ficar olho nas coisas que é dos outros. É isso aí.

A própria masculinidade hegemônica ainda se mostra ligada à racionalidade, conforme aponta Connell (2000), pois o menino deve aprender a ter responsabilidade, discernimento do que é certo e errado e previsibilidade, características que podem ser atribuídas ao domínio da razão. Ao mesmo tempo, ser homem remete a ter respeito pelos espaços e opinião dos (as) outros (as).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do protagonismo de jovens do gênero masculino, conforme apontaram os dados inicialmente, que estão diretamente envolvidos com as violências, seja enquanto vítimas ou autores foi possível descrever as masculinidades presentes e suas interlocuções com as violências, assim como valores, práticas e significados dentro das relações de gênero produzidas por esses jovens através das narrativas.

Para isso, foi necessário inicialmente resgatar um pouco da história do modo de tratamento que era ofertado até então a esses jovens, através do Código de Menores de 1927 e posteriormente o Estatuto do Menor de 1979, que se pautavam pelo viés punitivo, até chegar ao Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, que passou a co-responsabilizar família, Estado e sociedade pelos cuidados dispensados a esses jovens até então considerados marginalizados. Embora não seja possível afirmar que essa mudança de paradigma, em termos de leis, esteja representada em sua completude nas práticas institucionais, os avanços produzidos foram importantes para essa atribuição de responsabilidades.

Essas mudanças também envolveram o conceito de juventude, pensado não mais como uma etapa natural da vida, e sim construído a partir do seu contexto social, tomando esse jovem como ser biológico, histórico e social. Com isso, pensar em juventudes se torna mais adequado, na medida em que não existe uma única imagem que deve ser associada a esse conceito.

Tal imagem essa muitas vezes é tomada apenas pela via da violência, no caso de jovens que cumprem ou já cumpriram medidas socioeducativas que também colocarão em cena discussões sobre a questão da redução da maioridade penal, que contribuirá ainda mais para o processo de estigmatização baseada na atribuição de culpa unicamente ao jovem que comete atos violentos mais graves, omitindo outras instâncias que também são responsáveis por seu desenvolvimento. Nesse sentido, pensar e desconstruir o próprio conceito de violência é importante, pois, ela não está restrita apenas a agressões físicas, e muito menos a ações individuais. A violência pode também ser pensada em termos estruturais e conectadas a fatores físicos, psicossociais, de raça e gênero.

As hierarquias presentes muitas vezes nas diversas formas de violências caracterizam também muitas relações entre gêneros, que terão como um de seus desdobramentos as masculinidades, as quais dentro dessa investigação tiveram o propósito de discutir as diversas formas de produções discursivas do ser homem na contemporaneidade, conectado à raça, classe social, religião e território, entendendo essa produção como histórica, cultural e social.

Para que fosse possível descrever as produções discursivas das masculinidades, tomamos a narrativa, por considerá-la um campo de investigação aberto e flexível, não restrito apenas ao contar histórias, mas por resguardar o modo pelo qual significamos esse contar, pois ao retomar nossas histórias de vida estamos significando-as de modo diferente do experimentado. Com isso, houve a produção de novos significados a partir das histórias dos jovens entrevistados, através dos quais foi possível buscar os entrelaçamentos entre as masculinidades e as violências subjetivadas. Nesse sentido, ao romper com a pretensa neutralidade das ciências humanas, das quais a Psicologia faz parte, concebemos a relação construída com os jovens, se tomá-los como objetos de pesquisa, mas antes como atuantes junto ao pesquisador ao tecer suas histórias.

Para isso, pensamos em três eixos temáticos que nos permitiram uma análise mais aprofundada daquilo que emergiu dos relatos envolvidos, que foram: Relação entre os bailes funks com masculinidades, poder e violência; Violências familiares e estruturais na subjetivação juvenil; e Relações de violências de gênero e masculinidades presentes nas relações afetivas.

O primeiro eixo tratou de discutir a relação que os bailes funks tinham nesse modo de subjetivação masculina, aliada com as violências e poder. Foi percebido que há a criação de um guerreiro nesses espaços que condiz com os operadores hierárquicos presentes nas produções da masculinidade hegemônica, e que essa criação está diretamente conectada com as violências presentes nesses ambientes. Esses operadores se manifestam principalmente na relação que esses jovens estabelecem com as mulheres que frequentam os bailes. Vale lembrar que não é a intenção dessa discussão reportar os bailes enquanto locais perversos, pois há o reconhecimento que os jovens experimentam outras possibilidades que também escapam a essa imagem de violência e machismos associada aos bailes funks.

No segundo eixo, emergiram as violências de diversas ordens que são cometidas contra os jovens, que passam da naturalização da violência que foi percebida em seus

ambientes até agressões sofridas, seja pelos próprios familiares ou mesmo nas instituições em que cumprem as medidas que deveriam promover o rompimento desse ciclo, mas que muitas vezes reafirmam esse processo, mesmo indo contra as prerrogativas do ECA (1990).

Por fim, o terceiro eixo trouxe à tona as violências de gênero praticadas e as masculinidades produzidas nesse contexto. Por meio das narrativas foi possível notar que essas violências podem se manifestar de modo sutil, através do discurso de que as mulheres devem realizar as atividades do lar e o homem promover o seu sustento, ou mesmo por meio do discurso de que a mulher que fica com vários homens é “biscate”, mesmo que ocorra uma relação harmoniosa entre eles em seu dia-a-dia, reforçando a crença do feminino, ou da própria homossexualidade enquanto outra masculinidade, subordinado à masculinidade hegemônica através da naturalização dos papéis atribuídos a cada um deles, fazendo com que o masculino mantenha seus privilégios. Nesse sentido, a aproximação com o projeto hegemônico não se faz apenas de modo agressivo. Entretanto, em outros discursos ela opera com maior agressividade pela manifestação de ódio, aversão, desprezo ou mesmo ameaças ao sexo oposto. Desse modo, o processo de subjetivação masculina dos jovens entrevistados passa por sofrimentos diversos.

Durante a composição dessas narrativas foi possível perceber esse contato do sujeito com seu outro, nesse caso do pesquisador com os jovens, por meio da dialogia, polifonia, alteridade e enunciação. No primeiro caso, ao se constituir na relação com seu outro, é possível que os jovens organizem suas experiências que serão ressignificadas por meio das narrativas produzidas.

Os discursos apresentados pelos jovens estão imersos em relações de poder que produzem verdades sobre o que é ser homem num determinado contexto. Essa vontade de verdade (FOUCAULT, 2006) se apoia por um conjunto de práticas que são exercidas pelos jovens de modo a reafirmar essa masculinidade hegemônica que terá seus diversos desdobramentos quando relacionado com outras masculinidades ou mesmo manifestações de gênero que se apresentam possíveis, principalmente as mulheres.

Esse discurso verdadeiro que molda a figura do macho tem o aparato da razão como grande parceira, que exerce por meio do saber e do poder a exclusão daqueles que não se encaixam dentro dessa lógica binária que delimitam as fronteiras entre os gêneros. A produção discursiva, já apontava Foucault (2006) é reafirmada através desses sistemas de

exclusão que visarão o controle e delimitação dos sujeitos e subjetividades masculinas em favor da masculinidade hegemônica.

Nesse sentido, as masculinidades presentes nas narrativas se conectam com o projeto hegemônico de homem, com as quais, através de discursos machistas, homofóbicas e misóginas, que são incorporados em seus próprios relatos. Foi possível compreender também que essas formas de violências se afirmam seja de forma sutil, por meio de crenças e normas que são reproduzidas, até agressões físicas e psicossociais. Nesse sentido, ampliar o que se compreende por violência será importante, pois ela não se manifesta apenas em seu caráter mais brutal, mas também dentro de um ideal cultural que ainda é mantido para que o usufruto de privilégios de muitos homens também se mantenha, assim como os operadores hierárquicos.

Esses operadores são construídos dentro do próprio processo de socialização masculina que, conforme foi visto nas entrevistas, se efetivam através da concepção de que para se tornar homem de verdade deve haver sofrimentos psíquicos e corporais, e a violência é o principal deles e começam a ser instauradas desde cedo passando pelo ódio e aversão às mulheres e homossexuais de modo a se afirmar “macho” até agressões que coíbem outras manifestações possíveis de expressões de masculinidades.

O que está em jogo nessa relação entre masculinidades e violência que notadamente foi observada através dos discursos construídos pelos jovens por meio de suas narrativas de vida é também a própria produção discursiva que opera nessa relação de modo a estabelecer verdades sobre os princípios que devem ser seguidos por muitos homens para atender o projeto hegemônico, mesmo que isso signifique passar por sofrimentos e angústias, de modo a manter os privilégios numa ordem hierárquica de gênero. Essa produção discursiva é feita por meio de doutrinas políticas, religiosas e filosóficas que promoverão o controle dos discursos através de procedimentos de interdição que envolverá uma série de noções e princípios.

Dentro das produções discursivas que envolvem as masculinidades, deixamos o alerta para o modo como muitos meninos são subjetivados, não no sentido de atribuir uma relação causa-efeito, como se a violência cometida estivesse condicionada direta e unicamente a esses processos, mas conforme aponta Connell (2013), pela busca dessa hegemonia, que se dispõe de diversas maneiras. São muitos os operadores hierárquicos que se manifestam nos processos de subjetivação de muitos meninos e é contra eles que devemos começar a lutar e a romper.

Esse processo deve ser iniciado nos ambientes educacionais e familiares, principalmente em instituições que promovem o atendimento a crianças e jovens, porque mais do que romper com a violência que ainda acontece em algumas instituições como relatado aqui, é romper com as hierarquias entre gêneros a começar pela possibilidade de pluralização das masculinidades que possam operar de maneiras menos hegemônicas e desiguais.

A educação desses jovens por si só não é a solução, pois segundo nos esclarece Foucault (2006), isso dependerá da “maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (p. 44), ou seja, são para os discursos trazidos pela educação, e mesmo outras instâncias, que devemos nos atentar e questionar quando observado essa vontade de verdade que vem carregada de saberes e poderes, restituindo ao discurso o seu caráter de acontecimento (FOUCAULT, 2006). Para isso, o próprio Foucault sugere introduzir o acaso, o descontínuo e a materialidade na análise dos acontecimentos discursivos por meio de dois conjuntos: o crítico e o genealógico, que devem se complementar. O crítico se voltará para os princípios que ordenam, excluem e diminuem os discursos, enquanto o genealógico visará compreender a formação efetiva dos mesmos.

Pensamos que para isso, a perspectiva Queer é uma importante aliada nesse processo de desconstrução dos regimes binários e discursos que ainda enrijecem esses operadores hierárquicos com a promoção de sujeitos que escapam das normas esperadas dentro das masculinidades que operam nessa lógica hegemônica dominante.

Por fim, pensamos que as problematizações que promovem rompimentos frente à naturalização das masculinidades coladas a violência são de extrema importância para que seja possível o engendramento dos discursos que operam nesses processos de subjetivação masculina que emergem e possam deslocar as vinculações deterministas e lineares das explicações acerca das violências cometidas por jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S.; BORDINI, E. B. T.; LIMA, R. S. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo vol. 13, n. 4, p.62-74, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400007>

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.7-19, julho, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200001>

ARENDT, H. **Sobre a Violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARILHA, M.; MEDRADO, B.; UNBEHAUM, S. G. Introdução. In: ARILHA, M.; MEDRADO, B.; UNBEHAUM, S. G. **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 12ªed., 2006.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Construção de sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 2ªed., 2005.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 57, nº 1, p.2-11, 2005. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/6/10>

BONAMIGO, I. S. Violências e contemporaneidade. **Rev. Katál**. Florianópolis, v.11, n.2, p.204-213, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802008000200006>

BORIS, G. D. J. B. **Falas de homens: a construção da subjetividade masculina**. São Paulo: Annablume, 2002.

BORRILLO, D. A homofobia. In: DINIZ, D.; LIONÇO, T. (Org.) **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Editora UnB, 2009.

BRASIL. **Lei n. 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**, 1990, 3 ed.

_____. **Estatuto da juventude - Lei Federal nº 12.852 de cinco de agosto de 2013**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

_____. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**, 2006.

BRUNER, J. A construção narrativa da realidade. **Critical Inquiry**, vol. 18, n.1, p.1- 21, 1991.

BURIN, M. La construcción de la subjetividad masculina. In: BURIN, M.; MELER, I. (Orgs.) **Varones, Género y subjetividad masculina**. Buenos Aires: Paidós, p. 83-104, 2000.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p.525-535, 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/188/18816311.pdf>

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100012>

CONNELL, R. W. (2000b). **Understanding men: Gender sociology and the new international research on masculinities** [online]. Paper presented at the Clark Lecture, 19th September, 2000, Department of Sociology, University of Kansas. Disponível em: http://www.europofem.org/contri/2_04_en/research-on-masculinities.pdf

_____ (1995). La organización social de la masculinidad. En: LOMAS, C. (comp.) **¿Todos los hombres son iguales? Identidades masculinas y cambios sociales**. Barcelona: Paidós, 2003.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, W. J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudo Feministas**, Florianópolis-SC, v.1, n. 21, p. 241-282, jan- abril, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

CHAUÍ, M. “Ensaio: ética e violência”. Área: nº 39 – outubro, novembro e dezembro de 1998. **Revista Teoria e Debate**. Disponível em: www2.fpa.org.br/portal

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, nº 24, p.40-52, Dez, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27880>

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

FLICK, U. As análises de narrativa e a hermenêutica. In: FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed 3ª ed., 2009.

_____. Narrativas. In: FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed 3ª ed., 2009.

GARCIA, D. C. Teoria *queer*: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad hacia una politización de la sexualidade. In: CÓRDOBA, D.; SÁEZ, J.; VIDARTE, P. (orgs). **Teoria Queer. Políticas Bollerias, maricas, trans, mestizas**. Barcelona y Madrid: Editorial Egales, 2005.

GERMANO, I. M. P; VALENTIM, F. J. R. Resenha: Fazendo pesquisa narrativa. **Psicologia & Sociedade**, v.24, n.1, p. 240-243, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/26.pdf>

GERMANO, I.; SERPA, F.A.S. Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n.3, 2008. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/219>

GIBBS. G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GROSSI, M. P. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Revista Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p. 4-37, 2004.

HONÓRIO, M. D. **Cachaceiro e raparigueiro, dismantelado e largadão! Uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região Nordeste do Brasil**. 2012. 187f. Doutorado em Ciências Sociais – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara, Araraquara, SP.

IPEA. **Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil**. 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf. Acessado em 20/06 às 17h50.

_____. **Vidas Perdidas e Racismo no Brasil**. 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/131119_notatecnicadiest10.pdf. Acessado em 20/06/2014 às 20h00

JOBIM E SOUZA, S; PORTO E ALBUQUERQUE, E. D. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.7, n.2, p.109-122, Jul./Dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8124>

KIMMEL, M. Masculinidades globales: restauración y resistencia. In: SÁNCHEZ-PALENCIA, C.. HIDALGO, J. C. (eds). **Masculino plural: Construcciones de la masculinidad**. Lleida: Universitat de Lleida, 2001.

LIMA, C. B. **Jovens em conflito com a lei: liberdade assistida e vidas interrompidas**. Londrina: EDUEL, 2009.

LYRA, J.; MEDRADO, B. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.3, p.809-840, setembro-dezembro, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300005>

LYRA, M. C. D. P.; RIBEIRO, A. K. O processo de significação no tempo narrativo: uma proposta metodológica. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v.13, n.1, p.65-73, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000100008>

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997.

MACHADO, I. A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Construção de sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 2ªed., 2005

_____. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCÍLIO, M. L. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Hucitec, 2ªed., 2006.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MINAYO, M. C. S. A violência sob a perspectiva da saúde pública. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro - RJ, v.10, (supl. 1): 07-18, 1994. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002>

MISKOLCI, R. (Org.); SIMÕES, J. A. (Org.). **Dossiê Sexualidades Disparatadas (apresentação)**. Cadernos Pagu. 1. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, v. 28. p. 9-18, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100002>

NASCIMENTO, M. A. N. Ladrão sim, bicha nunca! Práticas homofóbicas entre adolescentes masculinos em uma instituição socioeducativa brasileira. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 31, p. 67-81, 2010. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC31/ESC31_MarcioNemanN_067-082.pdf

NASCIMENTO, M. (Re) pensando as “masculinidades adolescentes”: homens jovens, gênero e saúde. In: PARKER, R.; RIOS, L. F.; UZIEL, A. P. **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

OLIVEIRA, C. S. Quem tem medo da violência juvenil? In: HARTMANN, F.; ROSA JR, N. C. F. **Violências e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

OLIVEIRA, M. C. L. Identidade, narrativa e desenvolvimento da adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo. Maringá**, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>

OLIVEIRA, P. P. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 6, n.1, p. 91-113, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036/11313>

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (1.º, 2.º), nº 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>

PENEDO, S. L. **El Laberinto Queer: la Identidad en tiempos del neoliberalismo**. Barcelona: Egales, 2008.

PICHARDO, J. I. El estigma hacia personas lesbianas, gays, bisexuales y transexuales en Gaviria, Elena; García-Ael, Cristina; Molero, Fernando (Coord.) **Investigación-acción. Aportaciones de la investigación a la reducción del estigma**. Madrid: Sanz y Torres. P. 111-125, 2012.

RICH, A. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence**. Disponível em: <http://www.terry.uga.edu/~dawndba/4500compulsoryhet.htm>

ROGOFF, B. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

RUBIN, G. The Traffic in Women: notes on the political economy of sex. In: REITER, R. (org) **Toward an Anthropology of woman**. New York: Monthly Review Press, 1975.

SÁEZ, J. El contexto sociopolítico de surgimento de la teoría queer. In: CÓRDOBA, D. SÁEZ, J. e VIDARTE, P. **Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas**. Madrid: Ed. Egales, 2007.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Por el culo. Políticas anales**. Madrid/ Barcelona: Editorial Egales, 2011.

SALEM, T. "Homem ...já viu; né?": representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, M. L.(org.) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**: tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. **Segundo relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012.%20Acessado%20em%2006/2014%20às%2017h00>

SEIDLER, V. J. **La sinrazón de la Masculinidad, Masculinidad y teoría social**. Barcelona: Paidós, 2000.

_____. Introdução: Varones jóvenes y masculinidades. In: SEIDLER, V. J. **Masculinidades**: culturas globales y vidas íntimas. Barcelona: Montesinos, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, p. 71-99, 1995.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: v.10, n.1, p. 59-70, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>

SOUZA, T. Y. **Um estudo dialógico sobre institucionalização e subjetivação de adolescentes em uma casa de semiliberdade**. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

VIOLANTE, M. L. V. **O dilema do decente malandro**. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

VOLPI, M. (org.). **Adolescentes privados de liberdade**. São Paulo: Cortez, 2ªed., 1998.

_____. **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo: Cortez, 8ªed., 2010.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M. (Org.) **Masculinidades**. São Paulo/Sta. Cruz do Sul: Boitempo/Unisc, p.107-128, 2004.

_____. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: vol.9 n.2, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008/8853>

ZALUAR, A. A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n. 1, 2002. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000100019&script=sci_arttext

ANEXOS

Anexo 01 - ENTREVISTA 01 – Parte 01 - Pedro

Tempo de gravação: 00h52min

Local: Instituição Socioassistencial

Pesquisador [1]: Eu quero que você conte sua história de vida, principais acontecimentos, todas as fases até chegar agora nas medidas socioeducativas.

Participante [2]: Ah, meu nome é Pedro [nome fictício], tenho 17 anos, sou filho de Walcir e Aline [nomes fictícios]. Nasci numa comunidade pobre, bem pobre, “véio”, tipo todo mundo falava que era uma periferia lá na vila tal. Ah, e quando eu era criança, estudei em escola pobre, humilde. Meu pai era trabalhador rural, a minha mãe era... como é o nome? Doméstica, minha mãe era doméstica e com muito sacrifício minha mãe cuidou de mim. Tenho quatro irmãos: Cecília, Carlos e Tatiana [nomes fictícios]. Quando eu tinha dois anos de idade meu pai separou da minha mãe e minha mãe ficou mãe solteira, trabalhou...

[1] Por que eles se separaram?

[2] Eles se separaram porque ele cometeu um delito, foi parar na cadeia. Aí o que aconteceu, minha mãe decidiu que aquilo não era pra ela, aí pegou e deu um basta no relacionamento e decidiu que ia cuidar de mim sozinho, e cuidou de mim sozinho e nisso largou do meu pai. Aí foi onde ela conheceu o meu padrasto, logo em seguida conheceu o meu padrasto onde teve mais três filhos, né, que eu e minha irmã Tatiana é filha do Walcir e o Carlos a Camila e Cecília é filha do Renan [nomes fictícios]. Dois maridos e cinco filhos. Quando eu tinha seis anos de idade comecei a fazer atletismo, fiquei oito anos fazendo atletismo, consegui várias coisas por meio do atletismo. Já trabalhei na roça, vendedor, já fiz de tudo, “véio”. Trabalhei, o que mais?

[1] E na escola?

[2] Na escola, tipo, sempre fui um bom aluno, véi. Acho que até mesmo pelo fato da vontade de vencer na vida, né, eu ia pra escola pensando que é mais um dia que eu vou tentar me superar, vou tentar vencer, vou ajudar a minha família, né, porque como eu falei, nasci numa família pobre, então qual que era minha cabeça: ia pra escola estudar, pra tentar ser alguém na vida, pra cuida até mesmo da minha família, da minha mãe, quando tiver velhos, dos meus irmãos. Na escola sempre fui bom, estudava numa escola que era na periferia mesmo. Aí

depois que eu fui pro ensino médio, comecei a estudar no JE, né, aí depois no ensino médio prestei prova pra escola agrícola, passei em quinto lugar, fui estudar na escola agrícola, fiz curso, fiz curso de marcenaria, auxiliar administrativo comercial, fiz curso de agroindústria, então eu fiz uma série de cursos. Trabalhei também numa empresa boa de papelaria. O que mais? Prestei concurso no vestibularzinho na faculdade, passei. Aí conheci algumas amizades que não foi conveniente, briguei com a minha mãe, saí da casa da minha mãe, achava que eu era o dono do meu nariz, fui morar em outra cidade, acabei deixando a minha mãe, minha família, meus irmãos, a vontade de vencer na vida abandonei tudo, véio. Fui morar nessa outra cidade sozinho, sem rumo, sem nada, sem ao menos saber andar e conheci algumas amizades, né, véio, que não foi conveniente e cometi alguns delitos, né, tava na casa de um amigo, aconteceu alguns fatos, fui parar na Fundação Casa onde fiquei 45 dias, foi 45 dias de experiência, aprendizado, sofrimento, saudade, batalha, terrível velho. Sabia que eu estava começando uma guerra, né, véio? Perdi uma vitória, né? E sair dali era o meu maior sonho. Aí saí dali, to tentando correr atrás dos meus objetivos de novo, estudando... vamos vê até onde vai da. Ah, teve uma época também, pô, quando minha mãe tava construindo nossa casa, nossa casinha era de madeira, sabe? Então morava eu, meus cinco irmão, eu e meus quatro irmão e minha mãe na casinha de madeira. Ali a gente passava necessidade, véio, necessidade de verdade. O que acontecia, a gente comia a sobra de escola, sabe? Merenda que ia pro pessoal da escola e sobrava aí minha mãe como tinha amizade com a mulher lá da escola levava pra gente. Então daí ela tava fazendo a casinha, aí ela conseguiu fazer a casa conseguiu fazer a casa lá. Hoje ela mora com meus irmãos, é solteira, eu tenho a minha esposa, eu trabalho de segurança e nem tenho muito contato com a minha mãe, com meu pai muito menos, meu pai, vamos dizer assim, mexe com coisa que não vem ao caso.

[1] Como era a relação com a sua família desde então, até ocorrer esse momento de separação?

[2] A relação com a minha família, vamos dizer assim entre aspas né véio porque ninguém é perfeito... mas era perfeito, tipo, todo mundo era feliz com todo mundo, todo mundo conversava com todo mundo, não tinha briga, não tinha inimizades, sabe? Todo mundo ajudava todo mundo, se eu precisasse ajudava, os vizinho ajudava os vizinho, então, tipo, cada um dava uma pra cada um pra tenta vencer velho. Aí foi até onde a gente separou. Tem uma irmã minha que tem quatorze anos, que tem filho, não quatorze não, tem quinze anos, tem filho, tem um irmão meu que sofre uma doença, que tem reumatite, é tipo uma doença

seriíssima, véio. Ah, tem outra irmã, tenho sobrinha, tenho sobrinho. Filho ainda não tenho não.

[1] Com a sua mãe como que era?

[2] Com a minha mãe sempre me dei bem, com a única pessoa que não me dava bem era com pai, que tipo, eu não aceitava o fato dele ter cometido um erro e minha mãe ter largado dele e minha mãe, tipo, ter criado eu e minha outra irmã sozinho, sabe? Não aceitava isso.

[1] Mas, você não aceitava por que?

[2] Ah, porque eu achava, no meu modo de pensar, na minha opinião de pensar, achava que homem pra ser homem não precisava se envolver em coisa errada, não precisava roubar, não precisava matar, não precisava traficar que ele não seria mais homem por isso. Então, não aceitava tipo, até hoje não aceito ainda mais pelo fato de eu ter ido preso já ter ido pra Fundação Casa, mas mesmo assim não aceito, velho. Homem, pra mim, na minha forma de pensar, homem de verdade é o que trabalha que corre atrás do que quer e acaba conseguindo com sofrimento, não aquele que tenta ali no momento, sai por bem de alguém, por cima de alguém e acha que tá tudo bem. Por todos esses fatos eu não aceitava mano, e não aceito até hoje, mas converso com o meu pai, a gente conversa pouco, conversa o necessário e só.

[1] E na escola, como era a sua relação com os amigos?

[2] Eu sempre, vamos dizer assim, eu sempre tive facilidade pra conversar, pra apresentar palestra, seminário, pra fazer teatro, sabe? Eu sempre tiver facilidade pra fazer amizade, então onde eu chegava em pouco tempo eu conseguia cativar as pessoas e fazia elas gostarem de mim mesmo que não gostasse num primeiro instante, claro, “não gosto do Pedro”, mas que não gostasse eu fazia passar a gostar. Chegava, conversava, fazia o que fosse de melhor pra pessoa, se pudesse ajudar, ajudava, uma palavra de conforto. Na escola conversava com todo mundo, os professores sempre gostou de mim, sempre me ajudou quando eu precisava, que pelo fato da minha família, do meu pai separar da minha mãe, minha mãe ter sofrido, tinha horas que eu me revoltava contra isso, aí tipo, ficava revoltado, e nisso quando eu tava revoltado eu encontrava pessoas com bons corações que sentavam e conversavam comigo e me mostravam que não era daquela forma, daquele jeito que eu tava pensando a vida, que em algum instante ia melhorar, véio, não ia ficar ruim pelo resto... ia melhorar, em qualquer momento ia melhorar. Hoje tá melhorando, hoje graças a deus tá melhorando, tenho minha casa, tenho minha esposa, vamos dizer assim, tenho minha família, né. Quando eu posso ajudar minha mãe eu ajudo, meus irmãos. Ah, já fiz parte também da entidade lá, frequentei lá

também por vários anos, acho que por oito, nove anos frequentei lá, foi até onde eu fiz os cursos de marcenaria, informática, auxiliar administrativo. Foi através de lá, né, eles ajudando.

[1] O que vocês faziam lá na escola, como que era esse espaço?

[2] Ah, na escola sentava em grupo, sabe? Na maioria das vezes, em matéria, alguma coisa, prova, sentava em grupo, então pra gente sentar em grupo a gente tem que ter uma relação amigável com todo mundo, né? Então, como eu tinha facilidade para conquistar as pessoas, vamos dizer assim, no momento todo mundo lá gostava de mim. Fazia tudo o que tinha que ter feito, tinha amizade com todo mundo. Até depois quando eu fui parar na Fundação Casa, tive bastante apoio, sabe várias pessoas me apoiou, me ajudou, sabia que eu tava preso por um “acidente”, não foi porque eu tava cometendo algo, porque na verdade eu fui preso como “gaiato”, sabe? Não foi por algo que eu fiz, foi pagando pelos outros, véio, por não ter escutado pai e mãe, né, vamos dizer assim. Ah, teve uma época também que foi em Março de 2012, descobri um problema de coração, um cisto, foi onde eu tive que interromper muitas coisas na minha vida, fazia atletismo tive que parar, jogava futebol tive que parar, tive que parar de trabalhar, eu acho que foi um dos momentos mais difíceis da minha vida foi esse, ter que encarar essa doença, esse problema. Eu me olhava como, tipo, o cara perfeito, velho, podia correr, podia brincar, podia sair a hora que quisesse, podia fazer o que eu quisesse e do nada saberia que tudo ia mudar que eu ia ter que viver de uma forma diferente, ia ter que comer alimentos diferentes, ia ter que mudar minha alimentação, o meu jeito de viver, a minha maneira de ser eu ia ter que mudar porque ou eu mudasse ou já era então não tinha opção, ou mudava ou mudava, foi onde que tudo começou a ser diferente, velho, onde eu tive que aprender a viver com seriedade, porque antes disso a gente vivia, mas vivia em bagunça, em festa, em baile funk, sabe? Onde tinha cerveja e mulher a gente tava envolvido, pô. Aí depois que eu fiquei doente, aí comecei a entender mais a vida, vamos dizer assim, né, pra mim eu comecei a ter mais sentido, mais significado, cada coisa, cada ato. Tipo, depois disso eu aprendi que cada ação tinha uma reação, se você fizesse uma ação de bem, você ia recolher o bem, se você fizesse uma ação mal, que ia te prejudicar, você ia ser prejudicado. Depois que eu descobri essa doença, vish, tudo mudou. Tudo, tudo, tudo... foi bem diferente, cara.

[1] Como era essa sua relação com os bailes, atrás de mulheres, como eram os seus relacionamentos?

[2] Então, véio, no baile a gente, acho que todo mundo, pô, quer o que? Quer se divertir. Briga em baile, já briguei algumas vezes, mas por motivos fútil, velho, tipo fora do padrão, mas a gente vai num baile procura se divertir, beber, conhecer pessoas diferentes, tanto faz homem ou mulher, a gente vai conhecer, né? Vamos tentar ter alguma coisa a mais com a garota, né? Já frequentei vários bailes, já frequentei vários lugares onde podia até ser perigoso no momento, véio, mas isso foi antes de eu ficar doente, aí depois que eu fiquei doente mudou tudo, véio. O meu jeito de viver hoje é fora, acho que só eu mesmo para viver desse jeito. Trabalho, chego em casa, descanso, não fico na rua mais à toa, não fico mais onde não devia estar as minha amizades já não é mais a mesma. Hoje, vamos dizer assim, eu tenho amizades com pessoas que quer meu bem, vamos dizer assim, né, pessoas que corre atrás daquilo que quer de uma forma digna, que batalha, soa para ter tudo aquilo que deseja, e antes não, antes eu andava na bagunça, na bagunça literalmente, não tinha exceção, era bagunça, bagunça. Só não usava droga, que isso nunca tive vontade e muitos amigos meus usavam, mas eu nunca tive vontade, nunca nem experimentei, ficava perto com eles usando, ficava perto, mas eu achava normal, tipo não é “eu”, mesmo com outros falando “ah, mas tá perto, tá usando, é isso, é aquilo”, mas eu pensava comigo “não é eu que to usando, então não tenho nada que falar pra ninguém, a vida é minha, sabe?” E não é bem assim a vida né, porque hoje se você tiver perto de uma pessoa que tá fazendo alguma coisa que não deve você paga por aquilo, e foi desse jeito que eu fui parar na Fundação Casa.

[1] Por culpa de alguém, como é que foi isso?

[2] Eu tava em [...] quando eu morava lá em [...], na cidade de [...], eu conheci, eu morava lá num bairro de periferia, conheci uns garotos lá, aí eles mexiam com drogas, mas jamais ia achar que eles iam guardar dentro de casa, na casa deles, todo mundo frequentava a casa deles, normal, porque ele tinha irmã, tinha vó, tinha mãe, morava tudo junto com ele e eu frequentava normal, pô. Pra mim eu achava que era um ambiente familiar, que jamais uma pessoa que mexe com droga vai querer prejudicar a família dele. Eu ia lá normal, aí, o que aconteceu, foi uma noite a gente combinou de sair, eu fui na casa dele, na rotina, de sempre, era meu amigo, pô. Aí fui na casa dele, aí foi quando os policial entrou lá em perseguição, parece que de um muleque, e entro abordando nós, falo que tinha um ocorrido ali, e aí a gente ficou até meio sem saber, pô, como que alguém correu se a gente não escutou nada. Aí foi onde achou droga lá no fundo, aí até bateram em nós, pô, que eles falam que não bate, mas bate sim. Aí bateram e perguntou de quem era, mas eu não sabia e nem tinha condição de

responder, né, como eu vou responder alguma coisa que eu não sei, então “ah, não sei de quem é, não moro aqui, to aqui de passagem, só vim aqui porque a gente combinou de sair”. Aí foi na onde o outro muleque falou que era dele, depois de muitos dias falou que era dele mesmo, aí ele assumiu que era dele, mas mesmo assim fomos pra fundação casa, velho, porque num primeiro instante ele não falou que era dele, depois que ele foi assumir. Foi dessa forma que fui parar na Fundação Casa.

[1] Foram todos ou só você?

[2] Ah, fui eu e outro garoto, né. Porque no momento a vó dele não tava lá, a irmã dele também não, nem a mãe dele, só tava ele e a gente ia sair, aí foi parar eu e ele na fundação casa, tipo, não teve escolha.

[1] Então você foi parar na Fundação Casa apenas por conta dessa situação...

[2] É a gente foi parar na Fundação Casa pelo fato de ter droga lá e não ter um dono, então tipo assim, tava eu e ele e ninguém era dono e ninguém era dono num primeiro instante, então como eles iam fazer, soltar os dois ele não tem porque tem uma prova contra a gente pra incriminar um dos dois ou até mesmo os dois, se não tiver dono é os dois que vai ser incriminado. Então o que aconteceu, num primeiro instante fomos os dois pra delegacia, vamo no “dake”, né, fomos os dois pro “dake” e encaminhados pra fundação casa. Aí depois de quarenta dias, a gente teve uma nova audiência, aí foi onde o juiz através de uma pesquisa, um acompanhamento que os técnicos, psicólogos de dentro da fundação casa, eles fazem um acompanhamento com cada adolescente que ta lá, o que acontece através daquele acompanhamento ele vai conhece sua família, vai conhece você, vai saber como você é, então tipo, aí o juiz analisa isso aí e analisa como você era na sua vida particular, na sua vida pessoal, como você era, uma autoanálise. Aí foi onde que ele viu, né, que eu era uma pessoa de bem, que eu trabalhava, que eu tinha estudo, que não era um muleque à toa, não mexia... né? Não tinha como me incriminar por uma coisa assim tão absurda. Aí foi onde que o juiz determinou para prestação de serviços e ficar de liberdade assistida sendo acompanhado e to aí pagando até hoje.

[1] Faz quanto tempo que você está aqui?

[2] Faz quanto tempo? Faz cinco meses que eu já to pagando. No final tem que ser 192 horas.

[1] E como sua família recebeu isso?

[2] Ah, minha família recebeu isso aí como uma bomba, véio. Porque, tipo, eu pelo fato... porque foi como eu falei, eu sempre tinha e carregava comigo, levantava e falava: “hoje vai

ser mais um dia que eu vou vencer” e “hoje vai ser mais um dia de glória”. Todo dia eu levantava e falava: “hoje vai ser mais um dia de glória, véio, mais um dia que eu vou ter que levantar e vencer”. Já nasci numa comunidade então vou ter que mostrar, né? Aí tipo, todo mundo me conheceu como uma pessoa de bem, apesar do lugar onde eu morava, porque eu sempre fazia ações para ajudar as pessoas porque eu era um necessitado, mas aí quando eles olhava pra trás e viam que tinha pessoas mais necessitadas do que eu, e que eu tinha que ajudar, e eu sempre pensei em ajudar. Minha família quando recebeu minha mãe quando recebeu o telefonema do delegado, minha mãe ficou em estado de choque, ela não sabia, ela não conseguiu aceitar, tipo, falar “meu filho ontem era um bom garoto, estudava e queria o bem, hoje ele é um criminoso, é um bandido”. Porque depois que a gente cai na cadeia querendo ou não a gente carrega essa fama de bandido, não adianta a gente falar “ah, eu sou de bem”, você é de bem para aquelas pessoas que te conhecem, mas aquelas pessoas que conhecem só que você foi pra fundação casa, eles não vão falar que você é de bem, e é aonde você encontra vários obstáculos, né, que depois que você sai na fundação casa que você vai tentar arrumar um emprego já fica mais difícil do que antes. Minha mãe, meus irmãos, minha família inteira ficou, tipo, foi um fato inacreditável, velho, pra ele, pra minha mãe o mundo desabou, porque ela sempre lutou, sempre batalhou para me dar tudo o que eu queria, porque apesar de eu ser pobre, véio, tudo o que eu queria, eu tinha. Se eu falasse pra minha mãe que eu queria uma pedra lá da China, ela trazia um pedaço de pedra lá da China, então, tipo, apesar da gente ser pobre tudo o que eu queria minha mãe sempre me deu, sempre me tratou no conforto, né, assim modéstia a parte, sempre me tratou no conforto, então, tipo, quando o delegado ligou lá e falou o que tinha acontecido, pela quantidade de droga, pelo fato, pra minha mãe foi mesmo uma coisa de ter arrancado um pedaço dela. Ela saber que ela tinha lutado e no momento eu tava envergonhando ela, que eu era, vamos dizer assim, o melhor filho dela, que ela investiu todas as apostas, aí do nada joguei tudo pro alto e fui para onde eu parei, véio. Então pra ela, pro meu pai, até pro meu pai, que a gente não é muito próximo, pra ele foi difícil, chorava, tipo, ele se acusava, né? Ele depois de algum tempo começou a falar se não fosse por ele, se não fosse ele ter cometido o que ele cometeu e ter parado na cadeia, eu também não tinha parado. Que eu me espelhei nele, mas na verdade isso nunca aconteceu, eu nunca me espelhei no meu pai.

[1] Com o seu pai foi a mesma situação que a sua?

[2] Não, o meu pai foi preso por um ato que ele cometeu, foi preso porque.... deveria ser preso. Ele fez e teve que pagar. Não foi o mesmo caso que eu, né? Mas mesmo assim ele não acreditava, eles e algumas pessoas não acreditavam que eu tava preso, vamos dizer assim, inocente, que eu tava preso por gaiato, né, que é o jeito que fala, mas eles tiveram que encarar isso, né, na periferia onde eu morava, e é um bairro com a margem de criminalidade bem alta, véio, roubo, morte, nossa desde quando eu moro naquela vilinha lá eu já vi umas cinquenta pessoa morrer lá, véio, tudo de forma brutalmente, sabe?

[2] E como você enxergava isso, como que era?

[1] Ah, pelo fato da gente morar num lugar onde o índice de criminalidade é bem alta, vamos dizer assim que aquilo fazia parte do nosso cotidiano, fazia parte, “ah, fulano morreu. Ah, morreu de que? Ah, mataram” Então pra nós era uma coisa normal, mesma coisa de chega e fala assim “Ah, amanhã é quarta-feira”. Então a gente não via problema nenhum de chega e fala “ah, fulano morreu. Ah, mataram fulano, arrancaram a cabeça de fulano”. Pra nós não tinha constrangimento nenhum porque pra nós era normal, onde toda semana três, quatro que achava morto, apesar de que hoje tá mais calmo, mas antes era assim, acontecia briguinha à toa e já saia uma morte, e não era uma morte de tipo chegar e dar um tiro e morrer. Era morte chegava lá, abria o cara, arrancava a cabeça, picava...

[1] Era mais cruel, então...

[2] Até pelo fato de lá ser um bairro com a margem de criminalidade bem alta, o povo é tudo rebelde, véio. Qualquer coisinha tão brigando, tão matando, tão prejudicando um o outro.

[1] Onde mais ocorriam essas brigas?

[2] Ah, ocorriam mais em bares, né, onde o povo já tava fora do normal, já tava bem alcoolizado, vamos dizer assim “ninguém se respondia por si”, onde um olhar diferente grava uma briga, que pelo fato de todo mundo tá alcoolizado, todo mundo tá num estado de embriaguez, ninguém respeita o espaço de ninguém, vamos dizer assim, né.

[1] E você frequentava esses lugares?

[2] Ah, já cheguei a ir, quando criança não. Quando eu era criança minha mãe prendia eu bastante, não deixa sair de jeito maneira, até pelo fato do que acontecia lá geralmente, mas depois que eu fiz 14, 15 anos eu comecei a frequentar, não diariamente, frequentemente, mas não deixava de frequentar.

[1] E como era lá? Além disso, o que mais acontecia?

[2] Lá na frente dos bares que eu ia rolava muita droga, véio. Droga, bebida, meninas seminuas, é vamos dizer assim, tinha baile funk no meio da rua onde acontecia atos obscenos, véio. Mesma coisa que se você tivesse numa casa noturna onde acontece putaria. Era tudo bem fora do comum, fora do normal, fora do padrão de vida brasileiro.

[1] A grande maioria eram homens lá?

[2] Ah, vamos dizer assim que num lugar que tinha 300 pessoas, 190 pessoas eram homens e o restante era mulher. E tinha vez que 190 era mulher e o restante era homem, então geralmente em alguns lugares você geralmente encontrava mais mulher do que homem vamos dizer assim numa divisão você encontrava três, quatro mulher para cada homem.

[1] E as brigas ocorriam mais entre quem?

[2] As brigas ocorriam geralmente... às vezes entre meninas, mas muitas vezes aconteciam assim, vamos dizer... bandido contra bandido, véio. Até mesmo briga por causa de ponto de droga, por causa de comercialização de droga, então é como eu falei qualquer coisinha gerava briga, vamos supor: se eu tivesse usando droga onde era lugar de outra pessoa vende droga, aquilo já era motivo de briga, já era motivo para acontecer algo além do comum. Se você passasse e olhasse para mulher de um bandido já era motivo de acontecer algo fora do comum também, então tipo era motivo sem foco, qualquer coisa já gerava uma briga, gerava até uma morte.

[1] E como é a relação com a sua esposa? Como você a conheceu, como foi?

[2] Ah, eu conheci a minha esposa antes de ir pra fundação casa, em Dezembro de 2012, tipo passei a noite na festa, no churrasco na casa do meu amigo, aí decidimos sair “ah, vamos sair, e tal, vamo”. Aí encontrei ela, na praça, na praça matriz aí, e ela sendo de uma família bem estruturada, tipo o padrão de vida dela era bem melhor que o meu, o pai dela era caminhoneiro, a mãe dela não trabalhava, né, mas o pai dela era caminhoneiro, o padrasto dela era vereador, presidente da câmara lá da cidade de [...]. Então, tipo, no começo eu achava que não ia dar certo, porque, ah, eu sou pobre, fudido e enrolado e ela pelo modo de se pensar “patricinha”, né? Mas foi diferente, a gente foi se conhecendo a mãe dela quis me conhecer, os pais dela quis me conhecer, aí passei a conhecer, soube mais como ela era e onde foi até que apoiou, aí foi quando dia 15 de Janeiro a gente decidiu que ia morar junto, a gente se conheceu em Dezembro e em Janeiro decidiu que ia morar junto. Vamo morar junto e ponto, véio. Aí o que aconteceu a gente decidiu morar junto e fomo morar junto, véio. E tamo até

hoje. Vai fazer um ano daqui a pouco, vai fazer um ano que a gente tá junto. E quando eu fui preso, ela me esperou até o dia em que eu saí, né? , Eu saí e tamo junto até hoje, véio ai fazer um ano que a gente tá junto. Minha relação com ela é ótima, véio, a gente não briga, é tudo assim, vamos dizer, na positividade, nada é motivo de briga pra nós, tudo é motivo de alegria, de risada. Eu nasci num lugarzinho muito sofrido, então o que acontece? Hoje tudo é motivo de alegria, motivo de festa. Qualquer coisinha. Hoje se eu ganhar uma bala de uma pessoa é motivo de alegria. Hoje nós vive bem, eu trabalho, ela não trabalha, mas que eu ganho dá para sustentar eu e ela, o que eu ganho mensalmente na faixa de 1.200, 1300 pau por mês, sendo só eu e ela a gente não paga aluguel, a casa é própria, a gente vive bem graças a deus. Bem tranquilos, sossegados, de forma digna e honesta.

[1] Então você trabalha e ela fica mais em casa?

[2] É, eu trabalho no período da noite, então de dia eu fico em casa, né, dando atenção pra ela, e a noite eu vou trabalhar e ela continua em casa, a gente tem um cachorrinho, tipo, a gente tem um lhasa (raça) e aquele cachorrinho pra nós é como se fosse um filho, então tipo quando eu saio ela fica com o cachorrinho e quando ela sai, vai pagar alguma conta eu fico com o cachorro, então vamos dizer assim, ela não fica sozinha, ela fica com o nosso cachorrinho, né. Enquanto eu não to ela fica lá com ele brincando... a gente conversa com ele, mesma coisa que se fosse filho e não sei se entende, mas parece entender a gente.

[1] E como são as coisas na casa, divisão de tarefas?

[2] Ah, divisão de tarefas, vamos dizer assim, quando eu posso ajudo ela, eu cozinheiro, eu sei me virar, né? Aprendi isso com a minha mãe, aprendi a me virar. Então às vezes ele tá cansado, porque ser dona de casa cansa, né, aí não adianta falar, mas cansa, pô. Eu ajudo ela, de vez em quando faço uma janta, um almoço, ajudo a limpar a casa, não frequentemente, né, mas vamos dizer assim umas duas vezes por semana eu ajudo ela a limpar a casa, limpar o quintal, cuidar do cachorro eu que cuido, tenho um ciúmes dele, o cachorro é só meu... mas a divisão de tarefas dentro de casa é normal, é sem briga nenhuma, você faz isso, eu faço isso e pronto, não tem o que discutir. A gente se relaciona de uma forma assim: “x” é “x”, nem mais, nem menos, tipo assim, você faz a janta e eu lavo a louça da janta, ah, não que questionar, é isso e isso e pronto. Assim a gente evita briga e discussão, né? Então não tem o que questionar, é isso e isso e pronto e acabou.

[1] Ela é mais nova, mais velha?

[2] Ela tem 16 anos. Eu tenho 17, sou um ano mais velho que ela.

[1] Ela estuda?

[2] Não estuda até pelo fato de eu ido parar na fundação casa. Ela parou de estudar esse ano, no primeiro colegial. Aí no ano que vem ela vai começar a estudar já, terminar o primeiro colégio, segundo e terceiro, fazer uns cursos até pra gente poder ter uma vida mais sossegada, né, uma vida um pouco melhor, né, melhorar nosso padrão de vida.

[1] E você, continua estudando, parou de estudar, como que foi?

[2] Não, terminei o terceiro colégio lá na escola agrícola. Comecei a fazer faculdade de Recursos Humanos, aí foi onde aconteceu que eu fui preso. A minha vida parou depois que eu fui parar na Fundação Casa, véio. Eu tinha tudo, tava tendo tudo pra ser alguém na vida, eu tava fazendo faculdade à distância, então um ano e meio você termina, então se eu não tivesse ido pra Fundação Casa tinha terminado, já tava numa empresa, sei lá, taria bem empregado, né? Ai pelo fato de eu ter ido pra fundação casa o meu chão desabou, perdi a vontade de tudo no começo. Comecei a pensar “agora todo mundo vai me ver como um bandido”, mas depois de algum tempo comecei a pensar diferente “eu tenho que começar a fazer alguma coisa, a vencer, porque eu não posso ficar dessa forma”. Foi onde que ela foi me apoiando, me ajudando, a minha esposa, né? A minha mãe achava que no começo, o meu relacionamento com a minha esposa, que chama Jéssica, não ia dar certo pelo fato dela ter uma vida melhor que eu, e nós ser mais pobre, de uma família mais humilde, minha mãe achava que ela ia pisar, que ia judiar de mim, mas agora minha mãe viu que a Jéssica tá superando cada dia mais o que ela pensava, que a Jéssica não é aquilo que ela achava que era. Hoje, vamos dizer assim, tá tudo tranquilo.

[1] A relação dela com a sua família...?

[2] A relação dela com a minha família é das melhores, pelo que eu vejo muito boa. A relação minha com a família dela também é excelente, então vamos dizer assim não tem descaso por lado nenhum, todo mundo é bom com todo mundo. Todo mundo tenta ajudar todo mundo.

[1] Ela conversa com o seu pai?

[2] Fala com o meu pai, fala com as minhas irmãs, com a minha mãe, fala com o meu padrasto, que nem eu falo com as irmãs dela, com o pai dela, com a mãe dela, falo com o ex-padrasto dela, então a gente não tem limitações, a gente fala com todo mundo, não tem o porquê de não conversar.

[1] E atualmente com a sua família, como está sua relação? Com o seu pai, o que você aprendeu, o que você enxerga?

[2] Ah, nesse momento, véio, é que nem eu falei, eu não mudo minha opinião. Quando eu teimo com alguma coisa é aquilo. Nesse momento eu converso com o meu pai, pelo fato de que ele fez o que fez, mas não deixa de ser meu pai. Ele meu deu a vida. Então de um jeito e outro tenho que respeitar ele do que ele foi, do que ele é, do que ele tá sendo, mas pra mim o que ele fez, quando eu era criança, pra mim é sem perdão.

[1] Você se lembra, tem alguma recordação?

[2] Eu tenho uma recordação, mais pelo que minha mãe falou e até ele me falou, sabe? Pra mim é uma coisa sem perdão, uma coisa que é inaceitável, tipo, mas também não julgo ele, né? Porque do mesmo jeito que eu fui parar na fundação casa, ele quando mais novo cometeu um erro, pagou e não deixa de ser um ser humano, não deixa de ser meu pai. Então a gente tem que encarar a vida como ela é, pra melhorar, não perder a cabeça e tentar conquistar aquilo que a gente quer jamais pensar em desistir, recair, se envolver em coisa que não deve e lutar por aquilo que a gente quer, pô. Vamo lutando a cada dia, carrego comigo até hoje que a cada dia que eu levanto eu vou matar mais um leão, véio, cada dia gente mata um leão, todo dia levanto e agradeço a deus por ter deixado viver mais um dia e peço pra ele me ajudar a vencer mais uma batalha. Estamos aí vendo dia após dia tentando se reerguer novamente.

[1] Bem, tem mais alguma coisa que você queira acrescentar, alguma história?

[2] Os fatos, os principais fatos foi o que eu falei... Ah, teve um fato também. Acho que eu nasci, vamos dizer assim pela forma que a gente diz... nasci cagado, véio. Nasci numa família pobre cheia de doença, véio. Nós costuma dizer quem é muito doente é filho de rico. Até a minha mãe brinca às vezes e fala: “ah, você tem que ser filho de rico, você era pra nascer filho de rico”. Eu tenho problema para tudo quanto é lado, véio. Quando eu era criança eu tinha oito anos caí de cima da laje, quebrei os dentes, fiz dezessete pontos no queixo, fiquei em coma seis dias, de seis a oito dias. Já sofri bastante, bastante, pra caralho, véio. Tenho alguns probleminhas, tenho gastrite, desvio na coluna, mas isso aí a gente tem que encarar, né, vai fazer o que? Dessa vez aí que quando eu caí da laje, disso eu me recordo bem, nossa foi uma fase bem difícil, eu parecia criançinha com problema, sabe? Dependia de todo mundo pra ir no banheiro, dependia de todo mundo pra comer, tipo foi um momento bem difícil também. Muito difícil. Aí depois de alguns dias que eu melhorei fui lá e cai do cavalo e quebrei um braço e uma perna... rs! Eu nasci e só Deus mesmo para explicar o que acontece. Fui atropelado uma vez de moto também, a moto me pegou também e eu fiquei em coma dois dias desmaiado. Foi uma série de acidentes fora do comum, eu acho que nenhum ser humano

passou por isso, véio. E foi tudo um após o outro, um mês, um mês e meio de distância, de dias... já acontecia uma coisa, melhorava e acontecia outra, então até hoje eu sou meio frágil, qualquer coisinha acontece alguma coisa grave...

[1] Você se envolvia muito em brigas?

[2] Ah, então, como eu tinha amizade com todo mundo, era muito difícil eu me envolver em briga, tipo, eu nunca fui de briga, véio. Já me envolvi em algumas, porque todo mundo se envolve em brigas, mano, não adianta. Às vezes a gente sem querer se envolver acaba se envolvendo. Já me envolvi sim, mas de 17 anos se eu me envolvi em duas, três brigas foi muito.

[1] Então não era algo que fazia parte da sua rotina apesar de você conviver num ambiente com muita violência...

[2] É, apesar de eu conviver num bairro que é periferia, numa vila... isso, briga e criminalidade não fazia parte da minha vida. Aquilo ali não era pra mim. Que nem drogas, duas coisas que pra mim, vamos dizer assim, não teve proveito, não tinha porque naquilo se não tinha benefício, só tinha malefícios pra mim, então vou começar a brigar, aí uma hora vem alguém e me dá um tido e me deixa alejado, e quem vai sofrer vai ser eu e minha família. E eu vou começar a usar droga pra que? Pra mim virar dependente, pra mim fica dependendo dos outros, pra mim compra drogas fiado dos outros e acaba morrendo? Então foi duas coisas que pra mim, até hoje, vontade nenhuma de se envolver. Converso, tenho bastante amigo, amigo modo de dizer, colegas... que não é amigo, amigo é aquele que vai na sua casa, conversa... colegas, que você encontra na rua e “ou, bom? bom, fulano, pá” eu tenho uma forma de pensar, amigo é aquele que vai na minha casa eu vou na casa dele, trata com respeito, né, mexe na geladeira, mexe no armário, come alguma coisa, então pra mim isso é amigo, vamos dizer assim é irmão, não é só amigo é irmão. Agora colega não, colega você vê na rua “ao fulano, bom? Bom.” Então você não leva pra sua vida pessoal, pra sua casa, né? Tenho bastante conhecido, vamos dizer assim, conhecido que usa droga, que é envolvido em crime, mas eu não me interesso em me envolver nisso aí, não me interesso em saber também, sabe? Procurar saber como é, já perguntei pra usuário dependente químico, usuário de crack, como que era, porque eu tive por um momento, pelo fato de conviver com essas pessoas, eu tive um momento de querer saber o porquê ele caiu naquilo, porque eles começou a usar aquilo e o que ele sentia, então eu me interessei por isso aí, até hoje, ficava encafifado, chegava assim, vamos supor: Ou, João, o que você sente, véio? Como que você começou a

fazer isso? Como você se envolveu nisso? Acho que até pra eles é um momento de conforto, eles vê alguém que tá preocupado com eles. Foi o que eu falei, gosto de ajudar as pessoas e quando eu posso ajudar eu ajudo, eu converso com dependente químico, com usuário, com alcoólatra. Comigo não tem o rico e pobre, os dois é igual, então tipo, em algum momento da minha vida eu tive curiosidade, mas não de usar ou experimentar, curiosidade de saber como que era, eles contavam pra mim “ah, comecei quando tinha 11 anos, conheci quando tinha 12 anos, e comecei a usar, to até hoje, estraguei minha família, perdi minha família”. Uma vez cheguei a conhecer até um, vamos dizer, homossexual. Ele era trabalhador, tinha duas filhas e a mulher dele. E começou a usar droga, começou a usar crack, virou dependente químico. Perdeu a família, perdeu os dois filhos e perdeu a mulher dele e ficou sozinho. E ele já não tava conseguindo mais trabalhar, né, ele contando pra mim. Aí o que aconteceu, ele contando pra mim que passou a ser homossexual porque era a única forma mais fácil de se sustentar, dele sustentar o vício dele...

[1] Ele se prostituía?

[2] É, ele começou a se prostituir para ter o benefício da droga, de poder tá usando droga. Eu fiquei até admirado “poxa, olha o ponto que a gente chega, né?” Então pra mim, deus me livre, agradeço a deus todo o dia por não ter me envolvido com isso e não tenho vontade de me envolver com isso, sabe?

[1] E essa pessoa que você conheceu, como era pra você o fato dela ser homossexual?

[2] Eu conversei com ele, ele dava até palestra. Ele dava palestra pra, vamos dizer assim, ter o benefício da droga. Ele contava palestra sobre a forma como ele vivia, como ele nasceu, como ele tava vivendo, como ele era. E como ele arrecadava dinheiro também para usar droga. Então, tipo, ele é uma pessoa de bem, mas que por uma curiosidade ele acabou se envolvendo num caminho sem volta, que é um caminho... Deus dá o livre arbítrio pra gente, o caminho estreito, que é o caminho dele, e o caminho largo que é o caminho das trevas, aí tipo ele se envolveu no caminho das trevas, né? Escolheu por aquilo e até hoje ele paga por isso, mas sempre foi gente boa, sempre respeitou todo mundo, nunca vi ele desrespeitando ninguém. Chegou uma época ele até chegou a trabalhar de empregada lá em casa, tipo, ele era homem e não era, então, pô, ele trabalhava de empregada lá em casa e pra você ver como ele era uma pessoa boa, que a gente deixava dinheiro, deixava carteira, deixava tudo em cima e ele não mexia em nada, além do fato dele mexer com droga e o que ele era, mas nunca desrespeitou

minha família e nunca mexeu no que era meu, chegava no final da tarde eu pagava a diária dele e pronto, ele era uma pessoa excelente..

[1] Me explique melhor essa parte “ele era homem e não era”...

[2] Tipo, ele nasceu homem, mas pelo fato dele virar homossexual, eu via ele como uma mulher, porque ele se vestia como mulher, ele era homem e passou a ser homossexual...

[1] Ele vestia roupa de mulher?

[2] É, ele vestia roupa de mulher, vamos dizer assim, quem não conhecia dizia que ele era uma mulher, então por isso a gente fala homem e mulher, né? Por esse fato, mas era uma pessoa excelente. Se um dia tiver condições a primeira pessoa que vou ajudar vai ser ele, vamos dizer assim, ele fez parte da minha vida também...

[1] Como amigo?

[2] Sim, como amigo. Não eu conheci ele como “veado” mesmo, eu conheci ele como homossexual. Mas a forma como eu conheci ele, vamos dizer assim, ele, tipo, sem malícia alguma, “me conquistou”, véio, pela forma de viver dele, pô, ele me conquistou pela história de vida dele e quando é uma pessoa boa a gente reconhece, a gente vê que a pessoa é boa, e eu me sentia mal, caralho, ele é uma pessoa boa e tá numa situação dessa, mas ele é bom demais, se eu pudesse ajudar eu ajudava. Agora hoje eu nem tenho mais contato com ele...

[1] Você não fala mais com ele?

[2] É, hoje não tenho mais contato com ele porque depois que eu fui pra fundação eu perdi alguns contatos de alguns conhecidos, de alguns amigos e faz algum tempo já que eu não vejo ele... faz um tempo que a gente não se vê, mas é uma ótima pessoa, não tenho do que reclamar. Pelo menos eu não, não sei se longe de mim ele fez alguma coisa, mas pelo menos eu não, ele comia em casa, bebia em casa, se tivesse lugar ele dormia em casa, tomava banho em casa, eu não tinha, vamos dizer assim, preconceito, porque uma coisa que eu não admito é preconceito. Todos nós, na bíblia mesmo fala, nascemos do pó e para o pó você vai, então por que preconceito? Você é rico e eu sou pobre, e daí? Você vive melhor que eu aqui, e depois? E eu acredito na vida pós morte, pô. Nem é todo mundo, mas eu acredito. Então hoje você pode tá melhor que eu e amanhã eu posso tá melhor que você, e assim vai, então se eu vê uma pessoa humilhando alguém eu já interfiro no meio, já converso, já não gosto, véio, porque todo mundo é igual na minha forma de pensar, ninguém é melhor que ninguém pelo fato de ser homem, pelo fato de ser mulher, pelo fato de ser homossexual, pelo fato de ser “sapatona”, bissexual, pra mim é todo mundo a mesma coisa, se puder ajudar eu ajudo, se puder dar um

prato de comida eu dou, se quiser tomar banho na minha casa toma, não tem, vamos dizer assim, exceção pra isso, pra caso algum, eu trato todo mundo com respeito, com dignidade e sempre tentando ajudar.

[1] Mais alguma coisa que gostaria de falar?

[2] Ah, acho que não...

[1] Bom, muito obrigado por tudo o que me contou!

ENTREVISTA 01 – Parte 02 - Pedro

Tempo de gravação: 00h18min

Local: Instituição Socioassistencial

Pedro mostrou-se disponível em realizar nova participação na pesquisa.

Pesquisador [1]: Bom, eu gostaria apenas de te fazer mais algumas questões com base em tudo o que você me contou em nosso primeiro encontro. A primeira coisa que eu gostaria de saber com base na sua narrativa, que foi bem interessante, é: o que é ser homem pra você, com base em tudo o que me disse naquela vez?

Participante [2]: Para mim ser homem é, tipo, o cara ter responsabilidade, assumir compromisso, ter uma família, criar uma família. Acho que é isso aí, e depois de ter uma família fazer por onde e tudo correr bem, e para não entristecer a sua família, né, sua mãe, seu pai, de modo algum poder desrespeitar eles, né? Então para mim, ser homem é isso aí.

[1] E um pouco também relacionado com sua história de vida, o que é violência, o que você entende por violência?

[2] Violência? Ah, para mim acho simples pensar numa violência, né? Violência familiar, violência que começa dentro de casa, começa a prejudicar seus irmãos, seus parentes. Violência na rua é quando uma pessoa começa a agredir a outra. Quando, vamos dizer assim, uma pessoa não sabe respeitar as ideias, o espaço da outra pessoa, independente do que é, do que trabalha, ou, não sei se pode falar assim, os policiais, delegados, alguém que na hierarquia um pouco maior que a gente, eles acham que por isso eles podem pisar, eles podem maltratar, que eles podem bater, pelo caso deles serem um pouquinho maior que a gente. Acho que pra mim violência é, a partir do momento que você não sabe respeitar decisão, espaço ou lugar que você está, você já está cometendo uma violência.

[1] E como se deu a sua relação com a violência com base em tudo o que você me contou. Tem inclusive uma fala sua aqui que você coloca “as brigas ocorriam geralmente entre meninas, mas muitas vezes aconteciam assim, vamos dizer, bandido contra bandido, né? Até mesmo briga por causa de ponto de droga e de comercialização. Então como eu falei, qualquer coisa gerava briga, vamos supor, se eu tivesse usando droga onde era o lugar de outra pessoa vender a droga, aquilo já era motivo de briga, motivo para acontecer algo além do comum. Se você passasse e olhasse para mulher de bandido já era motivo de acontecer algo fora do comum também. Então era motivo sem foco, qualquer coisa já gerava briga, gerava até uma morte”. Então pensando um pouco nisso e o que você me falou o que entende por violência, como se deu a sua relação, ou não se deu, a sua relação específica com a violência?

[2] Ah, a minha relação com a violência, a minha única violência que eu fiz é tentar se meter onde não era chamado. Foi onde, o que acontece, foi onde aconteceu tudo, o que aconteceu, que eu fui parar na Fundação Casa, o que acontece, a minha violência foi, vamos por entre aspas, “destruir” a família dos outros, né? Se eu tava cometendo um delito, eu tava destruindo a família de alguém, independente se eu tava roubando eu tava destruindo a família de alguém, pegando uma coisa que não era minha. Se eu tava vendendo droga, particularmente, entre aspas, eu tava “destruindo” a família de alguém. É claro que eles iam lá porque eles queriam, não eram obrigados, mas independente, a gente tava destruindo a família de alguém. Então isso pra mim é uma violência porque da mesma forma que não queria que acontecesse comigo, não queria que ninguém prejudicasse a minha família, então eu tava cometendo uma violência prejudicando a família do próximo. Acho que minha relação é essa, né? Ter prejudicado algumas famílias. Poderia não ter acontecido, mas infelizmente...

[1] Entendi. E voltando um pouco para a primeira pergunta sobre o que é ser homem, desde quando você começou a crescer, como você viu essa questão de coisas de homem, que o homem deve fazer, como é que foi pra você isso desde sua infância. Porque você me disse o que é ser homem hoje...

[2] Assim, desde criança, quando minha mãe, né, “nasceu homem”, minha mãe sempre me instruiu sobre o que era ser um homem, tipo, ter responsabilidade, aprender o que era certo e o que era errado, com quem andar, o que deveria fazer, se você tivesse perto de alguém que não te faria bem, como aprender a lidar com aquilo, disfarçar, sair de perto. Eu desde pequeno fui instruído para, vamos supor, para ter uma cabeça, um pensamento amplo sobre aquilo que

podia me prejudicar depois de minhas decisões. Vamos supor, eu sendo homem de verdade eu saía e saberia lidar com aquilo que poderia acontecer um mês, um ano, dez anos depois. Então a gente desde pequeno foi, independente das coisas erradas que meus pais fizeram, não, que meu pai fez, ele também foi sempre conversando com a gente, foi bem prestativo de chegar “oh, filho, isso não pode”. Quando eu era criança, se eu chegasse com alguma coisa dentro de casa, vamos supor, pegasse um carrinho de alguém na rua, chegava dentro de casa “onde você pegou esse carrinho? Quem te deu? Foi fulano? Vamos lá em fulano”. Chegava lá, fazia a gente ir lá, perguntava se deu mesmo, então desde criança a gente trabalhou dessa maneira, sempre com a verdade, sinceridade, saber respeitar os outros, então acho que a gente acabou aprendendo desde pequeno a ser homem, porque hoje homem é isso aí, respeitar o lugar e as coisas dos outros e não mexer em nada que não é da gente, o que é da gente é da gente e o que é dos outros a gente tem que correr atrás para tentar conseguir algo melhor. Também nunca ficar olho nas coisas que é dos outros. É isso aí.

[1] E na relação com sua esposa, dentro dessa mesma lógica, o que pra você seria “ser mulher”, agora que você convive diariamente com ela?

[2] Ah, pra mim, no meu modo de pensar, ser mulher, o que acontece, é a mesma coisa do homem, ter responsabilidade, ter compromisso e seriedade, né? A mulher correr atrás daquilo que, vamos supor, vai trazer benefícios pro casamento, tentar arrumar um serviço, não necessariamente, mas tentar arrumar um serviço, cumprir com suas responsabilidades de esposa dentro de casa...

[1] Que seria o que?

[2] Ah, vamos supor, você chega do serviço cansado e sua mulher, vamos supor, a casa já tem que estar pronta, com os deveres dela como mulher estar pronto. É casa limpa, roupa, comida, e quando você precisar também conversar com alguém não ser só sua mulher, ser uma amiga, uma companheira, saber te entender nos momentos difíceis, porque todo mundo tem momento difícil. Todo mundo, em algum momento, precisa ser ouvido, precisa trocar ideia para ser entendido, então pra mim é isso aí. Mulher também é..compreender suas responsabilidades e não só uma mulher, só um objeto sexual, porque muitos pensam assim: mulher é um objeto sexual e né? Sem mais, sem menos. Mas é cumprir com as responsabilidades dela, ser amiga, companheira, né? É isso aí.

[1] Ok. Bacana. E ah, sobre o seu amigo, que você disse a outra vez, que frequentava a sua casa e é homossexual...

[2] Ah, o [...]? Acho que é o [...].

[1] Isso. Você ainda fala com ele, convive?

[2] Falo, ele até tá morando em casa hoje.

[1] Ah, ele está morando na sua casa?

[2] Ele tá morando em casa. Aconteceu de ele brigar com a família dele, se desentenderam, a gente também não entrou em detalhes, perguntou se poderia morar com a gente, e como a gente é amigo e se conhece há muito tempo e eu confio nele, minha esposa confia nele, criou um laço, não só como amigo, como um membro da família, perguntou se podia morar lá, não ia trazer risco algum a gente. Convivo normal com ele, graças a deus a gente se trata bem, sempre soubemos respeitar um ao outro, então... amizade continua sempre forte, e é isso aí.

[1] Entendi. E ele está quanto tempo lá?

[2] Ah, acho que vai fazer umas duas semanas.

[1] Ah, foi recente então...

[2] Isso, mas o vínculo da gente sempre foi de, sabe, ligar, conversar, ver se está precisando de alguma coisa, todo final de semana estava em casa, então sempre foi como se fosse um membro da família. A gente não é só colega de rua, de festa, sempre foi um membro da família e tá aí com a gente até hoje, se precisar da gente novamente, a gente vai ajudar, e onde come um, come dois... a gente vai tentar sempre procurar melhorar a vida, não só minha, da minha esposa e dele também. Todo mundo é tratado da mesma forma, entendeu? Independente da opção sexual.

[1] Legal. Bacana.

[2] E ah, só para retomar o caso da violência, né? Então, a gente tava falando violência. A violência não começa dentro da comunidade, a violência começa fora, com quem? Com pessoas grandes, vamos supor assim, com pessoas, como eu falei na hierarquia, com pessoas que estão lá no topo da hierarquia, porque se você pegar a bala de um revólver e plantar no fundo da sua casa, você pode ter certeza que não vai nascer um revólver ali. Se você pegar um pino de cocaína e colocar no fundo da sua casa, você pode ter certeza que não vai nascer cocaína. Igualmente com maconha. Então o que acontece: a violência começa desde lá de cima, quem faz essas drogas chegar até a comunidade? Então a violência começa aí: as pessoas que são mais fortes que a gente, eles fazem tudo girar em torno das comunidades, das pessoas carentes, pra prejudicar o outro, pra matar o outro. Sempre assim. Pra quê? Para que eles possam ficar lá em cima, sossegados, né? Porque alguém lutando pelo que é deles, eles

não vai ser prejudicado, de maneira alguma, não é verdade? Se eu lutar pelo que é seu, você não se prejudicar de maneira alguma. Por quê? Se acontecer alguma coisa comigo, vai acontecer comigo e pronto e acabou. Então, o lance começa nisso aí também, né? Porque não é fácil droga chegar dentro de uma comunidade. Alguém está por trás disso: polícia, promotor. Pode ter certeza que alguém, vamos dizer assim, com conceito no município, no lugar da cidade pra droga tá chegando, droga tá saindo, revólver, é onde que violência começa. Amigos, companheiros, tão se matando um ao outro por causa disso, por causa de uma, vamos por aí, por causa de uma riqueza de ilusão, tudo é uma ilusão. No mundo do crime, tudo é ilusão, a gente tem hoje e amanhã a gente já não sabe. O que acontece: a violência pra mim é isso aí, nada chega do nada.

[1] Bom, de perguntas era mais isso mesmo, se você quiser falar mais alguma coisa, era mais para retomar essas questões mesmo, com foco na questão mesmo da violência. Apenas mais uma pergunta: Desde quando você teve que cumprir o seu ato lá na Fundação Casa, houve uma mudança na ideia do que era violência ou na sua relação com as drogas?

[2] O que acontece, antes da gente entrar numa Fundação Casa, a gente pensa de uma forma. Vamos supor, a gente pensa que...não é que a gente pensa, a gente vive num mundo de ilusão, igual eu falei: antes da gente entrar na Fundação Casa é tudo ilusão, a gente acha que, no nosso modo de pensar, eu vou ficar rico, vou ficar milionário, vou ter carro, vou ter moto, vou ter fama, vou ter quem eu quero, as mulheres que eu quero, tudo do bom e do melhor. E depois que você cai numa Fundação Casa, que você está passando isso tudo aquilo, você para pra pensar, aprende a ter paciência, aprende a conversar, você aprende a fazer tudo que vai trazer benefício pra gente. O que acontece, na Fundação Casa você aprende a viver novamente. Pelo menos comigo foi assim, depois que eu entrei na Fundação Casa e depois que eu saí, posso falar que minha vida mudou 100%. Antes, eu era estudioso, sempre fui estudioso, minha família não foi uma das melhores de dinheiro, mas com educação, a gente sempre foi tratado com educação, veio de sangue a educação. O que acontece, aí depois que eu entrei na Fundação Casa, aprendi a ter paciência, a enxergar as coisas com mais facilidade, o que eu deveria fazer, em momentos, né, em circunstâncias difíceis, quando eu tivesse perto de alguém que para mim não seria bom, a gente aprende a olhar o mundo da maneira que é, e não a ilusão, a gente aprende a viver com tudo aquilo que é verdade, que não é nada fictício, né? Então, assim, depois que eu fui pra Fundação Casa, foi tudo bem diferente, a minha vida melhorou muito.

[1] Então lá na Fundação foi tranquilo?

[2] Lá na Fundação, vamos dizer assim, não foi tranquilo porque não é um lugar onde a gente espera estar, né, a gente jamais vai querer ou esperar estar num lugar daquele lá, mas fora isso foi tranquilo, porque graças a deus eu sempre tiver facilidade para conversar, para se expressar, pra entender e pra fazer as coisas, então na Fundação você tem que respeitar os funcionários que estão lá. E uma pessoa tendo facilidade pra isso, sabendo respeitar os espaços dos outros, ela vai ter facilidade para chegar em qualquer lugar, independente do lugar, ela vai ter facilidade pra chegar no lugar, conversar, trocar ideia, saber respeitar os espaços das outras pessoas, então, foi tranquilo sabe? E agora eu só tenho que erguer a mão pro céu e agradecer a deus porque a minha vida melhorou muito, porque foi um momento difícil quando eu passei lá, foi, mas vamos dizer assim: eu encaro, eu passei pela Fundação Casa, eu encaro como uma experiência de vida, que eu posso levar para minha vida inteira. E quando surgiu a oportunidade da gente conversar, vamos supor, dar palestras, conversar com adolescentes, né, que está pensando em se envolver aonde não deve, a gente pode tá passando alguma mensagem boa, pode tá conversando, pode tá apresentando e contando nossa história de vida, que eu acho que se eu tivesse alguém para contar uma história de vida, como eu to contando, eu acho que não tinha chegado nesse ponto, não tinha acontecido tudo o que aconteceu, mas pra mim eu não carrego isso como um erro, carrego isso, como eu falei, como uma oportunidade de conhecer outras maneiras de viver, né? Sempre é bom a gente conhecer. Então eu encaro isso aí como algo positivo a mais na minha vida.

[1] Legal. Mais alguma coisa que você quer falar?

[2] Acho que só.

[1] Bom, obrigado mais uma vez.

Anexo 02 - ENTREVISTA 02 – Parte 01 - Leandro

Tempo de gravação: 00h16min

Local: Instituição Socioassistencial

Pesquisador [1] Me conte a sua história de vida, destaque os fatos mais relevantes, desde o momento em que você nasceu até o dia de hoje em que você está cumprindo as medidas socioeducativas. Conte o que você quiser e disponha do tempo que achar necessário para isso.

Participante [2]: Quando eu era pequeno, meu padrasto batia muito em mim, batiam tanto que chegava a sair sangue. Com final dos tempos com 16, 17 anos eu apanhava muito, daí eu falei assim “ah, não quero mais apanhar, vou embora pro meu pai” e minha mãe não deixava eu ir embora. Daí certo dia ele veio me bater aí eu saí fora, fui pousar pra fora, daí rolou com outros muleques bagunça e... machucava muito ele batendo em mim e eu falei assim, se ele batesse mais uma vez em mim eu matava ele. Aí foi indo, depois ele não veio mais procurar eu, não vou mais na casa dele.

[1]: Como que aconteciam esses episódios com o seu padrasto quando pequeno?

[2] Quando eu trabalhava, eu trabalhava, né, por exemplo a gente trabalhava na chácara, aí eu apanhava pra puxar casquinha, massinha, tira leite de vaca, essas coisas e batia muito em mim e no meu irmão aí teve um dia que eu falei assim “vou embora e tal tal” aí eu saí pra rua e pousei uns, quatro, três dias pra rua, aí eu fui pousar na casa da minha vó... daí fiquei pra rua, depois voltei pro meu pai, depois voltei, voltei agora, casei e to pagando esse negócio aí do serviço comunitário.

[1] Como foi a sua infância, me fale um pouco sobre ela.

[2] Só trabalhando.

[1] Você estudava?

[2] Estudava, mas nem ia pra escola direito.

[1] Como que era a sua rotina quando você era criança que tem lembrança?

[2] Ah, era chegasse em casa era direto pro serviço, tirar leite, cuidar de vaca, essas coisas assim.

[1] E na escola?

[2] Na escola tinha vez que ele foi me busca na escola porque perdi a hora, cheguei atrasado, ele foi me buscar na escola para eu trabalhar, tirar leite, essas coisas.

E esse caso que eu to pagando aqui é que a mina denunciou eu...

[2] Denunciou...?

[1] Assim, ela ficava direto lá em casa, né? E ela se jogava pra mim na casa da minha vó, na minha casa que era pertinho as casas. Ela se jogava pra cima de mim e tal, daí um dia eu fui na casa dela, assim eu ia direto na casa dela, levei um pen drive lá, daí foi, rolou, daí ela queria namorar comigo, sei lá, a Mariana tinha uns negócio com o pai dela, com o meu padrasto, daí ela queria me denunciar, não sei que rolo que foi, que daí ela foi lá e denunciou eu, e to pagando até hoje, só que não converso mais com ela.

[1] Ela te denunciou por...

[2] Estupro.

[1] Me conta como era na sua casa? Você tem irmãos?

[2] Era bem, mas a minha mãe não sabia conversar com a gente, grita muito, meu padrasto eu nem gostava dele, não me tratava bem, depois que completei 16 anos não deixei mais.

[1] Você sempre morou na chácara?

[2] Eu sempre morei na chácara

[1] Sempre... E amizades quando você era pequeno como era?

[2] Ah, eu não tinha muitas amizades, porque minha mãe não deixava né. Não tinha amizade porque só trabalhava, trabalhava. Aí depois quando fui pousar pra fora aí arrumei amizade. Pousei uns 3,4 dias pra rua. Depois botou até choque pra mim não entra dentro de casa, essas coisas.

[1] Como era com seus irmãos. Tem irmãos?

[2] Tenho um irmão e agora vem uma irmãzinha.

[1] O seu irmão tem sua idade?

[2] Tem 14 anos.

[1] Você é o mais velho?

[2] Sou o mais velho.

[1] E como é a relação com seu irmão?

[2] Meu irmão é tranquilo. Nós brigava bastante, mas briga de irmão, essas coisas.

[1] Tem alguma história que ocorreu na chácara que foi importante pra você e que queira falar?

[2] Eu apanhava pra fazer serviço de adultos, essas coisas. Tudo que tinha na minha casa eu fazia e bateram ni mim, e com isso eu revoltei.

[1] E além disso, tinha mais acontecimentos? Você brincava?

[2] Brincava, era difícil a gente brincar. A gente apanhava pra fazer as coisas.. eu saia da escola pro serviço, escola- serviço, nem saía.

[1] E na escola, como era com os amigos de lá? A relação com os professores?

[2] Era bem, depois foi mudando...

[1] Era bem como?

[2] Ah, estudava certinho, depois com o tempo não queria ir mais pra escola...

[1] Por que depois você não queria mais?

[2] Ah, não sei o que deu ni mim. Saí de casa falei que não ia voltar mais...

[1] Com que idade você saiu da sua casa?

[2] Acho que era com 16 anos.

[1] E o que te fez sair de lá?

[2] Ele veio... ele (padrasto) me batia muito, né? Ele mandou eu buscar um não sei o que... razão, que precisava também, acho que eu tinha uns 15 anos. Eu falei assim: “ah, não vou”, e ele pegou e bateu ni mim e eu falei: “você não vai mais bater ni mim”. Peguei um pedaço de pau dizendo que ele não ia mais bater ni mim e saí de casa. Minha mãe foi atrás, mas eu não voltei pra casa.

[1] E aí você foi pra onde?

[2] Fui pra rua, pousar na rua. Pousava na praça, ia pra outra cidade...

[1] E o que você fazia quando estava na rua?

[2] Ah, bastante coisa. Negócio de drogas, essas coisas, foi tudo.

[1] E como era, você conheceu muitas pessoas?

[2] Conheci bastante gente. Foi mudando, né, daí eu fui embora, tiveram que internar eu, fui embora, depois voltei agora.

[1] Agora pra rua?

[2] Fui embora pra lá (outra cidade) com meu pai. Depois eu voltei, casei.

[1] Me conte um pouco sobre a sua rotina na rua.

[2] Eu não dormia.

[1] Por quê?

[2] Porque ficava o dia inteiro na rua. De dia e de noite.

[1] Você nem descansava?

[2] Ah, nem descansava, deitava assim de vez em quando no banco, ficava na rua.

[1] Como que você comia?

[2] Ah, comia na casa de um, comia na casa de outro, com meus colegas lá de outra cidade.

[longa pausa]

[1] E agora você casou?

[2] Casei.

[1] Me fale um pouco.

[2] Casou, tem uma casa lá no fundo da casa da vó dela. A gente vive sempre brigando, mas vai levando.

[1] E como você a conheceu?

[2] Ah, conheci quando eu treinava, ela treinava também.

[1] Você treinava?

[2] Corrida. Conheci lá na corrida, foi batendo papo, conversando até que... cheguei um dia e tal fui embora, né, depois eu voltei pra passear, peguei ela e levei embora né, não falei com ninguém. Levei embora, depois nós viemos, conversei com a família dela, ela queria vir morar pra cá e decidimos vir morar pra cá.

[1] Quando você começou a fazer corrida?

[2] Ah, desde os sete anos.

[1] E você treinava onde?

[2] Treinava lá na instituição e aqui numa outra.

[1] E você sempre gostou?

[2] Ah, gostava...

[1] Hoje em dia você corre?

[2] Hoje não. Parei

[1] Como era a relação com o seu pai?

[2] Com o meu pai era bom. Com o meu padrasto que eu não converso mais não. Ele pode tá ali perto mas eu não converso mais com ele. Com a minha mãe eu converso, mas com ele não. Tinha dia que ele me batia e saia sangue.

[1] E como isso ficou na sua cabeça?

[2] Eu não converso com ele. Queria matar ele. Depois pois até choque pra pegar ni mim. Meu irmão que avisou eu, senão tinha levado choque. Meu irmão ficou me falando, senão eu ia levar choque. Choque de cavalo, choque de boi, essas coisas. Punha eu na janela pra mim pular.

[longa pausa]

[1] O que você via na rua? O que encontrava geralmente nesse tempo que ficou?

[2] Os caras mais colegas meu. Eu não ficava mais sendo explorado, trabalhando.

Eu via de tudo (na rua). Via um monte de coisa. Eu comecei a beber, fumar, e foi indo...

[1] É a primeira vez que você está cumprindo medida aqui?

[2] Primeira vez.

[longa pausa]

[1] Me conta um pouco da história que o levou a cumprir a medida. Você achou justo, não achou? Como foi?

[2] Ah, não achei justo porque eu acho que ela queria namorar comigo, mas eu não queria, aí ela foi lá e denunciou eu. Com o tempo, depois que eu sai e fui morar com o meu pai eu comecei a entrar em droga, vende droga, essas coisas...

[1] E como foi essa experiência?

[2] Ah, foi bem ruim, porque os policia já ia catar eu...

[1] Você chegou a ser pego?

[2] Não... já acho com droga, mas não pegou.

[1] Você só vendia droga?

[2] Vendia, usava...

[1] Tem mais algo que você queira falar? Outros eventos da sua infância ou da sua adolescência?

[2] Eu não brincava direito na minha infância, só trabalhando, trabalhando, trabalhando...

[1] Uma vida muito séria?

[2] É. Muito serviço, muito trabalho.

[1] E como que você vê isso tudo hoje? Tudo o que você passou.

[2] Ah, não espero pra ninguém aquilo que fizeram comigo. Não espero pra ninguém.

[1] Qual é o sentimento que você tem com relação a tudo isso?

[2] Ah, eu não gosto dele, não converso com ele. Nem se eu vê ele na rua, pra mim ele é um estranho. E ele nem fala comigo também.

[1] Quem hoje dia te oferece mais apoio, mais suporte?

[2] Minha vó, minha mãe, meu pai... são esses daí.

[1] Como sua família reagiu ao descobrir que você ia cumprir a medida?

[2] Ah, como assim?

[1] Qual foi a reação deles, ficaram surpresos. Como é que foi? O que eles falaram? Sua mãe, seu pai?

[2] O que aconteceu da menina?

[1] Sim.

[2] Ah, minha mãe me bateu, ele queria me bater. Foram vê daí, vê advogado, essas coisas. Depois que souberam que tava usando drogas, queriam me internar, essas coisas.

[1] Bom, não sei se você quer falar mais alguma coisa, me contar mais algo.

[2] Não, tá bom.

[1] Ok. Agradeço sua participação, mais uma vez, e encerramos por aqui.

 ENTREVISTA 02 – Parte 02 - Leandro

Tempo de gravação: 19h30min

Local: Instituição Socioassistencial

Pesquisador [1]: Continue me falando sobre a sua história como fizemos na última entrevista...

Participante [2]: Eu ia até a escola normal, todos os dias, voltava, ia pro serviço, não saía direito. Depois mais pra frente quando tive idade comecei a sair, fui andando na praça, aí minha mãe não me deixava muito ligado aí eu voltava pra embora. Era legalzinho na escola, daí voltava pra casa, trabalhava e ia pra praça, de vez em quando hein e meia-noite tinha que tá em casa, antes da meia-noite.....e minha vida era normal, depois que eu fui embora, sei lá, parece que tá em outro lugar que não se sente bem aí voltei pra cá de novo.

[1] Como foi essa diferença de realidade?

[2] Ah, outra coisa...

[1] Diferencia um pouco essas realidades.

[2] Ah, lá era bem pior...

[1] Pior como?

[2] Ah, muito esses negócio de droga, essas coisas, ainda mais cidade bem pequena... tem uma cidadezinha que é maior do que [...]

[1] Que cidade? Maior do que tal?

[2] Depois de [...], acho que era [...] Tamanho de [...] eu acho.

[1] Então você morou em [...] e depois veio para cá?

[2] É, morei em [...] Depois eu vim pra cá de novo.

[1] E você nasceu aqui?

[2] É, nasci aqui, depois fui pra lá, fiquei oito meses lá com meu pai, depois voltei.

[1] Voltou pra cá?

[2] Voltei. Agora não faz nem três meses que to aqui em [...].

[1] Então você morou em [...], [...] e [...].

[2] Isso. Agora eu to querendo morar em [...].

[1] Por quê?

[2] Ah, outro lugar, né, tem mais movimento, tem onde trabalhar lá, aqui não tem muito.

[1] Você ficou oito meses em [...]. Que idade você tinha?

[2] Tinha uns 13,14 anos.

[1] Qual foi a diferença da sua infância em [...] e depois quando foi pra [...]?

[2] Lá era muito pior. Lá eu morava com o meu pai né, morava numa casa. Meu pai morava no fundo e eu morava na frente, agora meu pai foi preso.

[1] Lá em [...]?

[2] Lá em [...].

[1] Como foi pra você isso?

[2] Ah, eu já sabia que ele ia rodar.

[1] Mas como você sabia?

[2] Porque na época a gente vendia droga lá. Daí eu vazei de lá.

[1] Mas você não sofreu nada lá?

[2] Não.

[1] E a situação que aconteceu aqui nada tem a ver com lá?

[2] É, faz pouco tempo que eu voltei de lá. Daí meu pai veio pra cá me visitar.

[1] Ah, veio?

[2] Veio. Passar o final de ano pra cá e depois ele foi pra lá de novo.

[1] E como é sua relação com ele?

[2] Meu pai? É da hora.

[1] O que você mais aprendeu com ele?

[2] Ah, aprendi muita coisa, né.

[1] Me fale um pouco sobre o que você aprendeu.

[2] Ele também gosta de mexer com criação e eu também gosto. Ele gosta de matar a criação e eu também gosto.

[1] O que vocês faziam juntos?

[2] Saía, nós ia se diverti junto, aonde eu ia ele ia também.

[1] Uma relação bem próxima...

[2] É, quase irmão.

[1] E quando ocorreu tudo isso foi bem difícil pra você?

[2] É, tive que ir embora, quis soltar meu pai.

[1] Ele vai ficar muito tempo?

[2] Não sei. Fiquei sabendo faz pouco tempo também, faz umas duas, três semanas que ele tava preso.

[1] Quando você veio pra cá, você estranhou?

[2] É, mudar de cidade foi um pouco também, mas depois acostuma. Eu já era daqui, né? Tenho bastante amigos daqui. Lá eu não tinha amigo nenhum, saía do serviço ia pra cama, da cama pro serviço, não tinha nem TV nem nada. Eu morava sozinho, né. Da cama pro serviço, do serviço pra cama. E meu pai trabalhava até de noitão, ele trabalhava de pedreiro e eu trabalhava na fábrica, chegava 5 horas e dormia e levantava 5 horas da manhã.

[1] E aqui você está morando com sua mãe?

[2] Não, to morando sozinho.

[1] Ah, aqui você mora com a sua esposa?

[2] É.

[1] E sua mãe mora aqui também. E como é sua relação com ela?

[2] Sim. Ah com a minha mãe é mais ou menos.

[1] Mais ou menos como?

[2] Ah, tem umas brigas. Ela não sabe falar com a gente, ela fala gritando aí eu perco a paciência. Aí começa a gritar e eu já sou explosivo também, já mando... perco a paciência.

[1] Mas por que ela briga?

[2] Ah, briga por causa de serviço, briga porque meu irmão vai lá em casa, ela não gosta que meu irmão sai comigo, não gosta que eu fique indo lá muito, essas coisas assim.

[1] E com a sua esposa, com é a relação?

[2] Ah, bem, mas agora a gente largou. Largo mas volta, larga e volta.

[1] Mas o que acontece? Brigas?

[2] É, discussão normal. A vó dela mora na casa da frente aí ela vai pra casa da vó dela.

[1] Mas você está na naquela casa?

[2] Isso, to no fundo.

[1] Esses desentendimentos são frequentes?

[2] Mais ou menos, né?

[1] Mas o que gera esses conflitos?

[2] Amigos e emprego.

[1] Tem alguma história sobre isso que você queira falar.

[2] Ah, é que meus amigos chegam lá e ela não gosta, ela gosta só de ficar dentro de casa, presa. E eu não gosto muito de ficar dentro de casa.

[1] Gosta de sair?

[2] É. Num churrasco, numa praça, não gosto muito de ficar dentro de casa não. E ela prefere ficar dentro de casa.

[1] E com os seus amigos o que gosta de fazer?

[2] Beber, andar atrás de meninas aí... e é isso que nós faz só. Tem vez que faz coisa errada.

[1] Tem alguma história sobre isso?

[2] Já passei muito mal na praça bebendo.

[1] Geralmente era só bebida ou tinha algum dia que aconteciam mais coisas?

[2] Ah, quando eu tava muito nervoso eu bebia pra cá mesmo, e uma vez deu coma alcoólico ni mim e eu fui pra Santa Casa. Eu bebi demais.

[1] Mas nervoso por quê?

[2] Ah, nervoso demais, briguei com a minha mãe, briguei com a minha mulher, saí e falei que ia beber, depois bebi, passou 20 minutos e fiquei todo gelado. Passei na UTI, fiquei lá, tomei cinco bolsas de soro, deram injeção.... deu overdose, coma alcoólico, deu um monte de coisa lá. E eu ficava se batendo, aí deram injeção e eu apaguei, a pressão baixando. Depois saí de lá, to bebendo maneirado agora, depois de tudo. Mas tem vezes que a gente fica nervoso e quer beber e quer desandar.

Tem dias que eu chego até a pousar pra fora pra não ir no lugar. Por exemplo, brigo com a minha mulher, minha mulher tá lá em casa e não vou lá e bebo e fico lá pra rua.

[1] E o tempo que você ficou na rua, como foi?

[2] Ah, mais ou menos, é ruim pousar pra fora.

[1] Me conte um pouco sobre essa experiência.

[2] Ah, eu briguei com a minha mulher, daí nós chegava ali na praça, chegava uns colegas lá e nós ficava bebendo, bebendo e virava a noite ali na praça, qualquer lugar que tinha fervo a gente ia...

[1] O fervo era?

[2] Menina dançando, bebendo, barzinho, baile funk, em [...] também...

[1] Como era o baile funk?

[2] Baile funk? Ah, os cara chega e canta com aquelas luzinhas piscando e você dança né.

[1] E o que rola no baile funk?

[2] Mais é droga. Mulherada, bebida.

[1] Como era o ambiente lá? Tranquilo? Tinha violência?

[2] Bastante, bastante.

[1] E você via muita coisa? Como era?

[2] Via bastante gente.

[1] Brigando?

[2] No baile funk mesmo que teve aqui tinha um cara lá com revolver e os caras saíram tudo correndo. Confusão, aí não cheguei lá perto, bala perdida...

[1] Mas você não sabia o motivo...

[2] Só vi o cara com o revolver lá e saí correndo.

[1] Mas é comum esse tipo de situação?

[2] É comum. Vai com o revolver e se sair uma briga ele já tá armado.

[1] É comum ter tiroteiro então?

[2] É, já vi muito hein. Lá em [...] eu vi um cara matar o outro na minha frente. O cara parou o carro lá e acertou com o outro. Daqui era no bar assim mais ou menos, dali da frente. O cara sentou a bala no outro.

[1] E na rua, você via muita violência?

[2] Ah, via bastante.

[1] Você presenciava muita coisa então?

[2] Presenciava bastante. Já o vi o cara dar canivetada no outro. No baile funk se o cara for pedófilo os caras lincham mesmo. Não gosta dos caras que fuma pedra, não gosta.

[1] Não gosta por quê?

[2] Porque é discriminado. Os caras que fuma pedra são isolado. Coloca um cara que fuma pedra na cadeia pra vê. Os caras lincha ele. Pedófilo. Coloca um pedófilo na cadeia junto com os outros. Os caras lincha. Já era. O cara vira muié lá dos cara.

[1] Vira mulher?

[2] Vira mulher.

[1] Como assim, como é?

[2] Os cara regaça com ele. Ele gosta de come muié a força. Os cara regaça com ele lá dentro.

[1] Quando você estava na rua, você via tudo isso? E seus amigos estavam no meio disso também?

[2] Tava.

[1] Vocês viam mais, estavam no meio?

[2] Não. De vez em quando, quando eu estava meio chapado eu entrava no meio e saía na briga. Quando a gente tava chapado saía briga, quando o cara olhava, mexia, nós saía na briga. Saía até bala, tiro.

Quando tem briga assim, tem vez que o “disciplina” chega e acalma tudo, mas tem vez que não...

[1] Disciplina?

[2] Disciplina é os irmão que manda. Porque disciplina todas as coisas cai na mão dos disciplina, do que acontece na cidade.

[1] Então são os “caras” que comandam, é isso?

[2] É. Se o cara pedófilo matou a muié e caí na mão dele, ele vai lá e mata o cara ou cobra a fita do cara. Cai tudo na mão dele. Disciplina ou irmão.

[1] Era um grupo bem unido, então?

[2] É. Quando nós tá no baile funk assim tem vez que nem sai briga, mas tem vez sai até tiro. Quando os irmão não tá, os disciplina os cara até briga.

[1] E quando ele está?

[2] Os cara respeita. É como juiz, se os cara manda acabou. Por exemplo se o cara manda matar um outro ali, ele vai lá e mata.

Se o cara fizer coisa errada também. Por exemplo o cara da briga tá errado, o disciplina vai saber por que os caras tão brigando. Ele vai puxar a ficha do cara.

[1] Pelo o que você disse é mais homem que briga?

[2] Mulher também. Tem vez que sai tiro, tem vez que não sai, o cara cobra da mulher. Lá no baile tinha um cara agarrando a menina a força aí os caras linchou ele. Sorte que chegou um outro cara lá e saiu correndo e montou dentro do carro. E os caras pegou o carro e foi atrás dele. Não sei o que aconteceu depois do baile. Acho que era 6 horas da manhã.

[1] E como era pra você? Sentia medo?

[2] Você conversa com todo mundo de boa, aí quando sai briga, você sai pra lá.

[1] E quando você se envolvia na briga?

[2] Você tem que sair fora. Tem que deixar os cara lá. Senão você morrendo lá. Por exemplo to com uns amigos aqui e sai uma briga ali vai todo mundo pra lá porque tá todo mundo reunido ali. Aí vai todo mundo na briga.

[1] Mais alguma coisa que você queira me contar?

[2] Não.

[1] Bom, então encerramos por aqui.

Anexo 03 - ENTREVISTA 03 - Júnior

Tempo de gravação: 00h28min

Local: Instituição Socioassistencial

Pesquisador [1]: Pode começar. (explicação sobre a proposta de narrativa autobiográfica foi feita anterior à transcrição)

Participante [2]: Bom, eu sou Júnior, nasci em [...], morei na vila até os dez anos de idade. Minha infância lá era boa, brincava com os amigos, jogava bola na rua, soltava pipa. Depois dos dez anos de idade fui morar na [...] e to morando lá até hoje. Na escola sempre fui péssimo aluno, só fazia bagunça, não fazia nada, repeti dois anos a quarta série, aí completei 15 anos, comecei a andar com amizade errada, comecei a fumar maconha, comecei a cheirar farinha, aí foi indo e parei de estudar, tava estudando na oitava série e repetia, aí estudei um ano lá na oitava série, repeti, não...parei de estudar, aí comecei a andar com amizade errada de novo, aí fui preso, aí sai agora, aí voltei a estudar e parei de cheirar farinha, só fumo maconha agora e to indo assim, to estudando, to fazendo curso. Minha relação com minha família depois dos 15 anos foi ruim e eu não respeito mais eles, não fico mais junto com a família, só converso com a minha mãe de vez em quando, com meu pai nem falo direito, tenho um irmão. Meus pais são separados desde quando eu nasci e meu pai não fala mais comigo, só de vez em quando, a minha mãe, a relação é bem pouca, mas nós conversa, briga um pouco, mas conversa. Só tenho um irmão de dez anos...

[1] Na sua infância, você disse “ah, eu não era um bom aluno”. Você tinha amigos lá na escola?

[2] Tinha. Tinha muito amigo lá na escola, tava brigando com as professora, tenho um monte de amigo...

[1] Brigando como?

[2] Xingando a professora, não fazia nada, desde pequeno eu não faço nada na escola, aí repeti dois anos na quarta série. Fui pro “grupão” e repeti lá também, depois passei e fui para o “grupinho” e to no grupinho estudando até hoje lá.

[1] E com sua família como que era?

[2] Era bem, aí eu completei 15 anos e comecei a desandar, andar com pessoas erradas...

[1] E antes dos 15?

[2] Era bem, eu não saía de casa. Completei 15 anos e comecei a sair de casa, comecei a cheirar, comecei a fumar maconha, comecei a vender droga, comecei a roubar, comecei a desandar e aí eu fui preso. E aí agora eu só fumo maconha só, não cheiro mais não, só de vez em quando.

[1] E com o seu pai e sua mãe, como era?

[2] Era bom antes, mas depois que eu completei 15 anos não foi a mesma, eu saía e não tinha hora pra voltar, saio e volto a hora que eu quero, chego em casa brigando.

[1] Você fica muito tempo na rua?

[2] Fico.

[1] O que mais você fazia na rua?

[2] Só vendia droga antes, roubava, cheirava.

[1] E você tinha bastante amigos lá?

[2] Tinha. Tenho até hoje.

[1] Como é sua relação com eles?

[2] É bem.

[1] Na escola você acabou saindo por quê?

[2] Acabei saindo porque eu peguei muita falta, matava muita aula, aí eu peguei e saí da escola. Aí eu desandei lá e fui preso.

[1] O que te fez com 15 anos a mudar assim?

[2] Comecei a fumar maconha...

[1] Você experimentou por um amigo?

[2] É, comecei a fumar maconha com as molecada, depois nós foi lá e começou a cheirar, aí eu comecei a vender droga, comecei a roubar, comecei a traficar, comecei a fazer tudo, aí ficava cheirando dia e noite e fui preso.

[1] Você foi preso por...?

[2] Tráfico. Fui preso e tava fumando maconha e vendendo droga e saí agora. Agora eu cheiro de vez em quando e fumo maconha e parei de fumar cigarro. To estudando e fazendo curso agora.

[1] O que você fazia quando era criança?

[2] Jogava bola, soltava pipa, não saía de casa, aí eu completei 15 anos e comecei a sair de casa.

[1] E essas outras atividades você continuou a fazer depois dos 15?

[2] Não. Jogava bola até os 15 e agora não jogo mais.

[1] E na rua o que mais você fazia além de vender e usar drogas?

[2] Ficava andando de bicicleta a noite, dia e noite, ia na porta da escola vê as meninas .

[1] Como era sua relação com as meninas?

[2] Ah, tenho meus contatos, facebook, pela mensagem.

[1] Você já namorou?

[2] Já. Uma vez.

[1] E como é que foi?

[2] Foi bom.

[1] Como era o namoro?

[2] Ah, era bom, eu cheirava com a mãe dela, com a mãe da menina. Aí nós largou, aí a menina foi embora pra outra cidade.

[1] Você sempre morou em [...]?

[2] Sempre.

[1] E como você vê hoje em relação a antes?

[2] Ah, antes era melhor, ficava com a família, não saía de casa e agora eu não fico mais em casa.

[1] Você mora...?

[2] Com a minha mãe e meu irmão de 10 anos.

[1] E continua morando lá?

[2] Moro.

[1] E como é a rotina lá?

[2] Ah, agora tá bem, to estudando e fazendo curso.

[1] Você faz curso de que?

[2] Auxiliar administrativo, segunda, terça e quarta à tarde.

[1] Mas, como é a rotina na sua casa?

[2] Ah, acordo 6h30, vou pra escola, chego meio-dia e meia. Dia de segunda eu vou pro curso, e depois que eu chego eu saio pra rua vou na porta da escola e depois fico na rua

andando de bicicleta à noite. Vou embora umas 10, 11 horas da noite de segunda à sexta e sábado e domingo volto tarde, 3,4 horas da manhã.

[1] E o que você faz no fim de semana aqui?

[2] Fim de semana aqui? Nós vai no peão, nós vai na praça, fuma um baseado, dá uns tiros, ir na casa de umas minas lá em cima ali.

[1] Dar uns tiros...?

[2] Cheirar. Saí eu e meus colegas. Aí dá umas meia-noite, uma hora a gente vai na casa de umas minas ali e dá umas 4, 5 horas vamo embora.

[1] Umas meninas? E o que vocês fazem?

[2] Fuma maconha, bebe, fica lá com as meninas.

[1] Você chegava a se envolver em brigas enquanto estava na rua?

[2] Não, nem era de briga não. Era tranquilo, só gostava de roubar...

[1] E como seus pais reagiram quando descobriram que você ia cumprir a medida?

[2] Ah, eles iam me ver lá na febem.

[1] Eles iam lá?

[2] Só a minha mãe. Também eu fiquei só 45 dias.

[1] Foi em [...]?

[2] Foi em [...]. Aí eu saí...ah, eles pegam no pé, né, meu? Agora eu to estudando e fazendo curso e agora eles não pegam mais tanto no meu pé não...

[1] Você de fazer mais algo além de sair a noite?

[2] Eu gosto só de sair a noite, saí de dia e de noite só. Gosto de jogar bola, ir na casa das minas.

[1] E como é sua relação com essas meninas? Como você as enxerga?

[2] Ah, é bem tranquilo. Vejo como uma pessoa normal.....

[longa pausa]

[1] Você está em que ano agora?

[2] Oitava série ainda...

[1] E como foram esses 45 dias em que você ficou na Fundação Casa?

[2] Ah, foi ruim hein.

[1] O que você via lá, como que era?

[2] Via funcionário batendo em menor, via discussão, via de tudo, né?

[1] Como você se sentiu lá? O que você fazia?

[2] Estudava, jogava bola, assistia filme o dia inteiro.....conversava com os caras lá.

[1] E com o seu pai, como que é?

[2] Briguei com ele né, ele não fala mais comigo.

[1] Você brigou antes de tudo isso?

[2] Ele era folgado, queria as coisas do jeito dele, aí eu comecei a xingar ele. Aí ele não falou mais comigo e eu não falei mais com ele.

[1] Ele mora aqui?

[2] Mora.

[1] E você não tem mais contato?

[2] Não, contato eu tenho, mas ele vai em casa conversa com a minha mãe e com meu irmão.

[1] Hoje em dia o que é o seu pai pra você?

[2] Nada.

[parte desconsiderada 12:10 -13:20]

[1] E a sua mãe a relação, vocês chegaram a brigar?

[2] Nós brigava direto. Chegava em casa locão de farinha ela via. Nós brigava. Ela sabia que eu roubava e vendia droga.

[1] Por que você roubava?

[2] Ah, porque sim, as amizades arrastava pra roubar.

[1] Era pra vender, pra usar?

[2] Não, roubava dinheiro, pegava dinheiro. Nós gastava metade em farinha, bebida e muiurada. Um monte de coisas. Ia pra [...].

[1] Vocês faziam bastante festinhas?

[2] Não, a gente ia pra [...] só, pra zona, ia lá bebia e cheirava. Fazia um monte de coisa, voltava no outro dia.

[1] E na zona, me conte mais sobre.

[2] Ah, tinha um monte de muié, pó, maconha, bebida. Aí depois que eu saí da Febem eu não fui mais pra lá.

[1] O que você mais gostava na rua, o que era mais legal?

[2] Era as menina.

[1] A sua relação era mais ir lá...

[2] Minha relação era mais com o pó.

[1] Você pegava dinheiro pra sair com elas?

[2] É, pra sair com as meninas.

[1] E nas “zonas” o que mais você encontrava?

[2] Tinha mulheres, outras pessoas. Nós passava, sabe aquele trevo lá de [...], lá na saída da [...]?

[1] Sim.

[2] Não tem um monte de mulher bonita que fica lá? Não sei se tem ainda, nunca mais fui. Nós passava em quebrada e pegava as menina e ia pros motel lá de [...], levava farinha, bebida. Ficava lá a noite inteira.

[1] Além das meninas vocês encontravam outras pessoas?

[2] Não.

[1] Vocês iam em outros lugares?

[2] Ia na [...] ali, ia na avenida... a avenida ali de [...], ia pras quebradas cheirar. Nós ia em tudo quanto é lugar ali...

[1] Você ainda vê essas mulheres?

[2] Nunca mais vi...

[1] Você conversava com elas?

[2] Ah, trocava algumas ideias, mas só.

[1] E com as meninas aqui?

[2] Ah, eu converso, tudo...

[1] Tem amizade?

[2] Tenho.

[1] E qual a diferença entre as meninas daqui e de lá?

[2] Ah, de lá era só pra “come”, cheirar, beber e sair fora. E daqui não, nós tem amizade e tudo.

[1] Só amizade?

[2] Ah, não acontecia também. Acontece até hoje.

[1] E é tranquilo?

[2] Tranquilo. Tudo gente boa...

[1] Tem alguma história que você ache legal falar? Algum fato que aconteceu e você achou interessante em toda essa sua trajetória? Com a família, na rua, com os amigos? Como foi o dia em que tudo aconteceu (das medidas), o que você estava fazendo?

[2] Tava fumando maconha na biqueira do meu colégio com ele (amigo). No portão, os polícia foi lá invadiu e prendeu nós.

[1] Foi direto, foi uma denúncia?

[2] Não, já era biqueira faz um bom tempo, aí invadiu e pegou nós lá. Pegou nós lá e levou na delegacia e depois fomo pra FEBEM.

[1] Você e seu amigo foram pra lá? Ainda tem contato com ele?

[2] Agora não mais.

[1] Como você se enxerga daqui pra frente?

[2] Ah, depois de tudo que eu fiz, tenho que mudar de vida, né?

[1] Tudo aquilo aconteceu com 15?

[2] Não, eu fui preso ano passado, em novembro. Dia 01 de Novembro, saí dia 13 de Dezembro. Daí quando completei 15 anos já comecei a roubar, usar droga.

[1] E daqui pra frente como você enxerga?

[2] Não, agora to estudando, fazendo curso, ser alguém na vida. Parar de fazer coisa errada, né? Estudar, terminar o estudo e fazer curso pra arrumar um serviço.

[1] E a sua família? Sua relação com eles?

[2] Ah, sei lá, hein?

[1] Não pensou em muita coisa?

[2] Não pensei não, hein? Eles também não ligam pra mim, que se foda eles. Quero saber deles não...

[1] Com o seu irmão?

[2] Eu converso com meu irmão, brinco com ele. Só com o meu pai que não estou conversando...

[1] Antes a relação com seu pai...?

[2] Era bem...

[1] O que você fazia com ele?

[2] Fazia nada, ia na casa dele, almoçava com ele, conversava com ele, agora não converso mais...

[1] Hoje em dia você tem algum exemplo, alguma pessoa que você...

[2] Não.

[1] Ninguém famoso?

[2] Não.

[1] O que você gosta de ver na TV, por exemplo?

[2] Eu nem assisto direito, mas quando assisto vejo a globo, novela, filme. Fico mais no celular, no facebook à noite quando eu chego em casa... fico no facebook a madrugada toda...

[1] E o que você faz no facebook?

[2] Conversando com as menina, escutando as coisas, vendo as coisas...vendo vídeos, as fotos que as meninas posta... e TV é jogo, filme e só... e novela.

[1] E na internet você fica mais no facebook?

[2] Só no facebook. E mandando mensagem, SMS...

[1] E na escola hoje, você se dá bem?

[2] Não, eu faço bagunça ainda...só no curso que eu faço lição...

[1] O que você acha da escola?

[2] Ahhhhhh, escola é ruim, né? Ir na escola, estudar...

[1] O que você não gosta na escola?

[2] Não gosto dos professor, não gosto do diretor, não gosto de ninguém, só gosto das menina...

[1] E por que você não gosta deles?

[2] Porque eles são folgados, eles querem mandar em tudo na escola, eles acham que manda nos alunos...

[1] E lá com os seus amigos?

[2] É da hora os meninos.

[1] O que vocês fazem lá, na hora do intervalo?

[2] A gente fica lá conversando com as meninas, comprar esfirra. Nós fica lá dando umas volta na escola e depois volta pra sala.

[longa pausa]

[2] Se saí errado essa nós grava outra...

[1] Tranquilo, acho que vai ficar boa a gravação...

Você tem mais alguma história para contar, algo bacana, engraçado, algo que te marcou?

[2] Ah, eu só lembro disso só...

Você não vai mostrar pra ninguém (autoridade) isso não?

[1] Não, pode ficar tranquilo.

Você foi o primeiro a cumprir medida socioeducativa na sua família?

[2] Não, até os 15 anos eu não saía de casa, era bem família, coisa de criança, sabe? Depois quando fiz 15 aí comecei a roubar, cheirar, fumar, ganhar dinheiro fácil, aí já era...

[1] Como você teve contato com as pessoas que vendiam?

[2] Comecei a fumar cigarro, aí comecei a andar com a molecada da vila e comecei a fumar maconha, aí depois parei de andar com a molecada da vila e comecei a andar com a molecada da lagoa que mora perto da minha casa. Aí eu tava num bar com meu primo e ele começou a cheirar aí um amigo me ofereceu um caroço de farinha aí foi eu e mais colegas cheirar, aí nós cheirou... daí foi assim, eu comecei a roubar, comecei a ganhar dinheiro fácil e comecei a vender droga, comecei a fazer um corre aqui, outro ali e foi assim...

[1] Você fazia muitos corres?

[2] Não, roubava, fim de semana. Quando tava sem dinheiro eu roubava, vendia droga todo dia, pega responsa, né? Das sete às sete (da noite), vendia droga... aí foi indo...

[1] E na sua família já tinha tido algum caso de outra pessoa que tinha passado por essa situação?

[2] Sim, o meu primo. Tá preso em [...].

[1] E você tinha contato com ele?

[2] Não, conheci ele uma vez só. Ele morou uma cota em casa e depois foi pra [...] e voltava aqui trazendo droga aí ele foi preso em [...].

[1] Você saía com ele?

[2] Não, eu conversava mais só, fumava um cigarro com ele fora...aí eu comecei a andar com os outros caras lá. Aí no outro trevo que nós tava cherando um outro primo me deu um pacote de farinha...

Aí eu comecei a sair de casa todo dia....

[1] Esse outro primo também morava aqui?

[2] Mora aqui.

[1] Na sua família você só tem contato com sua mãe, seu irmão... e outros parentes?

[2] Meus tios. Meus tios também não converso muito não, de vez em quando, quando eles vão lá em casa...

[1] Mais alguma coisa que você queira falar?

[2] Não... você vai passar pro papel isso aí? Quantos minutos foi?

[1] 28...

[2] 28 minutos? Ou, tudo isso? Não vai mostrar pra ninguém não, né?

[1] Não, pode ficar sossegado.

[2] Se ficar ruim, nós faz outro...

[1] Beleza. Então, obrigado mais uma vez e a gente encerra aqui.

Anexo 04 - ENTREVISTA 04 - Márcio

Tempo de entrevista: 00h29min

Local: Instituição Socioassistencial

Pesquisador [1]: Bom, então, gostaria que você me falasse sobre sua história de vida, os fatos mais marcantes dela, o que de mais importante aconteceu e o que você justamente achou mais relevante.

Participante [2]: Ah, desde a infância, né? Meu pai e minha mãe brigando dentro de casa, bebendo, né? Aí nós fica com aquele remorso que ficava meio bravo, não sei, daí com 13 anos eu comecei a conhecer uns “maus” amigos, aí fui partindo pro lado errado, aí comecei vendendo droga, aí vi que meu irmão também usava, né, aí meu irmão chegou a bater na minha mãe, daí aquilo lá foi...deixando meio...ah, meio...não sei explicar assim...eu fiquei meio injuriado com meu irmão. Aí meu irmão também usava droga e aí meu irmão chegou pra mim e disse: “oh, experimenta” daí eu fui e experimentei. Daí até hoje eu tento sair dessa vida, meu irmão parou, tá com filho, e eu até hoje tento sair, vou pra igreja agora pra ver se eu consigo sair dessa vida agora, mas tá difícil...

[1] Me conte um pouco sobre sua família. Você tem quantos irmãos? Mora com seus pais? Como que é?

[2] Agora eu to morando com meu irmão, sem ser esse aí que meu droga, né? O outro. Eu tenho dois irmãos e duas irmãs. Meu pai e minha mãe moram aqui até hoje...

[1] E seus outros irmãos moram com seus pais?

[2] Não, meus outros irmãos são tudo casados já...

[1] Ah, eles são mais velhos?

[2] Eu sou o mais novo

[1] Aí você está morando com um dos seus irmãos mais velhos?

[2] To.

[1] E como está sendo?

[2] Ah, normal, legal morar com ele...

[1] E com os seus pais, como era quando você morava com eles?

[2] Ah, muita cobrança, muita falação na minha cabeça. Ah, não aguentei não e quis sair de lá, aí peguei minhas coisas e fui pra casa do meu irmão. Meu irmão tinha chamado já pra ir morar com ele, aí eu falei que não dava e aí começou as cobranças daí eu falei: “ah, agora eu vou”. Aí eu fui pra lá...

[1] Me conte um pouco sobre como foi sua infância, na escola, na família, com seus amigos. Como era?

[2] Minha infância eu não lembro muito não...

[1] Você não lembra muito? E um pouco mais pra frente?

[2] Ah, difícil lembrar assim, só lembro quando sofri o acidente assim que eu operei do baço..

[1] Você sofreu acidente?

[2] É, eu tive torcicolo, eu bati a barriga na mesa, aí eu operei com 09 anos. Arranquei o baço fora. Era muito arteiro na escola, né?

[1] Entendi. E como ficou depois de tudo isso?

[2] Ah, não lembro direito.

[1] Mas antes disso você não lembra de muita coisa?

[2] Só lembrava de briga só.

[1] De briga? Como? Com os alunos...?

[2] É.

[1] Tinha muitas brigas?

[2] Tinha, era briguento.

[1] E brigava por quê?

[2] Brigava por causa de nada. Maloqueirão da escola.

[1] E como era o seu bairro?

[2] Ah, era tranquilão, meu bairro era tranquilo. Meus irmãos moravam tudo com nós ainda né, aí eles vigiava eu, né, pra eu não brigar tanto na rua. Eu tinha que ficar dentro de casa...

[1] Ah, então você não saía muito?

[2] Não saía muito, aí depois que eu começou a pegar uma certa idade, minha mãe começou a soltar mais eu. Porque eu não saía...

[1] E como foi dessa idade para frente? Como era no seu bairro, você saía muito? O que você fazia, o que gostava de fazer?

[2] Eu gostava de jogar uma bola. Na frente de casa mesmo, gostava de reunir uns amigos e tomar um tereré, jogava um bola, jogava um baralho. Pra mim eu acho assim que curtia uma coisa na minha vida também que o tal daquelas brincadeira de compasso, né? Já ouviu falar?

[1] Compasso?

[2] É, se falar coisa ruim e tudo mais assim?

[1] Acho que eu já ouvi dizer, talvez não me lembro ao certo os detalhes.

[2] Então daí a gente tava brincando de compasso e eu tava fumando com meus amigos. Aí todo mundo perguntando se podia embora, daí não podia, daí eu fui embora. Ah, não pode, quero ver quem manda ni mim, daí eu fui embora. Aí parece que a partir desse dia a minha vida arruinou...

[1] Me explica como era essa brincadeira?

[2] Assim, você marca o abecedário inteiro, daí você marca do um até o vinte, aí nós ficava rodando e ficava parado assim, daí o “coisa ruim” que mexia o compasso, mexia sozinho, nós só segurava em cima. Daí eu não mexia no negócio, ia falando o número. Aí tinha uma hora que eu queria parar e não deixavam. Aí eu fui embora. Depois que eu fui embora “ele” deixou todo mundo sair, só eu que fiquei exorcido, daí eu coloquei na cabeça...

[2] Quantos anos você tinha?

[3] 13 anos.

[1] O que aconteceu depois?

[2] Ah, comecei a me revoltar, comecei a fazer várias coisas, comecei a roubar dentro de casa...

[1] Você roubava com que objetivo?

[2] Ah, roubava pra ter dinheiro mesmo. Aí depois mais pra frente com 15 anos eu comecei a roubar pra uso de droga. Aí foi por uso de droga...aí eu roubava, todo dia eu tava roubando, não tinha hora e não tinha local, qualquer lugar eu. Não interessava se era casa de família, eu roubava mesmo. Mas agora eu não tenho vontade. Esses dias eu tive uma recaída, to usando droga de novo, sábado agora. Mas agora to de bem de novo, to indo na igreja. Vou ter um encontro agora sexta feira que vem da igreja, vou num acampamento. Agora to mais tranquilo, eu também não gosto de briga mais, né? Antes eu gostava, mas agora não gosto mais. Fico longe de confusão, não saio mais de casa. Aí fico tranquilo.

[1] Como era a relação com sua mãe e seu pai?

[2] Ah, minha mãe, meu pai assim, entre os dois? A relação dos dois?

[1] Não, a sua com eles.

[2] Minha com eles? Normal. Eles não batia ni mim, faziam nada. Aí a relação é deles, só brigavam também...

[1] Entre eles?

[2] Entre eles mesmos...tacava cadeira um no outro, os dois bebe cerveja, né? Fica meio loco. Daí as vezes eu tinha que entra no meio, as vezes me machucava, entrava pra ele não bate na minha mãe. Daí eu tive que entra, daí ele acertava a cadeira ni mim e tudo mais.

[1] Isso acontecia constantemente?

[2] Era final de semana, porque o meu pai trabalhava a semana inteira e final de semana ele bebia. Daí chegava brigando. Mas agora melhorou.

[1] Com isso, como era a relação com seu pai?

[2] Ah, era legal, hein? Agora, bem ruim.

[1] É, por quê?

[2] Muita cobrança. Agora que ele viu que eu não tenho cabeça ele quer me cobrar, fica cobrando as coisas. Aí vai, fica entrando na cabeça e vai dando raiva. Só falando na cabeça.

[1] Cobrando o que?

[2] “Vai atrás de emprego, você não pode ficar parado, você não faz nada, vai fazer alguma coisa”. Esses negócios, pra procurar emprego, né...todo dia, todo dia a mesma coisa.

[1] E na escola, você está estudando...?

[2] Não, eu parei. No 1º ano. Eu tinha parado pra faze.... com 15 anos eu tinha parado de estudar, com 15 ou 14 anos, não lembro direito. Daí eu parei de estudar, e fiquei até os 17 sem estudar. Aí eu fui preso, né, aí fiz a oitava série, né. Eu fiquei quatro anos parado, acho. Quatro ou três anos sem estudar. Aí lá na Fundação Casa eu fiz a oitava série e saí de lá com ensino médio completo. Agora to no primeiro colegial.

[1] Então agora você voltou a estudar?

[2] Não, ainda não... agora to vendo se vou ficar firme ainda, né, aí depois eu volto.

[1] Entre esse período que você disse que ficou sem estudar e que foi preso, o que aconteceu exatamente?

[2] Ah, uso de droga, né?

[1] Você acabou sendo preso por quê?

[2] Roubando, né?

[1] Você ficou quanto tempo na Fundação Casa?

[2] Um ano, um mês e quatorze dias...

[1] Você sabe todos os dias? rs.

[2] É, rs, contei todos os dias...

[1] E como foi o período lá?

[2] Ah, não vou falar que foi ruim, foi bom também, né, pra mim ter uma lição de vida...

[1] Como era lá dentro?

[2] Ah, era briga constantemente, né?

[1] Briga, ah é?

[2] É, sempre tinha briga. Eu mesmo briguei uma par de vezes lá dentro...

[1] Mas por que tinha muitas brigas lá dentro?

[2] Ah, era muita intriga, né? Ah, os caras procurava rolo com você do nada. E você vai apanhar? Não pode ficar quieto. Eu não vou apanhar de graça, eu vou bater também. Aí era a hora que eu ia pro cinto, né?

[1] E como os funcionários lidavam com essa situação?

[2] Ah, os funcionários eram chatos, os funcionários batem em você toda hora.

[1] Bate também?

[2] Toda hora eles bate.

[1] Mas bate de graça também?

[2] Você passou e não falou licença eles já dá uns tapas em você. Já tive que ficar na solitária uns dias. Eu já fiquei um mês sozinho numa sala, sem colchão, sem nada. Fiquei um mês.

[1] Por quê? Por briga?

[2] Briga. Um mês. E quase todo o dia eu tomava uns tapas dos funcionários.

[1] E como era a rotina lá? O que vocês faziam? Tinha horário?

[2] Ah, tinha horário pra estudar, tinha horário pra curso, tinha horário pra fazer esporte, tinha horário de tudo. Horário pra dormir, pra assistir filme. Cada um tinha a sua atividade. Eu mesmo saí com três cursos de lá. Três diplomas.

[1] E do que era?

[2] De padeiro, curso de assentamento de piso e informática.

[1] Além das brigas que você já citou, como era sua relação com os outros meninos?

[2] Ah, era boa. A relação era legal.

[1] Quando você chegou lá havia determinadas regras entre eles?

[2] Tinha.

[1] Me conte como era.

[2] Ah, eles colocavam regra em tudo lá. Era tudo organizadinho, sabe? Lá não tinha bagunça, mas qualquer coisa era motivo de briga. Lá eles mesmos colocavam as regras.

[1] E se você desobedecesse as regras já era motivo para briga?

[2] Já era motivo para eles saí pegando você de murro. Aí também eu não ficava quieto, ia pra cima e era aí que eu me ferrava também.

[1] Você lembra de alguma regra que tinha lá?

[2] As regras dos malandro você diz?

[1] Isso.

[2] Você não podia xingar a mãe de vagabundo, não pode tirar as ideias dos caras. Eu to conversando com você aqui e chega outro e se mete na conversa, é motivo pros caras pegar já. Tinha o banheiro próprio pra fazer necessidade, banheiro pra se masturbar, né?

[1] Era dividido?

[2] É, tinha dois banheiros. Um banheiro pra necessidade e o outro para urinar e se masturbar. Se você fosse no banheiro de necessidade pra fazer essas coisas errada lá, você era pegado.

[1] Mas, por quê? Foi estabelecido?

[2] Foi estabelecido. Ia lá só no banheiro de necessidade. Se você fizer alguma coisa você vai se pegado. Era pegado mesmo.

[1] E o que mais que tinha?

[2] Ah, tinha mais coisas, mas eu me esqueci de tudo. Eu não trouxe muita coisa lá de dentro pra fora não...

[1] E coisas boas, o que rolava lá dentro? Você fez amizades?

[2] Fiz, fiz. Tinha um menino lá que se converteu. Ele tinha matado um cara lá e ele se converteu lá dentro. Ficou dois anos e dois meses. Ele se converteu lá dentro, ficava jogando uma cachetinha, ficava jogando um xadrez, conversando. Agora ele tá tranquilo, eu tenho notícias deles ainda. Agora ele saiu primeiro que eu, né? Aí logo que ele saiu deu um mês eu saí.

[1] Teve esse período e você voltou pra cá. E como foi a partir de lá para frente?

[2] Eu voltei e tive uma relação boa com a minha mãe e meu pai, me aceitaram bem. Fiquei tranquilo. Aí eu tive a primeira recaída. Aí eles encheram minha cabeça e eu peguei minhas coisas e fui morar na casa de um amigo meu. Daí morei lá e tudo e daí eu tive uma recaída sábado agora.

[1] Reaída você fala...?

[2] Uso de droga. Aí eu recaí. Aí eu falei: “agora não dá mais, agora eu vou procurar ajuda”. Ah, se eu for passar por isso de novo eu não aguento. Daí eu fui pra casa do meu irmão, daí lá eu to indo pra igreja e tudo. Agora eu vou para um encontro com a igreja.

[1] Você está há quanto tempo lá?

[2] Ah, eu fui terça feira agora. Vou ficar com meu irmão lá uns meses. E depois de uns meses vou voltar pra Santa Catarina. Minha irmão morava lá, né? Aí ele voltou por causa do filho dele, pra dar uma atenção pro filho dele.

[1] Desde quando você voltou da Fundação Casa veio pra cá cumprir a medida?

[2] Eu saí de lá e já vim pra cá ver o que eu tinha que cumprir, porque o juiz de lá deu liberdade definitiva pra mim sem eu assinar nada. Aí eu vim pra cá ver se era isso mesmo, aí chego e o juiz daqui me deu outro b.o pra eu assinar. Aí eu tenho que assinar. Se eu não assinar eu vou pra lá de novo.

[1] E como está sendo aqui?

[2] Tranquilo, normal. Eu cumpro com as regras normal aqui. Quando eles mandam eu vim eu venho.

[1] É bem diferente de lá?

[2] É bem diferente. Vish maria... aqui você pode andar pra tudo lado. Aqui não fica preso, né?

[1] E o que mais você levou de lá? De aprendizado pra sua vida? O que mais te marcou lá na Fundação Casa?

[2] O que mais me marcou que aconteceu lá dentro comigo?

[1] É, isso mesmo.

[2] Ah, a coisa ruim foi briga. O que mais me marcou lá dentro foi briga mesmo. Lá a briga era feia. O que me marcou de coisa boa foi os curso que eu fiz lá. Tive um aprendizado bastante grande. Eu vou até tocar pra frente alguns cursos... o que me marcou foi essas coisas. Eu não me esqueço de uma pessoa de lá de dentro que era minha técnica, minha assistente social. Hoje é minha amiga.

[1] Por quê? O que tinha de bacana nessa relação?

[2] Ah, ela era muito boa pra mim mesmo. Vish, faz tempo, hein? Eu gosto dela, hein? Eu tinha ciúmes dela lá dentro. Mas eu gosto dela como se fosse uma irmã lá dentro, sabe?

[1] Aham.

[2] Não pro lado assim, de namorar, essas coisas...eu tinha um respeito grande por ela. Vou pedir para alguém ligar pra ela aqui pra eu conversar com ela.

[1] Lá dentro havia hierarquia entre os meninos?

[2] Não tinha não. Lá dentro qualquer coisa, qualquer b.o que você faz lá, dependendo do b.o, se for um roubo, você fica tranquilo, agora se for um estupro, aí lá dentro você apanha todo dia.

[1] Eles não aceitam?

[2] Eles não aceitam. É, os ladrão, eles são foda.

[1] Tem mais coisas que eles não aceitam lá?

[2] Ah, roubar quebrada, roubar perto da sua casa eles não aceitam. Tipo assim, você é nória de crack, vamos supor, você vai e faz programa com outro cara pra conseguir sua grana, eles não aceitam. Tem várias coisas que eles não aceitam. Se atirar o cara, roubar a droga do cara eles não aceitam.

[1] E chega lá apanha?

[2] Chega lá apanha, se pegou a mulher do cara, se você quebrou a mulher do outro você apanha também...e todo mundo descobre, não tem como não descobrir...

[1] Não tem como não descobrir?

[2] Não, os caras descobrem tudo. Os caras são de outra cidade e descobre coisas nossa daqui de nossa cidade. A notícia espalha rápido lá dentro. Os funcionários mesmo levam notícia pra mim. Eles gostam de ver a caveira dos outros lá dentro. Eles gostavam de ver sentando o coro. Funcionário lá é foda também.

[1] E como eram suas relações amorosas? Já namorou?

[2] Já.

[1] E como era? Me conte um pouquinho.

[2] Namorei duas vezes só. Uma delas fiquei uns três, quatro meses e a outra vez eu fiquei dois anos e pouco, né? Aí eu fui preso. Aí quando eu tava três meses lá dentro a minha mãe me disse que ela tinha me traído. Aí na hora eu fiquei bravo, falei que ia matar ela, tudo, né? Aí nos três meses eu não tinha mudado de cabeça ainda, né? “Eu vou matar ela”, pensando em matar. Aí com o tempo, com uns nove meses de internação comecei a mudar meu pensamento. Pensei: “fazer o que? Se ela quis assim deixa ela viver a vida dela”. Aí eu vim pra cá e ela veio pra conversar comigo, mas na hora eu fiquei nervoso, né? Ela veio conversa comigo e eu nervoso saí andando. Conversei com ela esses dias. Aí depois no outro dia eu

falei: ah, vou ter que conversar com ela um dia ou outro vou ter que conversar com ela. Aí eu fui atrás dela na frente da escola pra conversa com ela. Aí ela falo que queria voltar comigo, e eu disse que não dava mais, falei pra ela que não ia aguentar olhar pra cara dela e pensar que ela já fez isso comigo um dia. Porque quando eu fiquei com ela, nunca fiz coisa errada com ela. Ela sabe disso, aí ela vai e faz uma palhaçada dessas comigo?

[1] E depois disso você ainda tem contato com ela?

[2] Ah, eu tenho amizade com ela ainda, mas assim...só amizade, né? Tem que vez que eu to conversando com ela e eu até paro para num xingar ela. Eu lembro das coisas que ela fez comigo e eu fico bravo.

[1] E com a outra ex-namorada você ainda tem algum contato?

[2] Ah, não, foi uma coisa mais passageira, sabe? Eu cheguei a pedir na casa dela e tudo, né. Fiquei namorando com ela dentro da casa dela, aí teve um tempo que não deu mais, aí eu larguei fui pra minha casa e ela ficou na casa dela. Eu cheguei a morar junto com ela na casa dela. Na casa do pai dela. Fiquei três meses com eles.

[1] E como foi esse tempo lá?

[2] Ah, era legal. Ela era da igreja, né? Aí depois que eu larguei dela, ela começou a virar uma biscatinha e tudo mais. Foi biscatear, né? Ficou dando pra todo mundo aí na rua. Até hoje ela encontra eu e quer ficar comigo, mas eu não quero mais, não dá certo.

Eu to indo na igreja, né? Tem uma menina, desde a minha infância eu gosto dela, e eu encontrei ela dentro da igreja. Daí ela falou que tá namorando, e eu disse: “Ah, tudo bem, né, que Deus ilumine o relacionamento de vocês”. Se não der certo, se for da vontade de Deus ela vai ficar comigo, mas se não for, fazer o que...eu não vou dar em cima da mulher do cara, tem que respeitar...mas se não for da vontade de deus, fazer o que...

Agora eu não tenho vontade de namorar tão logo. Se for com uma pessoa que eu gosto até que vai, mas se for pra mim ficar assim, fica meio difícil.

[1] E como era quando você saía na rua, você ia em festa, como era?

[2] Ia muito na rua, vish, os caras gosta muito de ir no baile funk lá em outra cidade.

[1] Ah, é? E o que rolava no baile funk?

[2] Nossss, só droga, putaria...nossa senhora...

[1] Você ia mais nessas festas?

[2] Ia mais nesses estilos de festas...quando tinha baile funk pra ir e tinha festa com a minha família, eu escolhia o baile funk e deixava minha família de lado. Ia com os amigos e deixava

meu pai e minha mãe de lado, meu irmãos e ia pro baile funk. Ficava três, quatro dias na outra cidade perdido lá...

[1] Ah, rolava por vários dias?

[2] Vários dias. Teve um lá que rolou por duas semanas seguidas. Um dia antes nós fez um roubo e nós pegou 35 mil, aí nós falou: “vamos se perde no baile”. Aí nós pegamos 15 mil e compramos um quilo de cocaína e levamos pro baile. Aí o resto nós só bebemos e cocaína na mesa. Nós encheu a casa de um colega nosso de puta, de biscataiada, cheirando e a muié em cima, só putaria...

[1] Tinha muita briga lá ou era tranquilo?

[2] Não, era tranquilo lá. Os caras andavam armado também, os caras não deixavam nada rolar não...no meio do baile funk os caras tudo armado. Nunca rolou briga nesse baile funk, desde quando eu frequentei não...

Mas também agora eu não tenho vontade de ir nesses lugar mais não. Eu vou onde o meu irmão for, se o meu irmão for eu vou...

[1] E ele vai?

[2] Meu irmão não curte muito não, meu irmão é caseiro.

[1] E o que você mais gostava lá no baile?

[2] Nossa, eu gostava da putaria. Eu ia mais por causa das muié, rs.

[1] Tinha muita mulher lá?

[2] Nossa, muito, hein? Até hoje as muié liga no celular do meu irmão, porque elas tem o número do meu irmão, eu não gosto de celular, eu não gosto de ser rastreado, ficar ligando pros outros. Aí eu não gosto de celular, aí eu passei o número do meu irmão e disse: qualquer dia você liga pro meu irmão, se eu tiver tranquilo nós conversa, se eu não tiver...

Elas ligam quase todo dia pra mim ir pra lá, mas eu... da última vez ligou e eu tava em casa dormindo, aí meu irmão acordou eu, e eu falei: ah, fala que eu não quero falar com ninguém, aí eu fui dormir de novo. Ah, mas é gostoso, né? Mas agora se eu quiser seguir o caminho de Deus eu tenho que largar tudo isso aí...

[1] Tem mais alguma coisa que você queira me contar sobre a sua vida?

[2] Só isso mesmo...

[1] Ok. Então a gente encerra aqui. Quero agradecê-lo por contar sua história!

Anexo 05 – Parecer do Comitê de Ética



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE
ASSIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Masculinidades e violência em narrativas de adolescentes em conflito com a lei
Pesquisador: Caio Andréo Silva
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 17441513.1.0000.5401
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 535.788
Data da Relatoria: 13/02/2014

Apresentação do Projeto:

A relevância da pesquisa partiu de estudos e levantamentos que apontam para uma maior prática de atos infracionais por adolescentes do gênero masculino, tanto no cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto (prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida) quanto em meio fechado (semiliberdade e internação). Do mesmo modo, os adolescentes do gênero masculino são também os que mais sofrem com a própria violência, segundo autores citados. A pesquisa se justifica ao propor que se pense em possíveis interlocuções entre masculinidades e violências, devendo-se recorrer também às relações hierarquizadas de gênero e seus produtos, assim como compreender como se deu sua construção e de que maneira elas ainda se efetivam nos dias de hoje, segundo palavras do autor deste projeto em avaliação. A proposta preliminar, a partir das ideias apontadas acima, sugere reflexões na perspectiva de gênero, para investigar as possíveis interlocuções entre masculinidades e violência, e como o gênero se constitui ao longo de suas vidas, para então compreender o modo como as diversas formas de violências os atravessam. O autor se pergunta se as maneiras de subjetivação dos homens na atualidade podem propiciar ou mesmo incentivar a consolidação e vitimização de atos violentos.

Endereço: Av. Dom Antônio, 2100
Bairro: Vila Tênis Clube
CEP: 19.806-900
UF: SP **Município:** ASSIS
Telefone: (18)3302-5607 **Fax:** (18)3302-5804 **E-mail:** cep@assis.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE
ASSIS



Continuação do Parecer: 535.788

Objetivo da Pesquisa:

Geral:

A pesquisa tem como objetivo descrever o processo de construção de masculinidades e suas interfaces com a violência, através de narrativas autobiográficas por adolescentes do gênero masculino que cometeram atos violentos contra a vida e que cumprem ou já cumpriram medidas socioeducativas.

Específico:

Identificar valores, práticas e significados, na perspectiva de gênero, construídos pelos adolescentes sobre o ato infracional e o atual cumprimento das medidas socioeducativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação de riscos foi agora contemplada no TCLE, sendo que se pressupõe neste que, ainda, se farão esclarecimentos verbais. Foi feito um TCLE para os participantes também (os jovens). Os benefícios revertem-se em publicações e conhecimento científico sobre o tema em pauta, além de seus resultados poderem ser utilizados para embasamento de políticas públicas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de importância atual ao considerar questões sobre violência e gênero, além de se constituir em pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica bem fundamentada e com referências adequadas ao tema, além de atualizadas. Não denota oferecer riscos aos participantes, embora estes sempre possam ocorrer ao se tratar de pesquisa inter-humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram apresentados adequadamente, com as pendências referentes ao TCLE devidamente contempladas. O autor apresentou nova Declaração de Infraestrutura, com o logo da instituição e identificação da função da pessoa que o assina. Inseriu riscos e responsabilidades por estes nos TCLE, um para os responsáveis e outro para os participantes diretos da pesquisa, os adolescentes. Foi elaborado um novo cronograma, a partir da deliberação do CEP local.

Endereço: Av. Dom Antônio, 2100
Bairro: Vila Tênis Clube CEP: 19.806-900
UF: SP Município: ASSIS
Telefone: (18)3302-5607 Fax: (18)3302-5804 E-mail: cep@assis.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE
ASSIS



Continuação do Parecer: 535.788

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Regimento Interno do CEP prevê que o pesquisador apresente relatórios, de acordo com as datas estabelecidas pelo CEP. O não encaminhamento dos relatórios implicará no impedimento temporário da apresentação de novos protocolos, até que este regularize a situação pendente. Os RELATÓRIOS deverão ser apresentados em AGOSTO/2014 e FEVEREIRO/2015. No relatório Final deverá se informado como foi realizada a devolutiva do resultado da pesquisa aos sujeitos. **ATENÇÃO: QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO DEVE SER INFORMADA AO CEP COMO EMENDA AO PROJETO.**

ASSIS, 20 de Fevereiro de 2014

Assinador por:
Regiani Aparecida Santos Zacarias
(Coordenador)

Endereço: Av. Dom Antônio, 2100
Bairro: Vila Tênis Clube **CEP:** 19.806-900
UF: SP **Município:** ASSIS
Telefone: (18)3302-5607 **Fax:** (18)3302-5804 **E-mail:** cep@assis.unesp.br